

Aprender a Ensinar:

experiências docentes na Educação Profissional

Karla Marques da Rocha
Guilherme Diego Fockink
Sthéfany Possamai Gomes
(ORGS.)



Aprender a Ensinar:

experiências docentes na Educação Profissional

Karla Marques da Rocha
Guilherme Diego Fockink
Sthéfany Possamai Gomes
(ORGS.)



Editor Chefe

Ivanio Folmer

Bibliotecária

Eliete Marques da Silva

Revisora Técnica

Gabriella Eldereti Machado

Diagramação

Gabriel Eldereti Machado

Capa

Guilherme Diego Fockink

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva - UNIDAVI

Prof. Dr. Astor João Schönell Júnior - IFFAR

Prof. Dr. Alan Ricardo Costa - UFRR

Profa. Dra. Andréia Bulaty -UNESPAR

Profa. Dra. Carla da Conceição de Lima - UFVJM

Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza - UNISC

Profa. Dra. Clarice Caldeira Leite - UFRGS

Profa. Dra. Cecilia Decarli - UFRGS

Prof. Dr. Carlos Adriano Martins - UNICID

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira - UFCE

Profa. Dra. Dayse Marinho Martins - UFMA

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL

Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio -UFRGS

Prof. Dr. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos - FASESP

Profa. Dra. Elane da Silva Barbosa - UERN

Profa. Dra. Elen Gomes Pereira - IFBA

Profa. Dra. Francielle Benini Agne Tybusch - UFN

Prof. Dr. Francisco Odécio Sales - IFCE

Prof. Dr. Francisco Ricardo Miranda Pinto - UFCAT

Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo - UCB

Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho - UFAL

Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch -UFSM

Profa. Dra Liziany Müller Medeiros - UFSM

Profa. Dra Marcela Mary José da Silva - UFRB

Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler - UFSM

Prof. Dr. Michel Canuto de Sena - UFMS

Profa. Dra. Mônica Aparecida Bortolotti - UNICENTRO

Prof. Nilton David Vilchez Galarza - UPLA

Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza - UEPB

Prof. Dr. Rafael Nogueira Furtado - UFABC

Prof. Dr. Roberto Araújo da Silva Vasques Rabelo - UNISANTOS

Prof. Dr. Rodrigo Toledo - USCS

Prof. Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza - UERJ

Prof. Dr. Sidnei Renato Silveira - UFSM

Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin - UFOB

Prof. Dr Tomás Raúl Gómez Hernández - UCLV

“O conteúdo do texto e a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade exclusiva dos autores de cada capítulo”.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Aprender a ensinar [livro eletrônico] :
experiências docentes na educação
profissional / Karla Marques da Rocha,
Guilherme Diego Fockink, Sthéfany Possamai
Gomes (orgs.). -- Santa Maria, RS : Arco Editores,
2025.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5417-429-9

1. Educação profissional 2. Estágio (Educação) –
Brasil 3. Prática de ensino 4. Prática pedagógica
5. Professores – Formação I. Rocha, Karla Marques da.
II. Fockink, Guilherme Diego. III. Gomes, Sthéfany
Possamai.

25-252006

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Estágios : Professores : Formação profissional : Educação 370.71

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



10.48209/978-65-5417-429-9

“O conteúdo dos artigos é de inteira responsabilidade de seus autores, não representando completa ou parcialmente a opinião da editora, ou dos organizadores deste livro.”



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
-------------------	---

CAPÍTULO 1

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO O VIVER DOCENTE NA DISCIPLINA DE INFORMÁTICA.....	10
--	----

Augusto Gouvêa Weber

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Erika Goellner (Supervisor)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-0

CAPÍTULO 2

REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO III DO PROGRAMA ESPECIAL DE GRADUAÇÃO.....	19
--	----

Débora Bonesso Andriollo

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Eliane Caldas da Silva (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-1

CAPÍTULO 3

A VIVÊNCIA COMO DOCENTE EM CURSO TÉCNICO.....	29
---	----

Fernando Fernandes Canavezi

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Luiz Antero de Oliveira Peixoto (Supervisor)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-2

CAPÍTULO 4

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE: VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENSINO III NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.....	37
--	----

Gabriel de Araujo Lopes

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Tatiana Taschetto Fiorin (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-3

CAPÍTULO 5

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: EXPERIÊNCIAS NO CURSO TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE.....48

Guilherme Diego Fockink

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Patrícia Sabino da Silva (Supervisora)

Franciele Antônia Neis (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-4

CAPÍTULO 6

A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....60

João Antônio Rodrigues Santos

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Denise Estivalete Cunha (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-5

CAPÍTULO 7

DE VOLTA AO NINHO.....69

Juliana Cechin Quinhones

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Lidiane Viera Machado (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-6

CAPÍTULO 8

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DO PERFIL E DA IDENTIDADE DO PROFESSOR.....82

Luciani Medianeira Boezzio

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Angelita Freitas da Silva (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-8

CAPÍTULO 9

ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENSINO NO EJA-EPT: UMA PONTE ENTRE A PRÁTICA DOCENTE E A CONSTRUÇÃO DOS SABERES PROFISSIONAIS.....95

Marcus Vinicius Nascimento Schleder

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Iochane Garcia Guimarães (Supervisora)

Roberto Oliveira Weber (Supervisor)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-A

CAPÍTULO 10

VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENSINO EM UM CURSO TÉCNICO PÓS-MÉDIO.....107

Milena Bagetti

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Ana Paula Daniel (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-B

CAPÍTULO 11

DESAFIOS E DESCOBERTAS: A JORNADA DE FORMAÇÃO DOCENTE NO ESTÁGIO DE CUIDADOS DE IDOSOS.....115

Sthéfany Possamai Gomes

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Cristiane Trivisio Arnemann (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-C

CAPÍTULO 12

VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO III DO PROGRAMA ESPECIAL DE GRADUAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DA UFSM.....129

Veridiana Pillon

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Angelita Tomazetti Scalmato (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-D

FOTOS DA 28ª TURMA DO PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.....137

SOBRE OS ORGANIZADORES.....138

DADOS DOS AUTORES.....139

APRESENTAÇÃO

Os Estágios Supervisionados de Ensino representam, para os bacharéis e professores em formação, espaços propícios para implementação, criação, experimentação e investigação. Essas etapas oferecem não apenas um espaço tangível para aplicação prática do conhecimento adquirido, mas também servem como palcos onde os educadores podem sonhar, vislumbrar e concretizar suas iniciativas. Esses estágios transformam-se em ambientes ricos para experimentação, inovação e concretização de aspirações pedagógicas, proporcionando uma imersão prática que transcende o aprendizado teórico.

Nesse contexto, o Programa Especial de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) desempenha um papel fundamental. Ele acolhe profissionais de diversas áreas do conhecimento, em nível de bacharelado, direcionando-os a uma formação pedagógica específica, voltada para a atuação na educação técnica e profissionalizante.

O Programa é estruturado em três etapas de estágio supervisionado, permitindo aos futuros docentes vivenciar o ambiente educacional desde o início de sua formação. No Estágio Supervisionado de Ensino III, etapa culminante, os estudantes têm a oportunidade de ministrar 30 horas de aula em instituições públicas de ensino profissional e tecnológico, consolidando sua prática docente em contextos reais de ensino.

Esta obra reúne os relatos e reflexões das experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado de Ensino III, realizado sob a orientação da professora Karla Marques da Rocha (PEG/UFSM) e sob a supervisão de professores das instituições parceiras, durante o segundo semestre de 2024.

Cada capítulo apresenta um panorama das experiências teórico-práticas dos professores em formação, destacando estratégias didático-metodológicas inovadoras, os desafios enfrentados e os aprendizados construídos ao longo dos

estágios. As vivências relatadas evidenciam como o uso de metodologias ativas e práticas pedagógicas diversificadas contribuem para uma formação mais rica e alinhada às demandas da educação profissional.

Ao narrar as vivências no Estágio Supervisionado, esta obra busca inspirar e apoiar professores em formação e profissionais da educação. Além de explorar práticas pedagógicas inovadoras, o livro reforça a importância do estágio supervisionado como um espaço de integração entre teoria e prática, favorecendo o desenvolvimento de competências pedagógicas que transcendem os limites da sala de aula.

Os relatos apresentados aqui não apenas destacam as potencialidades e os desafios enfrentados no estágio supervisionado de ensino, mas também reforçam a necessidade de uma formação docente robusta e dinâmica, capaz de atender às exigências de uma educação técnica e profissionalizante, cada vez mais complexa.

Organizadores

CAPÍTULO 1

Relatório de Estágio Supervisionado o Viver Docente na Disciplina de Informática

Augusto Gouvêa Weber

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Erika Goellner (Supervisor)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-0

Palavras Iniciais

O estágio supervisionado é sem sombra de dúvidas um momento fundamental para o processo formativo de docentes, é nele que começam a materializar-se os conceitos antes apenas teóricos. Também é por meio dele que se faz o docente, sendo então o divisor de águas, onde o discente coloca-se como mediador do conhecimento e pode realizar trocas construtivas para não apenas o seu desenvolvimento, mas também o de seus estudantes.

De mesmo modo, é a concretização de passos anteriores, uma vez que vem a ser a finalização de uma etapa que inicia-se em uma inquietação enquanto bacharéis ávidos por entender o processo de docência, passando por estudos teóricos, observação e culminando na soma destas inquietações e processos de aprendizagem enquanto docentes.

Deste modo, durante o segundo semestre do ano de 2024 iniciou-se essa última etapa na formação a caminho à docência. Para isto novos papéis e desafios delimitaram-se, deixando o discente e a posição de observador para tornar-se docente sob supervisão. Como maior desafio deste processo esteve a preocupação na forma de transmitir o conhecimento do conteúdo técnico, fazendo-o de maneira clara e precisa para um grupo heterogêneo buscando que os mesmos pudessem absorver e aproveitar cada aprendizado ao máximo.

Vivências do Estágio Supervisionado de Ensino III

O estágio foi realizado no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM), localizado junto à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na cidade de Santa Maria, RS. O processo de docência foi realizado junto aos cursos de técnico subsequente de segurança do trabalho e técnico subsequente em eletrotécnica na disciplina de informática no período noturno. Para o curso técnico de segurança do trabalho realizou-se a docência de 15 horas junto a disciplina de informática básica, com carga horária total de 36 horas, bem como para o curso técnico em eletrotécnica.

A disciplina de informática básica está presente no segundo semestre do curso técnico. Nela são apresentadas as ferramentas de escritório presente na grande maioria dos computadores que os discentes virão a encontrar em suas carreiras atuando na área de formação. As ferramentas de escritório são muito importantes, pois são responsáveis pela criação de relatórios e documentos para comunicação e transmissão de informações para si e demais pessoas interessadas. No CTISM encontravam-se disponíveis para o ensino o Microsoft Word, Microsoft Excel e Microsoft PowerPoint.

Devido às catástrofes climáticas que aconteceram na região sul do Brasil no segundo trimestre de 2024, o calendário acadêmico foi alterado para a realização da recuperação das aulas do primeiro semestre ao longo do mês de julho. Assim, o semestre do CTISM iniciou-se no começo de agosto, diferente da disciplina de estágio, que foi no mês de setembro. Por consequência, a realização do estágio teve seu início na metade do semestre letivo do CTISM.

Antes de iniciar a docência houve um convite por parte da professora supervisora para a observação de suas últimas aulas junto às turmas. Nela a docente apresentava aos discentes os últimos elementos do editor de textos do pacote Microsoft Office. Já nas aulas subsequentes iniciou-se o processo de docência orientada passando as aulas a serem ministradas pelo Engenheiro de

Computação e aluno de estágio Augusto G. Weber. O conteúdo apresentado foi o programa de criação e edição de planilhas eletrônicas (Microsoft Excel).

Com relação à composição dos grupos, a turma do técnico de segurança do trabalho apresentava a quantia de aproximadamente 15 alunos com idade de 18 a 50 anos, sendo sua maioria de até 35 anos. Como característica a destacar-se deste grupo está a união entre os colegas e colaboração conjunta, além disto, era perceptível o interesse pelo curso técnico e pela disciplina de informática.

De forma similar, a turma do curso técnico em eletrotécnica contava com aproximadamente 15 estudantes, no entanto a maioria apresentava entre 18 e 30 anos, com exceção de 5 estudantes que destoavam por encontrar-se na faixa etária de 50 a 70 anos. Outra disparidade em relação ao curso de segurança do trabalho residia na afinidade entre o grupo, que existia apenas entre pequenos grupos ou duplas de estudantes.

Antes de começar a ministrar as aulas foi necessária a elaboração de um plano de ensino. Por tratar-se de duas turmas da mesma disciplina optou-se pela elaboração do plano de ensino idêntico para ambas. Para tanto, acessou-se a ementa da disciplina que conta com 15 itens para tratar sobre planilha eletrônica, assim agrupou-se os itens mais básicos nos primeiros dias e os mais complexos com aulas exclusivas para cada item. Também inseriu-se em uma data próxima a metade do segundo bimestre letivo uma aula de fixação de conhecimento com atividade avaliativa e como última atividade uma avaliação final na última semana de aula antes das recuperações.

Dentre os maiores desafios em relação à docência, a estruturação e elaboração do planejamento destacou-se. Tal fato ocorreu devido a forma em que os conteúdos encontravam-se intimamente conectados e a heterogeneidade na aprendizagem por parte dos discentes. Buscando o melhor aprendizado de todos, muitas aulas tornavam-se mais lentas e em forma de tutoriais, deste modo, cada planejamento de aula era realizado de forma semanal, embasado no anda-

mento da aula anterior, onde em caso de não compreensão do conteúdo prévio fazia-se a retomada do mesmo buscando não gerar a dificuldade de compreensão dos conteúdos subsequentes.

Já em relação aos espaços físicos, as aulas do curso técnico em segurança do trabalho foram realizadas em um laboratório de informática com computadores dispostos em fileiras viradas para a frente da sala, onde encontrava-se a lousa e a tela de projeção. Em contrapartida, o curso técnico em eletrotécnica estava disposto em uma sala estreita com dois corredores, nestes os alunos posicionavam-se nos corredores e virado-se para as paredes laterais enquanto que o professor ficava posicionado ao lado. Nos computadores de ambas as salas estavam disponíveis todos os *softwares* necessários para a realização das atividades a serem propostas e executadas pelos diferentes cursos técnicos ofertados pela instituição.

Com relação a execução da docência, durante as aulas utilizou-se o *software* Microsoft Excel 2016. Onde aos poucos foi-se introduzindo novos conceitos e enriquecendo o conhecimento dos estudantes com metodologias de aprendizado baseado em problemas (Bacich, 2018) através de proposição de situações que os estudantes pudessem vir a encontrar em sua carreira de atuação profissional. Esta metodologia aumentou o engajamento dos discentes por representar uma atividade que possivelmente enfrentarão. Ao longo das aulas houve um aumento da compreensão dos perfis dos estudantes, que contribuiu para o enriquecimento dos exemplos utilizados nas metodologias ativas.

Os planejamentos das aulas foram desenvolvidos sob a orientação da professora supervisora que contribuiu imensamente com diferentes aportes. Tais foram adquiridos através de seu conhecimento teórico somado a sua experiência como docente com os cursos técnicos, a exemplo, projetar estratégias de ensino baseada nas vivências futuras de trabalho dos estudantes. Contribuições como esta foram fundamentais para a estruturação de atividades aplicadas aos discentes e fomentaram ainda mais os seus engajamentos durante a disciplina.

Além de aportes ao planejamento e o auxílio com base em suas vivências, a professora também contribuía com *feedbacks* nos planos de aula pontuando aspectos estavam adequados dentro das propostas da ementa curricular e que poderiam ter um bom funcionamento bem como os que faziam-se necessários melhorar ou enfatizar, realizando uma troca de experiências e expectativas com relação ao andamento de determinadas atividades.

Já no que diz respeito à execução propriamente dita das aulas, houveram inúmeros desafios, entre eles, como já mencionado anteriormente, a disparidade etária entre os discentes. Este aspecto influenciou em relação a conhecimentos prévios e tecnológicos, bem como habilidades para a realização de algumas atividades.

Outro aspecto que interferiu foi a capacidade de raciocínio lógica para as resoluções das práticas, sendo notória a aptidão de alguns estudantes frente a outros, aspecto este que a faixa etária não foi fator determinante. Tal aspecto impactou no andamento das aulas e no planejamento, já que era a partir do conhecimento gerado em aula que se estabeleciam os próximos conteúdos das aulas subsequentes.

Como terceiro desafio às práticas docentes esteve a relação com o uso do computador e dos *softwares* apresentados e estudados em aula. Sendo que alguns estudantes, independente de idade, apresentaram conhecimentos reduzidos ou com lacunas com relação a utilização de computadores, fazendo necessário ter um olhar mais zeloso a estes.

Por fim, entre os desafios também destaca-se a relação de tempo para a realização de outras atividades por parte dos discentes que, algumas vezes, por excesso de tarefas de outras disciplinas e pouco tempo fora do período de aula, acabaram por optar realizar atividades de outros conteúdos durante o período de aula de informática.

Durante os encontros o conteúdo foi apresentado de forma aplicada diretamente no Excel, não sendo necessário a utilização de cadernos. Para tanto,

se realizava a apresentação de parte do conteúdo a ser trabalhado e o docente percorria a sala observando o desenvolvimento dos alunos. Em caso de dúvida, o docente apresentava a mesma no projetor ao grande grupo e explicava para todos, de modo a auxiliar o maior número de estudantes possíveis. Deste modo também realizava-se uma revisão indireta dos elementos do *software* apresentados até o momento.

As primeiras aulas são sempre um desafio, pois não se conhece os discentes, então faz-se necessário investir alguns minutos enquanto realiza-se a apresentação do docente e também dos discentes para promover uma primeira integração entre todos. Na primeira aula, para conhecer os discentes foi realizada uma atividade de apresentação em que montava-se um espelho de classe com todos e questionava-se o que cada um gostava. Assim fez-se possível conhecer o nome de cada discente e buscar assuntos de interesse comum em cada turma para futuras aplicações em aula.

Em todas as aulas, optou-se por começar com uma conversa guiada sobre o problema que iria ser trabalhado em aula, como por exemplo, no curso de segurança do trabalho, a relação dos dias de antecedência em uma cadeia de eventos para a eleição de um conselho. Então ao estipular o que era necessário, começava-se a apresentar as funções no Excel e como eram aplicadas, de forma que ao final da aula teria-se a relação de datas dos eventos. Já com a turma de eletrotécnico calculou-se a quantidade de tomadas mínimas que um ambiente deve ter a partir de suas dimensões e qual seria a capacidade de corrente do disjuntor, além de montar uma tabela de orçamento.

Dentre os problemas anteriormente citados menciona-se a execução de atividades de outras disciplinas durante o horário de informática. Para lidar com este inconveniente, evitar que os alunos estivessem transferindo o foco das atenções da aula e realizassem as atividades em grupo no fundo da sala, realizou-se uma conversa com os mesmos.

Em acordo e buscando mitigar possíveis problemas entendeu-se que por tratar-se da última aula da noite, quando fosse necessário, se disponibilizaria

parte do final do horário de aula para tal. Assim passava-se o conteúdo de forma mais sucinta fazendo que tivessem ainda de 15 a 20 minutos para a realização dos trabalhos.

Também ocorreram aulas em que não houve um engajamento dialógico sobre o conteúdo no começo do encontro, ocorrendo assim um momento de silêncio. Então foi necessário a realização de uma abordagem diferenciada, fazendo-se necessário a utilização de um personagem fictício para a realização do diálogo. Após alguns instantes a atenção e interesse dos estudantes foi obtida e a aula seguiu normalmente.

Ao chegar na metade dos encontros foi realizada uma atividade avaliativa de reforço. Nela foi disponibilizada uma tabela preenchida somente com os dados brutos e também um documento contendo como deveria ser preenchido o restante da tabela com as fórmulas aprendidas em aula.

Ambas as turmas tiveram um pouco de dificuldade em que fórmula usar, visto que não existe apenas uma forma de realizar a atividade, podendo esta ser feita de inúmeras formas. Deste modo o docente percorria a sala de aula sanando as dúvidas que apareciam. Esta atividade contribuiu para avaliar o aproveitamento e domínio dos estudantes sobre a ferramenta.

Como conclusão desta atividade percebeu-se que em diferentes casos os discentes sabiam implementar fórmulas, porém ainda estavam presentes situações em que os estudantes apresentavam dificuldades de redimensionar a largura das linhas e colunas.

Ao final do semestre foi realizada uma proposta avaliativa diferente, sendo necessário que os discentes recorrem à busca de soluções na página de suporte do programa. Então a atividade proposta foi a busca por uma função que não havia sido vista em aula, explicando onde poderia ser usada e apresentando um exemplo. A atividade foi realizada nas duas últimas aulas (Figura 1). Para os alunos que encontravam dificuldade de achar alguma função não tão avançada, foi posto na projeção uma lista de funções usuais que não haviam sido estudadas.

Figura 1 - Sala de aula com os estudantes do curso técnico de segurança do trabalho.



Fonte: Autoria própria.

Por fim, conclui-se que ao decorrer do semestre os alunos tiveram um bom aproveitamento da disciplina. Estavam sempre engajados nas aulas criando planilhas eletrônicas com gráficos e fórmulas, muitas vezes indo além do requisitado. A relação docente-discente se estreitou à medida que as atividades tornavam-se mais alinhadas aos interesses comuns, muitas vezes querendo que as aulas seguissem além do horário estabelecido.

Palavras Finais

Não existem palavras para expressar a experiência vivida pelo estágio. A combinação da jornada das pessoas de diversos tipos e a responsabilidade de adequar o conteúdo a ser apresentado torna-se única. Por tanto, cabe mencionar que tal experiência foi enriquecedora em inúmeros sentidos, tanto pessoais quanto profissionais. Como inicialmente mencionado, viver o estágio é algo que altera a perspectiva em sua totalidade ao passar de observador a docente, já que esta passagem permite uma série de novos desafios e dúvidas que surgem a cada dia, a cada aula, a cada interação e deixam apenas uma certeza: tudo isto se repetirá a cada novo ciclo e a cada nova turma, afinal, é esta realidade única de cada sujeito e de cada turma que faz da docência uma experiência ímpar.

Para finalizar, acredito que o estágio mostrou que ser docente não é apenas ensinar, também não se resume em materiais e métodos, mas sim, em sua essência vive uma rica interação e troca de saberes, experiências e cumplicidades, onde o docente se constroi a cada dia junto de seus estudantes, passando de um grupo de desconhecidos a uma sólida construção de conhecimentos e parcerias que solidificam as experiências e o aprendizado.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção”. (Paulo Freire).

Referências

BACICH, Lilian.; MORAN, José. **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora:** uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. 430 p.

CAPÍTULO 2

Reflexões sobre as Experiências do Estágio Supervisionado III do Programa Especial de Graduação

Débora Bonesso Andriollo

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Eliane Caldas da Silva (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-1

Palavras Iniciais

Neste capítulo são apresentadas as experiências práticas da formação docente, em Estágio Supervisionado de Ensino III, do Programa Especial de Graduação, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PEG/CE/UFSM) para a formação do profissional bacharel que deseja ser professor.

Durante o estágio supervisionado, com orientação e supervisão efetiva e permanente, o estagiário experimenta a rotina do ambiente de trabalho e realiza tarefas relativas à sua área de estudo. Esta vivência permite ao estudante em formação a relação com a docência, possibilita a articulação entre a teoria e a prática, desenvolve habilidades de comunicação e resolução de problemas, além da oportunidade de ser o ator principal no desenvolvimento da aula. Portanto, é o momento de busca e construção de uma identidade profissional na docência, pois realiza e pratica o trabalho coletivo, o respeito, a escuta, a análise e a ética com técnicas, procedimentos e metodologias específicas da sua área profissional.

Considerando a importância desta formação e buscando adequar o conhecimento em Saúde alinhado aos conceitos da Educação, a seguir, descrevo as minhas reflexões a partir das experiências de estagiária na docência. Ainda, contém palavras e observações da supervisora e orientadora desse processo de formação.

Vivências do Estágio Supervisionado de Ensino III

O desenvolvimento do Estágio Supervisionado de Ensino III que apresento aconteceu, devido minha formação em Fisioterapia, no Colégio Politécnico/UFSM, no Curso Técnico em Cuidados de Idosos, especificamente na disciplina do segundo semestre de 2024 - Atividades Cotidianas da Pessoa Idosa. Esta disciplina tem carga horária total de 45 horas, das quais ministrei 30 horas, sendo cinco horas cada dia de aula, sob supervisão da professora da disciplina, Eliane Caldas Terapeuta Ocupacional, e orientação da professora do PEG/CE/UFSM, Karla Marques da Rocha.

A turma de dessa disciplina era composta por 17 alunos (16 do sexo feminino e um não-binário), sendo a maioria bastante interessada e participativa. Alguns dos integrantes estavam fazendo o curso com objetivos profissionais, buscando capacitação para exercerem suas atividades profissionais ou vislumbrando adentrar neste ramo de ocupação. Duas alunas, por encontrarem-se em idades superiores a 60 anos, estavam procurando conhecimento para vivenciar esta fase da vida e auxiliarem seus familiares. Outras duas estudantes, mais jovens, desejam a formação para entenderem os processos de envelhecimento de familiares.

Para iniciar a vivência docente, como de praxe, organizei o plano de ensino juntamente com a professora da disciplina. Em sua ementa tínhamos: “compreender sobre as atividades cotidianas das pessoas idosas, mantendo ao máximo sua autonomia e independência na realização dessas ações e proporcionando uma melhor qualidade de vida”. E, o objetivo principal, era caracteri-

zar as atividades cotidianas das pessoas idosas que podem promover cuidados em relação ao processo de envelhecimento e a funcionalidade, a qualidade de vida na velhice e as relações da pessoa idosa com o mundo do trabalho. Dentre os objetivos específicos, buscamos apreender as teorias que envolvem as questões sobre o processo de envelhecimento e a funcionalidade, nos aspectos cognitivos, motores, sensoriais e emocionais; apresentar as questões sobre a qualidade de vida para pessoa idosa e quais aspectos promovem essa qualidade na velhice; verificar as situações que envolvem a pessoa idosa no mundo do trabalho e conhecer propostas que o cuidador de idosos pode desenvolver no seu dia a dia. Avaliar a aprendizagem realizada sobre o processo de envelhecimento e a funcionalidade, a qualidade de vida na velhice e a pessoa idosa no mundo do trabalho por meio de quiz, atividades práticas cognitivas, motoras, sensoriais e emocionais, estudo de caso e avaliação individual.

Todos esses conhecimentos foram ministrados em núcleos de conteúdos, como a funcionalidade e o processo de envelhecimento - aspectos cognitivos, motores, sensoriais e emocionais; qualidade de vida na velhice; e a pessoa idosa no mundo do trabalho.

As aulas desenvolvidas foram disponibilizadas através do ambiente virtual de aprendizagem, Moodle/UFSM, por conteúdos dispostos em formato teórico e prático, relacionados com ações em sala de aula, junto a professora da disciplina.

As aulas sobre o tema “funcionalidade e o processo de envelhecimento” tiveram como objetivo geral apreender as teorias que envolvem as questões sobre o processo de envelhecimento e a funcionalidade, nos aspectos cognitivos, motores, sensoriais e emocionais.

Estudos referem que o processo de envelhecer distingue-se como um conjunto de alterações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas que depende, na sua maior parte, da história de vida, de comportamentos, da adaptação ao meio ambiente e, por fim, de questões genéticas. O envelhecimento

apresenta características individuais e coletivas, em seus aspectos físicos, cognitivos, psicológicos e sociais do ser humano, que geram diferentes trajetórias de envelhecimento, especialmente no que diz respeito à funcionalidade (Fonseca, 2016; Negrini, 2020).

Em relação aos planejamentos de cada aula, procurei conhecer os alunos, suas experiências e ver quais já são cuidadores de idosos na prática profissional ou seu ambiente doméstico/familiar. No desenvolvimento das metodologias ativas, utilizei de apresentação em slides (PowerPoint); a técnica tempestade de ideias, resumo esquemático no quadro branco, estudo de caso, associação com fotos da internet a fim de tornar a explanação o mais real e compreensível possível (Rocha e Fockink, 2024).

Com uma proposta de uma aula bastante dinâmica, propus a aplicação de um quiz avaliativo dos temas abordados, verificando o conhecimento oportunizado nas aulas teóricas para esta atividade. A turma de alunos foi dividida em dois grupos, pareados e, em seguida, explicamos as normas de condução do quiz com a projeção de cada questão e o tempo de 30 segundos para conversarem discretamente e elegerem uma resposta dentre as letras “a, b, c, d, e”. Como forma de estímulo, deixamos a mostra uma caixa de bombons para a equipe vencedora (porém, tínhamos guardada outra caixa de bombons, exatamente igual, para a outra equipe, caso houvesse empate). No caso, houve uma equipe vencedora que ganhou os bombons e parabenizações; no entanto, a outra equipe também recebeu a outra caixa de bombons e felicitações pela participação e desempenho. A utilização de quiz para avaliar o progresso dos alunos de maneira precisa pode ser um desafio, pois pode potencializar os resultados de aprendizagem dos estudantes.

Nesse sentido, as metodologias ativas são estratégias didático-metodológicas que envolvem o professor e os estudantes na construção conjunta do conhecimento, tornando ambos participantes do processo de aprendizagem. Metodologias facilitam a compreensão do conteúdo e o trabalho docente, sendo

alternativas às abordagens tradicionais de ensino, que se limitam à verbalização e memorização dos conteúdos (Rocha e Fockink, 2024).

Outra metodologia utilizada foi a realização de atividades práticas a fim de que os estudantes pudessem avaliar com seus próprios sentidos os aspectos funcionais e conhecessem opções para realizar em suas atividades profissionais com pessoas idosas.

Assim, segundo Fonseca (2016) e Negrini (2020), realizamos atividades (Figuras 1):

- Cognitivas (cruzadinha de substantivos, divertindo-se com substantivos, caça-palavras, completar frases, jogos, completar um conto);
- Motoras (ultrapassar cones – obstáculos, exercícios com *therabands*, caminhar equilibrando bolinha, massagem com a bolinha);
- Sensoriais (visão – imagens, fotos, revistas; olfato – álcool, café; audição – música, narração de jogos; tato – algodão, esponja, escova de dentes, metal; paladar – amendoim (ou pipoca) doce e salgado);
- Emocionais (dançar, ouvir música, contação de histórias).

O desenvolvimento cognitivo, em qualquer fase da vida, pode ocorrer tanto com ganhos quanto com perdas, sendo que na velhice, os declínios geralmente predominam. O equilíbrio entre crescimento e declínio é influenciado pela forma como cada pessoa organiza sua vida e pelos fatores socioculturais e patológicos presentes. Quanto ao desenvolvimento intelectual em idade avançada, um estudo reconhece a perda de capacidades cognitivas devido ao envelhecimento biológico, mas também enfatiza que mudanças qualitativas podem ocorrer, dependendo das oportunidades culturais e sociais disponíveis, mais do que de fatores genéticos (Scoralick-Lempke, Barbosa, 2012).

Figura 1 - Atividade prática de funcionalidade - aspecto motor: ultrapassagem de cones com simulação de pessoa idosa (olhos fechados) e cuidador.



Fonte: Autoria própria.

Nas instituições de ensino, muitos professores ainda utilizam aulas teórico-expositivas como principal método de ensino, o que pode restringir a difusão do conteúdo a aspectos específicos. Quando desafiados a adotar novas abordagens de ensino-aprendizagem, esses docentes podem encontrar dificuldades em romper com o modelo tradicional. A exemplo da metodologia mapa conceitual utilizada em aula, esta facilita a aprendizagem significativa ao estimular a reflexão e interpretação do aluno sobre o conteúdo. Ela não só ensina novos conceitos, mas também auxilia nas atividades diárias, reforçando a compreensão, identificando lacunas no entendimento e permitindo a avaliação qualitativa do conhecimento do estudante (Rocha e Fockink, 2024).

Ao trabalhar o tema “qualidade de vida na velhice”, apresentamos as questões sobre o tema e quais aspectos promovem essa qualidade na idade avançada. Por meio da caracterização da organização da rotina (sono e repouso, alimentação, hidratação, higiene e imagem pessoal, cuidados estéticos, dos

aspectos culturais e valores morais e espirituais, gostos, preferências, hábitos); e das atividades de convívio social como equipamentos de lazer, ocupação do tempo livre, atividades de lazer e entretenimento.

O envelhecimento pode ser considerado multideterminado e heterogêneo, sugerindo que, apesar de haver categorias, estas categorias podem se sobrepor ao longo da vida. O envelhecimento saudável é visto como um equilíbrio entre limitações e potencialidades, podendo ser otimizado com intervenções, como a aprendizagem ao longo da vida (Scoralick-Lempke, Barbosa, 2012).

Segundo Scoralick-Lempke e Barbosa (2012) a educação na velhice é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos idosos. Isto demonstra que atividades educacionais podem melhorar habilidades cognitivas, como memória e linguagem, e ajudar a manter o envelhecimento saudável. Programas de inclusão digital, por exemplo, aumentam o desempenho cognitivo dos idosos.

A gamificação como exemplo de estratégia de ensino pode ser considerada como metodologia ativa quando o professor, por meio de regras claras (contrato didático), desafia e estimula os alunos a realizarem suas missões (tarefas) (Figuras 2). Pode-se dizer que o processo de gamificação na educação é relativamente novo, derivado da popularidade dos games e de todas as possibilidades inerentes de resolver e potencializar aprendizagens em diferentes áreas do conhecimento (Rocha e Fockink, 2024).

Com o tema “a pessoa idosa no mundo do trabalho”, verificamos as situações que envolvem a pessoa idosa no mundo do trabalho. Nos dispusemos a conhecer propostas em que o cuidador de idosos possa desenvolver no seu dia a dia, durante a atividade profissional. Para melhor compreensão do conteúdo, propomos caracterizar as transformações no mundo do trabalho, como exemplo a saúde do trabalhador em processo de envelhecimento; e caracterizar o processo de aposentadoria e suas implicações, os questionamentos sobre as mudanças no mundo do trabalho e a permanência de pessoas idosas em atividade profissional. (Vanzella, Lima Neto, da Silva, 2011).

Figura 2 - Atividade prática de funcionalidade - aspecto cognitivo: desenvolvimento de jogos educacionais para idosos.



Fonte: Autoria própria.

Fazendo correlações com estudos na área, percebemos que o crescente envelhecimento da população brasileira e o aumento da expectativa de vida têm gerado pesquisas de interesses em várias áreas profissionais. Entre os temas destacados estão a saúde, o lazer, a aposentadoria e o tempo ocioso. O estudo de Vanzella, Lima Neto, da Silva (2011) foca na inserção da terceira idade no mercado de trabalho, um tema ainda pouco explorado. Este estudo destaca que muitos idosos permanecem no trabalho por motivos pessoais ou financeiros e que suas experiências e conhecimentos podem ser aproveitados pelas organizações. A pessoa idosa, economicamente ativa, pode contribuir positivamente para as empresas, principalmente por meio de seu capital intelectual (Vanzella, Lima Neto, da Silva, 2011).

Por fim, existem muitos desafios para que o envelhecimento aconteça com qualidade de vida. No campo das políticas e dos programas públicos di-

rigidos à população idosa, o desafio é contemplar seus direitos e necessidades para a manutenção e melhoria de capacidade funcional, garantindo assim atenção integral à sua saúde. As doenças crônicas não transmissíveis requerem acompanhamento constante e afetam a funcionalidade dos idosos e o desempenho de suas atividades cotidianas de forma independente. Assim, é fundamental orientar os profissionais que atuam nos cuidados e no desenvolvimento de ações de promoção de saúde e prevenção de agravos, por meio de metodologias educacionais ativas e efetivas.

Palavras Finais

A vivência do Estágio Supervisionado de Ensino III permitiu a compreensão da importância do “ser docente” em minha vida. A produção deste capítulo expôs aspectos significativos das etapas da minha formação. Estes foram decisivos e, certamente, influenciarão a minha trajetória profissional. Aqui, procurei relatar, de forma sucinta, as condições e os desdobramentos que envolveram o desenvolvimento do estágio, a fim de ser uma leitura interessante, prazerosa e construtiva ao leitor.

O Estágio Supervisionado do PEG/CE/UFSM permite uma experiência ímpar a tecnólogos ou bacharéis já graduados, interessados em dedicar-se à docência, a fim de complementarem a sua formação. Assim, esta vivência foi de grande valia, pois o ambiente de sala de aula encontra-se constantemente em transformação e esta praxe apresenta interessantes considerações sobre os processos de ensino-aprendizagem, as ações pedagógicas sob vários aspectos, os elementos básicos para o conhecimento e a atuação dos professores, alunos, instituições e formações necessárias.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (Paulo Freire)

Referências

FONSECA, Suzana Carielo da. (Org.). **O envelhecimento ativo e seus fundamentos**. 1. ed. São Paulo: Portal Edições: Envelhecimento, 2016. 574 p.

NEGRINI, Etienne Larissa Duim. **Envelhecimento e funcionalidade: uma análise de trajetórias**. 149 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2020.

ROCHA, Karla Marques da; FOCKINK, Guilherme Diego (Orgs.). **Metodologias de ensino [livro eletrônico]: construindo saberes na educação profissional**. Santa Maria, RS: Arco Editores, 2024. PDF.

SCORALICK-LEMPKE, Natália Nunes; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. **Estudos de Psicologia, Campinas**, v. 29, supl., p. 647-655, 2012.

TELESSAUDE – UFSC. **Webpalestra - Promoção de saúde e prevenção de agravos na pessoa idosa**. Disponível em: <https://youtu.be/kE4Ng1SQ7aI?si=l-bv0qGbKSbfVoe93>. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Acesso em: 28 set. 2024.

VANZELLA, Elidio; LIMA NETO, Eufrásio de Andrade; DA SILVA, César Cavalcanti. A Terceira Idade e o Mercado de Trabalho. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 14, n. 4, p. 97-100, 2011.

CAPÍTULO 3

A Vivência como Docente em Curso Técnico

Fernando Fernandes Canavezi

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Luiz Antero de Oliveira Peixoto (Supervisor)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-2

Palavras Iniciais

O estágio supervisionado III foi um período importante na minha construção como acadêmico no Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG), da Universidade Federal de Santa Maria. A experiência em sala de aula como estagiário docente no Curso Técnico Integrado em Agropecuária significa o contato direto com a realidade em formação, proporcionando a troca de conhecimentos na inversão direta nos papéis, saindo da zona de conforto como aluno, migrando à assumida função de professor, aprofundando a troca de conhecimentos carregados de expectativas e compartilhados a pequenos picos de ansiedade. As didáticas pedagógicas desenvolvidas como docente no período de estágio supervisionado III superaram as expectativas, pois, a troca constante de conhecimentos entre docente e alunos, suprimindo a distância nesse importante período de formação inicial como professor. Nessa perspectiva, procurei resgatar as memórias adormecidas pelo tempo da formação, mas que agora são revitalizadas a esse momento como professor estagiário na condição de formador de conhecimento.

Momentos Vivenciados no Estágio Supervisionado

O Estágio Supervisionado III realizado nas dependências do Instituto Federal Farroupilha Campus Júlio de Castilhos, localizado na RS 527, na cidade de Júlio de Castilhos – RS (Figura 1), no curso técnico integrado em Agropecuária, com carga horária de 100 (cem) horas aulas e carga horária de estágio em 30 (trinta) horas aulas, realizados no segundo semestre do ano de 2024.

A prática do estágio supervisionado como docente no curso Técnico Integrado em Agropecuária, no Instituto Federal Farroupilha Campus Júlio de Castilhos, ofereceu uma experiência ímpar, rica e multifacetada, combinando a prática pedagógica com a aplicação dos conhecimentos técnicos no setor agropecuário. Essa etapa permitiu, como futuro educador, a aplicação do desenvolvimento nas competências específicas à ensino técnico integrado relacionando as técnicas educacionais com as práticas da agropecuária.

Figura 1 - Instituto Federal Farroupilha Campus Júlio de Castilhos.



Fonte: Autoria própria.

Assim, o estágio realizado permitiu-me elaborar planos de aula específicos para o ensino técnico, aprofundando a teoria, promovendo as práticas de ensino, com as possibilidades do domínio de métodos e técnicas pedagógicas

distintas para o ensino técnico integrado.

A participação do estágio supervisionado III, ocorreu em três turmas do primeiro ano do Curso Integrado em Agropecuária, turmas A, B e C realizado no turno da manhã (Figura 2 e 3), na matéria de introdução às noções em zootecnia básica, compostas as turmas de estágio em torno de 23 (vinte e três) alunos cada.

As turmas A e B dos primeiros anos do curso técnico integrado em Agropecuária são bem homogêneas, o primeiro ano “A” os alunos se destacam na qualidade que possuem em absorver o conhecimento transmitido em sala de aula, apresentando como resposta o desempenho elevado nas atividades avaliativas e extraclasse. O primeiro ano “B” seguindo a mesma linha da turma “A”, também, apresentam características satisfatórias nas atividades avaliativas e extra classes, entretanto, a turma “C” 30% (trinta por cento) apresentaram as mesmas características das turmas “A e B” e o percentual restante de 70% (setenta por cento) dos alunos apresentaram uma dificuldade, visto o baixo rendimento no desempenho em atividades avaliativas e extra classe.

Figura 2 - Turma do curso Técnico Integrado em Agropecuária.



Fonte: Autoria própria.

Segundo os pensamentos de Libâneo (1994), os planos de aula consideraram como forma predominante o processo de ensinar e aprender, onde se criam, se desenvolvem e se transformam as condições necessárias para que os alunos assimilem os conhecimentos, consistentes em ferramenta pedagógica organizando e orientando o trabalho do professor, garantindo que os objetivos de ensino sejam realizados de forma sistemática e eficiente, destacando a importância do planejamento como parte fundamental à prática educativa, enfatizando que ele deve ser flexível, mas sempre guiado pelos objetivos propostos. A educação brasileira consiste num sistema emancipador, em que o aluno seja estimulado a ter visão reflexiva e, também, ativo no seu desempenho estudantil. A didática pedagógica utilizada, nesse sentido, estimula que os atores exerçam o pensamento crítico, a autonomia e a participação intensa em sala, compartilhando os conhecimentos.

Figura 3 - Turma do curso Técnico Integrado em Agropecuária.



Fonte: Autoria própria.

A educação insere o contexto social, político e econômico, reforçando o ensino ir além da simples transmissão de conhecimentos, assumido pelo papel

crítico e transformador, capaz de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A Carta Constitucional do Brasil de 1988, no Art. 5º afirma que o Estado tem o dever e a população o direito ao incentivo pleno para ter uma qualificação para o trabalho, através de uma conquista sendo a educação promover o papel de altíssima relevância (Brasil, 2005).

Cada aula é uma circunstância didática particular, portanto, os objetivos e os conteúdos foram desenvolvidos com os métodos de ensino realizados de maneira que os alunos absorvessem de forma clara a metodologia aplicada na temática passada (Takahashi e Fernandes, 2004). Os fundamentos do planejamento no contexto educacional, destacaram o plano de aula como uma ferramenta essencial à organização do trabalho docente, enfatizando o papel do plano de aula na sistematização das práticas pedagógicas e na garantia do ensino mais eficiente e significativo, como instrumento didático e organizador, de forma detalhada em relação aos conteúdos, métodos e estratégias utilizadas em aula ou no conjunto das aulas.

Foram ministradas aulas com a devida observação dos conteúdos programáticos da ementa, buscando os elementos conceituais, didáticos embasados nas referências bibliográficas, no desenvolvimento das atividades em aula e na sequência delas de forma objetiva. O planejamento das aulas foi voltado às normas organizadoras do processo de ensino e aprendizagem, oferecendo ferramentas para mediar o conhecimento de forma eficiente e significativa. Farias (2011), define o planejamento como um instrumento essencial para a mediação do ensino-aprendizagem, que vai além de um simples roteiro de tarefas compreendido com processo dinâmico, flexível e adaptável, que permite ao professor antecipar desafios e criar condições favoráveis para a aprendizagem. O planejamento, para Farias, é também um momento de reflexão crítica, na qual o educador analisa o contexto da escola, o perfil dos alunos e os objetivos pedagógicos que desejam alcançar. Ele entende que o planejamento eficaz não apenas organiza as ações do professor, mas também fortalece a autonomia e a criatividade no trabalho docente.

Deve estar o planejamento alinhado aos objetivos gerais da educação e às demandas específicas do currículo. Para isso, é necessário que o professor compreenda as metas de longo prazo e saiba como traduzi-las em ações práticas no dia a dia da sala de aula. Farias (2011) destaca a importância de considerar as características, os interesses e as necessidades dos alunos no momento do planejamento. A personalização das estratégias é essencial para atender a diversidade existente em sala de aula, não apenas uma formalidade ou uma etapa burocrática do ensino, mas sim uma ferramenta estratégica de considerar os aspectos pedagógicos, sociais e culturais envolvidos na educação. A didática orienta o planejamento no sentido de construir uma prática educativa coerente, reflexiva e transformadora, levando em consideração as características, as necessidades e os interesses dos alunos, garantindo que as estratégias sejam inclusivas e promovam a participação ativa. A didática é a base que sustenta o planejamento pedagógico, transformando-o em uma prática estruturada e com propósito, onde permite que o professor vá além do improviso, desenvolvendo aulas mais organizadas, reflexivas e eficazes. Assim, a didática do planejamento é, ao mesmo tempo, um ato técnico e ético, comprometido com a formação integral dos alunos e com os desafios da educação contemporânea.

O uso de ferramentas metodológicas em aula foram essenciais para aprendizagem mais significativa, dinâmica e adaptada às necessidades dos alunos, as ferramentas ajudaram a organizar, aplicar e avaliar as estratégias pedagógicas, tornando o ensino mais eficaz e engajante, promovendo aos alunos a exploração dos conteúdos de forma clara e objetiva avaliando o progresso durante o processo de aprendizagem.

O universo da docência foi desafiador, no domínio de conhecimento relacionado às atividades de ensino programadas para a formação pedagógica, segundo as palavras de Santos e Melo (2018).

O processo de estágio supervisionado mostrou o exercício do desenvolvimento das habilidades avaliativas de forma contínua e criteriosa em relação ao desempenho dos alunos, considerando os aspectos técnicos e teóricos, mostrando aos alunos conhecimentos teóricos desenvolvidos em conexão às diferentes

áreas dos conhecimentos reais do Agronegócio. A magnífica experiência neste valioso processo, ensinou a compreensão em interpretar as características dos alunos no curso técnico integrado, avaliados aos perfis diversos e interesses específicos distintos, voltados ao mercado de trabalho e na continuidade aos estudos e estratégias pedagógicas empregadas às necessidades dos estudantes.

Como docente em formação a sala de aula trouxe contextualização do ensino técnico aos desafios no ensino supervisionado, vivenciando experiências pedagógicas contínuas, adaptando-se às estratégias de ensino de acordo com as necessidades da turma. As experiências técnicas vivenciadas no setor do Agronegócios com as habilidades pedagógicas, contribuíram na formação de um profissional mais experiente preparado para atuar em cursos técnicos e contribuir com a formação de futuros profissionais ao mercado de trabalho.

Considerações Finais

Por meio do estágio supervisionado não permite apenas a aplicação dos conhecimentos adquiridos, como também estimula o desenvolvimento de habilidades práticas, muitas vezes desafiadoras, mas enriquecedoras, contribuindo para uma formação sólida e contextualizada dos futuros profissionais.

O estágio supervisionado como docente no curso técnico em agropecuária foi uma experiência necessária para o amadurecimento na formação como professor na área da educação profissional e técnica, onde representou uma ponte entre a teoria pedagógica e a prática em sala de aula, permitindo como futuro educador vivenciar os desafios e as potencialidades do ensino integrado, especialmente em áreas que exigem conhecimento técnico e interdisciplinar, como os cursos técnicos.

No contexto de cursos técnicos, o estágio como docente ofereceu uma oportunidade única para aplicar os métodos de ensino que conectam conteúdos teóricos às demandas práticas do setor produtivo. Essa vivência permitiu aprender a planejar, conduzir e avaliar aulas que não apenas ensinam os fundamentos técnicos, mas também preparam os alunos para lidar com as complexidades

e inovações do mercado. O estágio supervisionado ajudou a desenvolver as competências essenciais, como liderança, comunicação, criatividade e adaptabilidade.

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. (Nelson Mandela)

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.html>. Acesso em: 11 de nov. 2024.

FARIAS, Isabel Maria Sabino. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livro, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

SANTOS, Darlene Silva dos; MELO, Geovana Ferreira. Formação docente: desafios para a Pedagogia Universitária. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v.7, n.3, p.514-526, 2018.

TAKAHASHI, Regina Toshie; FERNANDES, Maria de Fátima Prado. Plano de aula: conceitos e metodologia. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 17, n. 1, p. 114-8, 2004.

CAPÍTULO 4

Reflexões sobre as Experiências do Estágio Supervisionado III do Programa Especial de Graduação

Gabriel de Araujo Lopes

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Tatiana Tasquetto Fiorin (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-3

Palavras Iniciais

Este relatório refere-se às atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado de Ensino III (ESE III) do Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Santa Maria – RS, realizado no período de 25 de setembro a 31 de outubro de 2024, no Curso Técnico em Agricultura do Colégio Politécnico da UFSM. O estágio foi conduzido na disciplina de Olericultura, sob a supervisão da Prof^a Dr^a Tatiana Tasquetto Fiorin e orientação da Prof^a Dr^a Karla Marques da Rocha, sendo parte dos requisitos para a obtenção do título de Professor de Educação Básica Profissional na forma de apostilamento no diploma de bacharelado.

Como Engenheiro Agrônomo formado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), carrego uma bagagem técnica que se complementou com os conhecimentos pedagógicos adquiridos durante o PEG. O ESE III é uma etapa importante na formação de futuros educadores, oferecendo uma ponte entre a

teoria adquirida no ambiente acadêmico e a prática docente. A vivência prática durante o estágio permite ao estagiário integrar conhecimentos pedagógicos e didáticos com a experiência de sala de aula, promovendo um aprendizado profundo sobre os desafios e as dinâmicas do ambiente educacional. Essa fase de formação é especialmente valiosa para quem busca atuar no ensino de ciências agrárias, possibilitando a aplicação direta dos conhecimentos técnicos em situações de ensino-aprendizagem.

No contexto do Estágio Supervisionado de Ensino II (ESE II), foi possível observar e analisar as práticas de ensino da disciplina de Fruticultura: Pequenas Frutas e Frutas Nativas, conduzida pelo Prof. Dr. Renato Trevisan. Essa experiência serviu como uma base importante para o desenvolvimento das atividades no ESE III, que se concentrou na disciplina de Olericultura. A continuidade entre os estágios permitiu aprofundar a compreensão da dinâmica educacional no Colégio Politécnico da UFSM, especialmente no que diz respeito à formação de jovens e adultos para o setor agrícola.

Durante o ESE III, a atuação se voltou à observação e condução de práticas pedagógicas na Olericultura. Essa experiência em sala de aula foi essencial para o desenvolvimento de competências específicas da docência, como a organização do conteúdo, a adaptação de estratégias didáticas e a interação com os estudantes. A supervisão da Prof^a Tatiana e a orientação da Prof^a Karla foram fundamentais para guiar as reflexões sobre os processos de ensino-aprendizagem observados, oferecendo suporte para uma formação mais sólida e direcionada ao ensino técnico.

Dessa forma, o ESE III consolidou os aprendizados adquiridos nas etapas anteriores e expandiu a visão crítica e reflexiva sobre o papel do educador e a interação com os estudantes. Esses aspectos, que são fundamentais para a formação de um professor comprometido com a educação de qualidade, evidenciou a relevância da formação pedagógica. A vivência no ambiente de ensino técnico e a oportunidade de participar ativamente das atividades docentes contribuíram para a construção de uma identidade profissional mais madura e

preparada para enfrentar os desafios do ensino de Olericultura e de outras áreas da Educação Profissional.

No contexto da Olericultura, disciplina que foi objeto de estudo e prática durante o estágio, a aplicação dos saberes docentes possibilitou reflexões e aprendizados que ultrapassam a sala de aula. Portanto a experiência no ESE III fortalece a base para a atuação profissional futura, contribuindo para que o bacharel esteja mais preparado para atuar como docente na área de ciências agrárias.

Vivências do Estágio Supervisionado de Ensino III

O Colégio Politécnico da UFSM é uma Escola Técnica vinculada à Coordenadoria de Educação Básica, Técnica e Tecnológica (CEBTT) da UFSM, fazendo parte, no âmbito do Sistema Federal de Ensino, da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a qual é subordinada ao Ministério da Educação. O Colégio Politécnico da UFSM tem por finalidade a oferta de Educação Profissional e Tecnológica nos diferentes níveis e nas distintas modalidades de ensino, de modo a articular as dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. Os cursos ofertados são de formação inicial e de formação continuada, de educação profissional técnica subsequente ao de nível médio e de educação profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação (Libâneo, 2001).

Como uma unidade de educação básica, técnica e tecnológica da UFSM, o Colégio Politécnico tem como objetivo primordial promover o ensino médio, a qualificação profissional e a educação técnica subsequente ao nível médio, bem como contribuir para o avanço da educação profissional e tecnológica em níveis mais elevados de ensino, incluindo graduação e pós-graduação (Dayrell, 2006). Ao longo de sua trajetória, a instituição tem se dedicado incansavelmente à formação de profissionais competentes e comprometidos com o desenvolvimento social e econômico de sua região e do país.

Para tornar a compreensão das atividades do ESE III mais clara e acessível, optamos uma descrição minuciosa que dedicará à apresentação e análises das observações feitas durante as aulas. Assim, cada aula ministrada está descrita de forma compilada em subseções, buscando sempre refletir os aspectos observados a partir de uma perspectiva pedagógica. A carga horária total da disciplina de Olericultura é de 90 horas, das quais 30 horas foram efetivamente ministradas por mim durante o semestre.

A turma era composta por 24 estudantes, apresentando uma ampla diversidade de particularidades que refletiam diferentes experiências e níveis de conhecimento em agricultura. Percebi que alguns estudantes demonstravam grande interesse e curiosidade, enquanto outros apresentavam insegurança em relação ao cultivo e às práticas de manejo associadas à olericultura. Essa heterogeneidade exigiu algumas abordagens diferenciadas durante nas aulas, com o intuito de assegurar que todos se sentissem confortáveis para esclarecer suas dúvidas e fomentar questionamentos à medida que os temas eram discutidos (Dayrell, 2006).

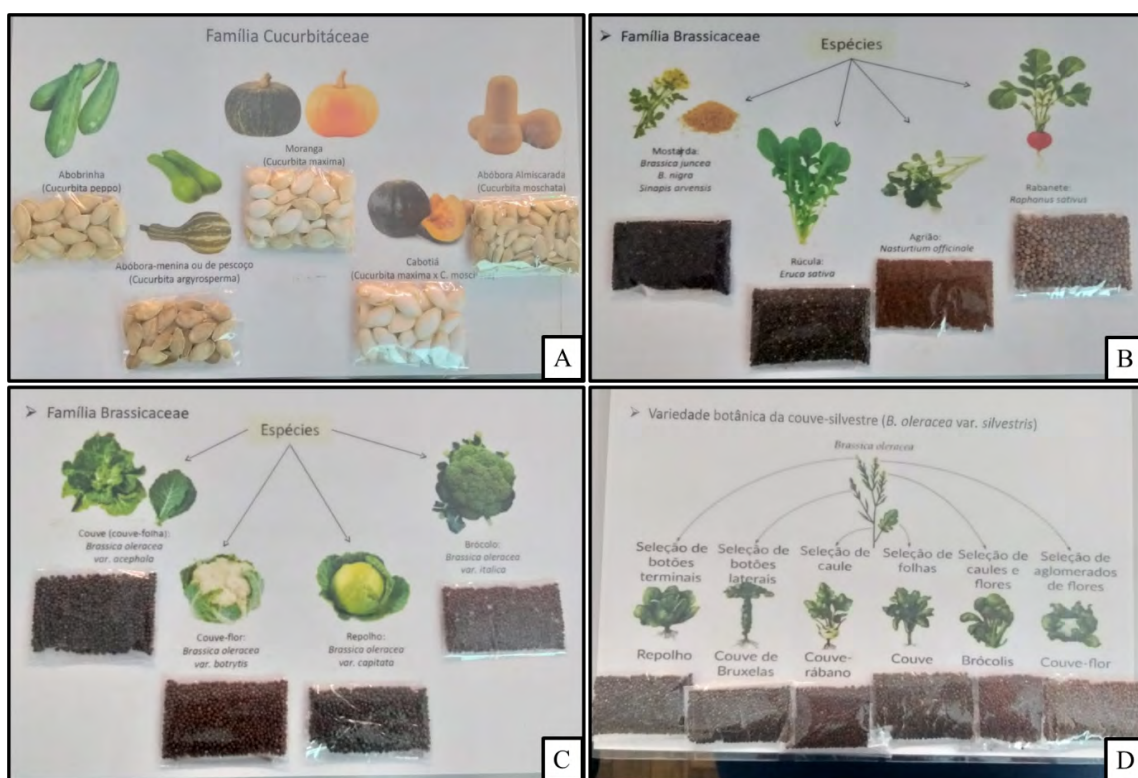
A elaboração do Plano de Ensino foi uma etapa importante e colaborativa. Em conjunto com a supervisora, discutimos os objetivos da disciplina, o conteúdo a ser abordado e as metodologias a serem utilizadas. A definição de cronograma e avaliação foi pautada nas necessidades e expectativas dos estudantes, buscando uma formação equilibrada. O Plano de Ensino foi estruturado para abordar temas fundamentais da olericultura, abordando os temas que constitui a ementa da disciplina. Sempre com o objetivo de atender todas as demandas do mundo do trabalho e assim preparar os estudantes do curso técnico em agricultura para a sua atuação no mercado de trabalho.

Os Planejamentos de Aula foram elaborados e desenvolvidos de forma estruturada, considerando as especificidades e as metas estabelecidas de conteúdos previstos no Plano de Ensino. Essa experiência me proporcionou uma reflexão sobre a flexibilidade necessária para adaptar as aulas às características da turma e às condições do ambiente de aprendizado. Foram incluídas práticas pedagógicas com o objetivo de promover a interação e a compreensão dos con-

ceitos estudados na disciplina.

Durante as aulas procurei utilizar ferramentas tecnológicas como apresentações em slides, vídeos demonstrativos e atividades em grupo para estimular a participação e o engajamento dos estudantes. Também implementei metodologias ativas, como discussões em grupo e estudos de caso (exercícios), com o objetivo de incentivar os estudantes e possibilitar vivências (Filgueira, 2008; Marcos Filho, 2015; Andriolo, 2017). Essas abordagens contribuíram para uma participação mais ativa e, conseqüentemente, mais significativo. Além disso, foram utilizados catálogos com diferentes tipos de sementes de hortaliças (Figura 1), o que facilitou a visualização e aprimorou a compreensão da turma, proporcionando um contato mais “real” com as culturas propagadas por sementes.

Figura 1 - Apresentação de catálogos de diferentes sementes de hortaliças, com destaque para espécies da Família Cucurbitaceae (A), diversas culturas da Família Brassicaceae (B e C), além de variedades botânicas da *Brassica oleracea* var. *sylvestris* (D).



Fonte: Fiorin e Lopes (2024).

Durante o estágio, uma das atividades mais relevantes foi a semeadura de alface em diferentes tipos de substratos, com o objetivo de investigar a influência do substrato no desenvolvimento da cultura. Essa execução ofereceu aos estudantes uma experiência concreta sobre a importância da escolha dos substratos no cultivo de hortaliças. Os estudantes puderam observar e comparar o desempenho das mudas sob diferentes condições, refletindo sobre as implicações de prática dessa variável no manejo (Hartmann, 1997; Nick; Borém, 2019).

Além de aplicar os conhecimentos adquiridos, a atividade incentivou o desenvolvimento de habilidades críticas e analíticas essenciais para o aprendizado técnico-profissional em Olericultura. Os alunos também observaram a diferença entre as sementes nuas de alface e as sementes peletizadas, que são amplamente utilizadas na semeadura comercial (Figura 2). Isso permitiu que manipulassem ambos os tipos de sementes e realizassem a semeadura em diferentes misturas de substratos, proporcionando uma compreensão mais profunda das práticas comerciais e suas técnicas associadas.

Figura 2 - Comparação entre sementes de alface nua e peletizadas utilizadas pelos estudantes (A) e bandeja de isopor com três diferentes misturas de substrato criadas pelos estudantes do Curso Técnico em Agricultura do Colégio Politécnico da UFSM para o cultivo de alface (B).



Fonte: Fiorin e Lopes (2024).

A atividade foi realizada em grupos de quatro a cinco estudantes, que tiveram a liberdade de criar suas próprias misturas de substratos, com base em suas hipóteses sobre qual combinação apresentaria o melhor desempenho no cultivo da alface. Essa abordagem colaborativa e experimental promoveu um ambiente de aprendizado dinâmico e reflexivo, estimulando a autonomia dos estudantes nas tomadas de decisões. A atividade envolveu a comparação entre sementes nuas e peletizadas, além da criação de misturas de substratos pelos próprios estudantes, que observaram o desenvolvimento e o crescimento das sementes, promovendo uma experiência colaborativa e cooperativa no contexto do manejo agrícola para produção de mudas de hortaliças (Andriolo, 2017).

As atividades de ensino possibilitaram vivenciar parte da realidade do trabalho no setor de Olericultura, especialmente nas atividades desenvolvidas no Colégio Politécnico da UFSM. No entanto, as atividades de campo foram limitadas devido ao curso ser ministrado no turno noturno, o que dificultou a realização de práticas externas, como o cultivo em campo aberto, por conta da ausência de luz natural. Para que a turma pudesse presenciar os conteúdos estudados, muitas atividades foram realizadas tanto em sala de aula quanto no galpão do setor.

Apesar da limitação imposta pela disponibilidade de luz natural, devido ao curso ser noturno, foi possível realizar uma caminhada pelas estruturas de cultivo do setor no início da aula, aproveitando a luz solar disponível. Esse passeio técnico permitiu que a turma observasse de perto o que é um canteiro de hortaliças, como se constrói um túnel baixo e alto, além de explorar as instalações de estufas agrícolas. Durante essa atividade, discutimos os manejos mais indicados para diversas olerícolas e debatemos as vantagens e desvantagens de diferentes sistemas de produção, enriquecendo a compreensão dos estudantes sobre as práticas agrícolas utilizadas na produção de hortaliças (Filgueira, 2008).

Durante o estágio, enfrentei desafios importantes, como a adaptação das aulas às necessidades individuais dos estudantes e a gestão adequada do tempo. Em algumas ocasiões, as atividades não saíam exatamente como planejado, exigindo que eu fosse flexível e ajustasse o conteúdo conforme a resposta e o engajamento da turma. Esse processo me desafiou a sair da zona de conforto, adotando novas estratégias de ensino e reformulando minhas abordagens pedagógicas em tempo real, de modo a facilitar a compreensão dos tópicos tratados.

Para superar esses obstáculos, adaptei o planejamento de aula e busquei sempre obter feedback contínuo dos estudantes e da minha supervisora de estágio, a Prof^a Tatiana, o que me permitiu ajustar as atividades para garantir que todos estivessem acompanhando o conteúdo de maneira satisfatória. Ao me auto desafiar nesse contexto, desenvolvi habilidades de improviso e adaptação, essenciais para lidar com os ritmos de aprendizagem que surgiram ao longo do curso. Essa flexibilidade foi fundamental para promover um ambiente de aprendizagem inclusiva, permitindo que todos os estudantes pudessem acompanhar de acordo com suas especificidades.

Uma das avaliações em que atuei diretamente foi a tarefa de semeadura de alface em diferentes misturas de substratos. Essa atividade, embora pontual, foi desenvolvida ao longo do semestre, proporcionando aos estudantes a oportunidade de aplicar, de forma integrada, os diversos conhecimentos adquiridos ao longo do curso técnico. O foco foi a cultura da alface, mas os alunos também puderam relacionar o conteúdo com outras áreas, reforçando conceitos importantes sobre o manejo de substratos e seu impacto no desenvolvimento das plantas.

Ao me autodesafiar durante essa avaliação, busquei auxiliar a compreensão dos temas tratados, incentivando os estudantes a pensar criticamente sobre as escolhas que estavam fazendo. Para isso estimei discussões sobre os substratos, a viabilidade de cada mistura e os resultados esperados, ajudando-os a conectar teoria e prática de maneira mais fluida. Essa experiência reforçou a importância de tornar o processo avaliativo uma ferramenta de aprendizado

contínuo, permitindo que os estudantes aprimorassem seus conhecimentos em Olericultura e desenvolvessem habilidades relevantes para sua formação.

Como destaca Paulo Freire, “não há prática sem teoria, assim como não há teoria sem prática” (Freire, 1996). Ambas se complementam em um ciclo contínuo de ação e reflexão, onde a prática não é apenas a execução de tarefas, mas um espaço para analisar criticamente a teoria, enquanto a teoria orienta e dá profundidade à prática, enriquecendo o aprendizado e tornando-o mais significativo.

Meu desempenho enquanto docente foi uma jornada de aprendizado contínuo e enriquecedor. A experiência do estágio contribuiu significativamente para minha formação pedagógica, permitindo-me desenvolver e aprimorar habilidades essenciais para a atuação na área educacional. A interação com os estudantes e a adaptação das aulas às suas necessidades específicas ampliaram minha percepção sobre a prática docente e a importância da relação professor-estudante. Ao me desafiar a auxiliar a compreensão das atividades e dos temas abordados, percebi como é fundamental criar um ambiente de aprendizado colaborativo, no qual os estudantes se sintam seguros para interagir e expressar suas dúvidas.

Durante o estágio, busquei constantemente entender o perfil dos estudantes, que variava em termos de idade, nível de conhecimento e experiências prévias. Essa diversidade exigiu que eu fosse flexível e criativo em minha abordagem, adaptando os conteúdos e as metodologias utilizadas. A valorização do feedback foi uma ferramenta poderosa, permitindo-me ajustar as atividades para atender às expectativas e dificuldades dos alunos.

A supervisora da turma também fez uma avaliação positiva do meu desempenho, destacando minha dedicação e a capacidade de estabelecer conexões significativas com os estudantes. Essa validação fortaleceu minha confiança e motivação, reafirmando meu compromisso com a educação de qualidade. Ao final do estágio, percebo que evoluí não apenas como docente, mas também

como profissional, sentindo-me mais preparado para enfrentar os desafios do ensino e contribuir de forma significativa para a formação de futuros educadores. Essa experiência foi fundamental para moldar minha identidade profissional e consolidar minha paixão pela educação.

Palavras Finais

A autoavaliação do meu estágio revela um período de intensa aprendizagem e desenvolvimento. Ao longo dessa experiência, pude perceber não apenas os desafios enfrentados, mas também as conquistas que contribuíram para minha formação como educador. A adaptação das aulas às necessidades dos alunos e a construção de um ambiente colaborativo foram aspectos fundamentais que enriqueceram minha prática docente.

Por fim, a contribuição do ESE III para minha vida pessoal e profissional foi imensa. Além de aprimorar minhas habilidades pedagógicas e didáticas, a experiência me proporcionou uma nova visão sobre a educação, reforçando meu compromisso em promover um ensino de qualidade. Sinto-me mais preparado e confiante para seguir minha trajetória na educação, ciente de que o aprendizado contínuo é essencial para qualificar a carreira docente. Essa vivência não apenas moldou minha identidade profissional, mas também enriqueceu minha vida pessoal, despertando um entusiasmo renovado pela educação e pelo impacto que posso ter na formação de futuros profissionais.

“Você não pode fazer o trabalho de hoje com os métodos de ontem se pretende estar no mercado amanhã.” (Jack Welch)

Referências

ANDRIOLO, Jerônimo Luiz. **Olericultura geral**. 3. ed. Santa Maria: UFSM, 2017. 96 p.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura. A escola como espaço sócio-cultural**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. 136-161 p.

FILGUEIRA, Fernando Antônio Reis. **Novo manual de olericultura**. 3. ed. Viçosa: UFV, 2008. 402 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 144 p.

HARTMANN, Hudson Thomas et al. **Plant propagation**: principles and practices. 6. ed. New Jersey: Prentice Hall, 1997. 912 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **O sistema de organização e gestão da escola**. 4. ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

MARCOS FILHO, Júlio. **Fisiologia de sementes de plantas cultivadas**. Londrina: Abrates, 2015. 659 p.

NICK, Carlos; BORÉM, Aluísio. **Alface**: do plantio à colheita. 1. ed. Viçosa: Livraria UFV, 2019. 228 p.

CAPÍTULO 5

Estágio Supervisionado na Educação Profissional: experiências no Curso Técnico em Meio Ambiente

Guilherme Diego Fockink

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Patrícia Sabino da Silva (Supervisora)

Franciele Antônia Neis (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-4

Palavras Iniciais

A formação docente é importante para bacharéis que desejam ser professores na educação profissional e tecnológica. O bacharel-licenciado tem um papel importante na formação de seus alunos, por ser capaz de aliar as experiências vivenciadas em sua área de atuação e a prática pedagógica, promovendo uma formação crítica e ao mesmo tempo voltada ao desenvolvimento das habilidades profissionais (Oliveira e Silva, 2012).

Nesse contexto, o Estágio Supervisionado de Ensino torna-se uma etapa muito importante na formação docente destes profissionais, permitindo a aproximação com o contexto de trabalho nas instituições de ensino e seus desafios cotidianos, que por sua vez, contribui para a construção dos saberes docentes requeridos pela profissão docente (Vieira e Vieira, 2019). O estágio supervisionado é um dos momentos mais significativos da formação docente, onde se aplica todo o conhecimento teórico discutido durante a formação, levando assim a teoria à prática de sala de aula. É um momento onde o professor em

formação aprende a resolver problemas e passa a entender a importância do educador na formação pessoal e profissional de seus alunos (Leite, 2023).

O Estágio Curricular Supervisionado III (ESE III) do Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG) possui uma carga horária de 105 horas. Permite ao professor em formação a atuação diretamente na Educação Profissional, de acordo com as habilidades e competências necessárias para assumir as atribuições de um Professor Técnico de Nível Fundamental e/ou Médio. É uma disciplina em que o professor em formação planeja e ministra aulas em espaços formais e não formais de ensino, sob orientação do professor do PEG e supervisão dos professores responsáveis pelas disciplinas.

Neste contexto, o objetivo deste capítulo é relatar as experiências vivenciadas no ESE III/PEG, realizado em duas disciplinas do Curso Técnico em Meio Ambiente do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), durante o segundo semestre de 2024.

Vivências do Estágio Supervisionado de Ensino III

O ESE III/PEG foi realizado no Curso Técnico em Meio Ambiente, do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), durante o segundo semestre de 2024, totalizando 30 horas de aulas ministradas. As atividades de estágio foram realizadas em duas disciplinas do segundo semestre do curso: Impactos Ambientais e Áreas Protegidas e os Serviços Ambientais.

A turma possuía em torno de 15 alunos, que frequentavam assiduamente as aulas. A maioria destes cursava ambas as disciplinas. Possuíam uma faixa etária bastante ampla, com idades entre os 18 e 60 anos. Alguns estavam cursando graduação e ou/pós-graduação na UFSM e outros já possuíam alguma formação em nível de graduação, em cursos relacionados a área de meio ambiente, como por exemplo, biologia, engenharia florestal e engenharia ambiental. Em ambas as disciplinas haviam alunos com necessidades especiais diagnosticada,

e que contavam com o acompanhamento de uma monitora. De modo geral, a turma era bastante interativa e demonstrava interesse em aprender, estando no curso técnico para complementar sua formação prévia, ou na busca de conhecimento prático.

A elaboração dos planos de ensino foi realizada conjuntamente com as professoras responsáveis pelas disciplinas, sendo definidos os conteúdos, metodologias utilizadas e o número de aulas que foram ministradas. Os planos seguiram o conteúdo programático definido pelo Projeto Pedagógico do Curso. O diálogo com as professoras das disciplinas foi fundamental para o alinhamento dos conteúdos e atividades. O planejamento das aulas seguiu o conteúdo e metodologias previstas nos Planos de Ensino, com pequenas adaptações e ajustes no decorrer do estágio, também definidas juntamente com as professoras responsáveis pelas disciplinas. A elaboração dos Planos de Aula foi essencial para a organização dos conteúdos e para a realização de atividades em sala de aula. De acordo com Farias et al. (2011) o planejamento é uma etapa fundamental do ensino, pois permite organizar, projetar e sistematizar o saber docente. É um ato reflexivo, vivo e contínuo, permeado por um processo de avaliação e revisão para que os objetivos do ensino sejam atingidos. Os referidos autores destacam ainda que características do planejamento como o caráter participativo e a flexibilização são essenciais para a construção da prática e do saber docente.

As aulas foram expositivas-dialogadas, utilizando-se apresentação de slides, vídeos e o quadro branco. Em algumas aulas foram empregadas metodologias ativas como o estudo de caso, ensino com pesquisa e a gamificação. Na disciplina de Impactos Ambientais, foi utilizada a metodologia de estudo de caso para trabalhar a relação entre atividade transformadora, aspectos e impactos ambientais. A partir de vídeos e exemplos reais de atividades potencialmente poluidoras, os alunos foram instigados a identificar potenciais impactos ambientais dessas atividades e/ou empreendimentos (e.g. mineração,

construção de uma rodovia, transporte rodoviário) e relacionar com os seus respectivos aspectos ambientais. Essa metodologia contribuiu bastante para o entendimento desses conceitos e sua aplicação, permitindo que os alunos analisassem cada situação e refletissem sobre seus impactos ambientais. O estudo de caso é uma metodologia baseada em situações de contexto real, as quais são denominadas “casos”. Essa abordagem pressupõe a participação ativa dos estudantes na resolução de questões relativas ao caso, promovendo o desenvolvimento de competências e habilidades relativas à resolução de problemas, à tomada de decisão, à capacidade de argumentação e ao trabalho efetivo em equipe (Spricigo, 2014).

Ainda nesta disciplina foi utilizado a gamificação como forma de revisão de conteúdo para a prova. A gamificação é considerada uma estratégia de ensino inovadora, pois envolve a aplicação de elementos de jogos no contexto educacional, com o propósito de incentivar os alunos, mantê-los motivados e aprimorar seu desempenho em suas aprendizagens (Lima et al., 2023). A utilização de *quizzes* online com questões objetivas de múltipla escolha tem sido descrita como uma estratégia de ensino que instiga os alunos à participação ativa, gerando um aprendizado significativo em várias áreas do conhecimento (Araújo et al., 2011; Lima et al., 2023). Para a realização dessa atividade em sala de aula, foi realizado um *quiz* online de perguntas e respostas, utilizando a ferramenta Quiz Class 3.0 (<https://quizclass.com.br/login/professor>) (Figura 1), onde os alunos puderam responder as questões em grupo. O objetivo dessa atividade foi promover o trabalho em equipe e tornar a atividade de revisão do conteúdo mais interativa, permitindo uma discussão coletiva das questões.

Figura 1 – Interface interativa da ferramenta Quiz Class 3.0 utilizada na atividade de revisão do conteúdo realizada na disciplina de Impactos Ambientais.

The image shows a screenshot of the Quiz Class 3.0 interface. At the top, there is a progress bar and a score indicator showing '1/10 10%'. Below this, a question is displayed: '1 - Para a identificação dos impactos ambientais, faz-se necessário conhecer todas as atividades e os aspectos dos empreendimentos causadores de degradação ambiental. Sendo assim, assinale a alternativa correta que exemplifica atividade, aspecto e impacto, respectivamente.' Below the question, there are five options labeled A through E, each in a dark blue box with white text. Option A is 'Terraplanagem, emissão de material particulado e redução da qualidade do ar.' Option B is 'Escavações, perda de produtividade do solo e geração de resíduos sólidos.' Option C is 'Serviços de topografia, geração de emprego e lançamento de efluentes.' Option D is 'Mineração, estocagem de minério e geração de ruídos.' Option E is 'Pavimentação, geração de ruído e emissão de gases.' At the bottom right of the interface, there is a button labeled 'VERIFICAR'.

1/10 10%

1 - Para a identificação dos impactos ambientais, faz-se necessário conhecer todas as atividades e os aspectos dos empreendimentos causadores de degradação ambiental. Sendo assim, assinale a alternativa correta que exemplifica atividade, aspecto e impacto, respectivamente.

A Terraplanagem, emissão de material particulado e redução da qualidade do ar.

B Escavações, perda de produtividade do solo e geração de resíduos sólidos.

C Serviços de topografia, geração de emprego e lançamento de efluentes.

D Mineração, estocagem de minério e geração de ruídos.

E Pavimentação, geração de ruído e emissão de gases.

VERIFICAR

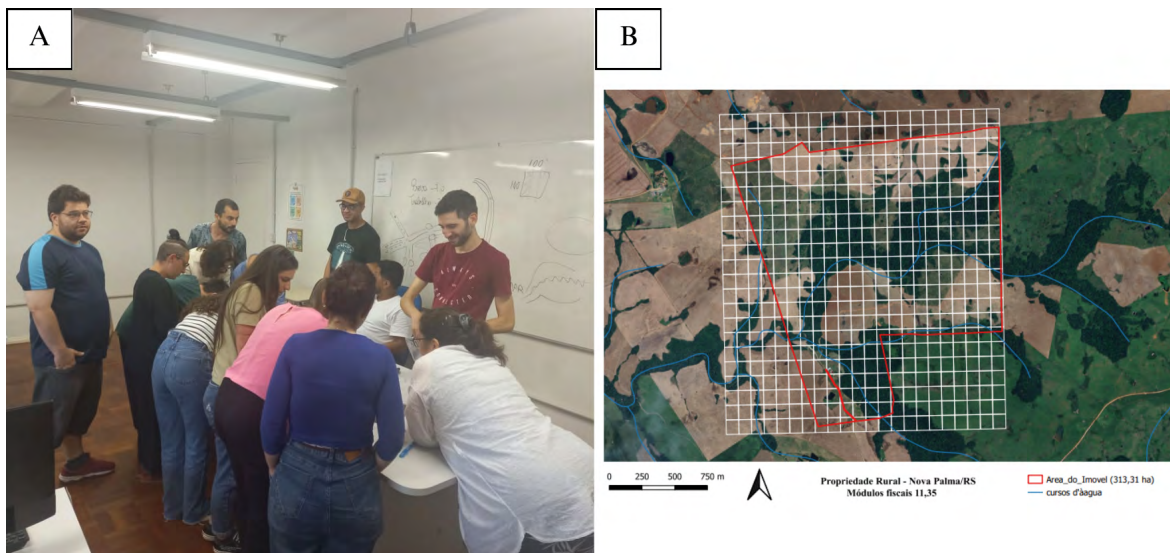
Fonte: Autoria própria.

Essa atividade contribuiu para que os alunos revisassem o conteúdo e esclarecessem suas dúvidas em sala de aula. No entanto, é uma atividade um pouco limitante, principalmente no caso dos alunos com necessidades especiais, que apresentaram uma certa dificuldade em responder às questões com os recursos digitais. Desse modo, a atividade foi adaptada para que todos também tivessem acesso ao material impresso, permitindo que os alunos pouco habituados às tecnologias pudessem responder as questões, e apenas um membro do grupo respondesse o *quiz* online.

Na disciplina de Áreas Protegidas e os Serviços Ambientais, a metodologia de estudo de caso foi utilizada em dois momentos: inicialmente para trabalhar o conteúdo sobre Áreas de Preservação Permanente (APP) e Reserva Legal (RL) e em um segundo momento para trabalhar conceitos de Ecologia da Paisagem. Na primeira aula, após a aula teórica, os alunos foram divididos em grupos de quatro pessoas, e para cada grupo foi disponibilizado um mapa impresso em tamanho A3, contendo uma imagem de satélite de uma proprieda-

de rural (Figura 2), bem como canetas e lápis e demais materiais necessários. O objetivo da atividade era exercitar a capacidade dos alunos em identificar e delimitar as APP e RL na propriedade rural e instigar a sua reflexão sobre a necessidade de conectar essas áreas protegidas em um contexto de paisagem, para maximizar as suas funções ecológicas e os serviços ambientais prestados à sociedade.

Figura 2 – Atividade de delimitação de Áreas de Preservação Permanente (APP) e Reserva Legal (RL) com alunos da disciplina de Áreas Protegidas e os Serviços Ambientais. A) Grupos realizando a atividade em sala de aula; B) Mapa de uma propriedade rural utilizado na atividade.



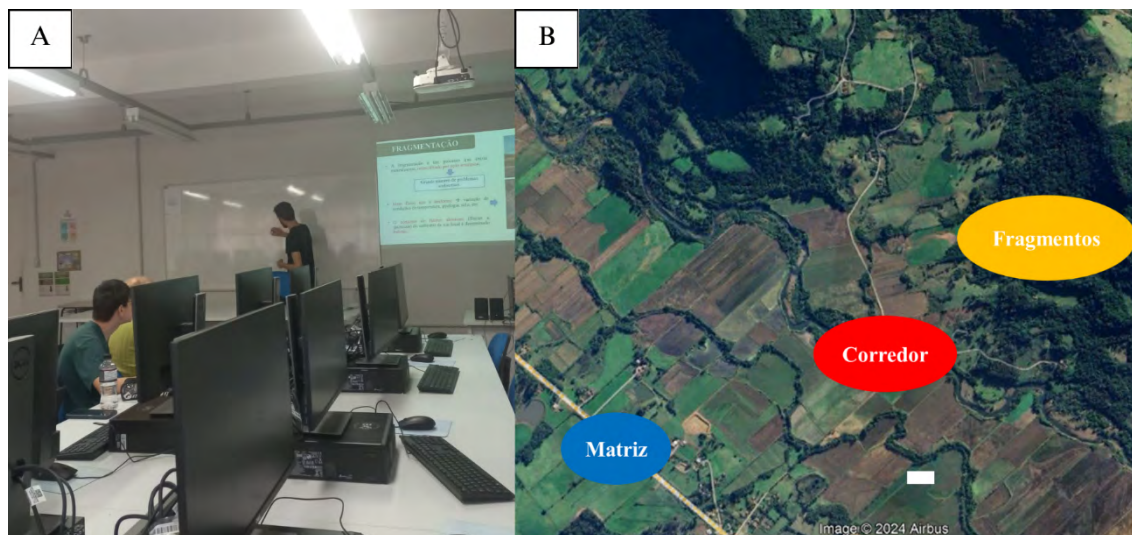
Fonte: Autoria própria.

A atividade foi realizada de forma impressa, pois alguns alunos possuem dificuldades com a tecnologia, dificultando assim o uso de algum programa de SIG (Sistema de Informação Geográfica). A atividade foi bastante interessante, e os grupos discutiram e refletiram sobre qual a melhor maneira de delimitar essas áreas e sobre a sua disposição na propriedade rural, delimitando as APP e RL conforme acharam pertinente. Ao final da atividade foi demonstrado um mapa de como deveria ser a delimitação dessas áreas, de acordo com a legislação e buscando promover a conectividade da paisagem. Essa é uma atividade interessante de se realizar, pois promove a interação entre os alunos e o pensa-

mento crítico para a tomada de decisão, bastante importante quando se trabalha com questões ambientais.

Na segunda aula, para trabalhar os conceitos de ecologia de paisagem foi proposto aos alunos uma atividade em grupo, mas dessa vez utilizando o programa Google Earth (<https://www.google.com.br/earth/>). Cada grupo recebeu um roteiro com orientações e questões a serem respondidas. Cada grupo teve que identificar uma paisagem rural ou urbana no Google Earth e em seguida delimitar os elementos da paisagem (matriz, fragmento e corredor) (Figura 3). Foram propostas perguntas a serem respondidas com base na paisagem analisada, como por exemplo: a) Quantos fragmentos foram identificados na paisagem analisada?; b) Qual a distância média entre fragmentos?; c) Existem corredores na paisagem analisada? Quantos?; d) A paisagem apresenta conectividade? Se não, como você faria para torná-la mais conectada e permeável. Na execução da atividade muitos alunos tiveram dúvidas em relação ao uso do programa, no entanto, conseguiram realizar a atividade com auxílio do professor e dos colegas do grupo. De modo geral, essa metodologia se mostrou bastante interessante por proporcionar aos alunos a análise de situações reais da paisagem e propor estratégias para melhorá-la, bem como por promover o contato e a interação com a ferramenta de SIG. O uso de tecnologias digitais em sala de aula representa a possibilidade de inovação na prática docente, ampliando o leque de estratégias para a construção da aprendizagem pelos estudantes (Machado e Figueiredo, 2020). Além disso, os referidos autores enaltecem a importância da inclusão dessas tecnologias na EPT, pois promovem o aumento de interesse dos alunos, favorecendo o desenvolvimento de um trabalho educativo mais flexível, colaborativo e formativo, ajustado às necessidade de aprendizagem do educando.

Figura 3 – Atividade sobre ecologia de paisagem com alunos do Curso Técnico em Meio Ambiente. A) Apresentação de conceitos básicos; B) Identificação dos elementos da paisagem (matriz, fragmentos e corredores) no Google Earth.



Fonte: Autoria própria.

Outra metodologia utilizada nesta disciplina foi o ensino com pesquisa, especificamente em uma aula sobre espécies vegetais imunes ao corte. O ensino com pesquisa consiste na junção dos princípios do ensino associados aos da pesquisa (Anastasiou e Alves, 2015). Nessa abordagem os alunos são encorajados a não se contentar apenas com o conteúdo fornecido pelo professor, mas a pesquisar sobre uma determinada temática, analisar criticamente as informações encontradas e comunicar os resultados alcançados (Rocha e Cunha, 2023). De acordo com os referidos autores, para a execução dessa metodologia em sala de aula, inicialmente o professor deve apresentar o conteúdo e conceitos básicos de uma determinada temática e na sequência disponibilizar aos alunos materiais didáticos, como textos ou reportagens, acompanhados de perguntas norteadoras, de forma a induzir a pesquisa. Nesta aula, após uma explanação inicial sobre conceitos, características e exemplos de espécies imunes, foi proposto aos alunos que realizassem uma pesquisa sobre uma determinada espécie, para classificá-la como imune ao corte ou não, de acordo com suas características. Para essa atividade, algumas espécies foram selecionadas

previamente e cada grupo obteve uma espécie por sorteio. Posteriormente, foi disponibilizado aos grupos um roteiro com perguntas norteadoras e materiais para pesquisa, como a coleção de Livros – Espécies Arbóreas Brasileiras (<https://www.embrapa.br/florestas/publicacoes/especies-arboreas-brasileiras>) nas versões impressa e digital, para que os alunos buscassem por características das espécies, região de ocorrência, grau de ameaça de extinção, importância ecológica, econômica e cultural e posteriormente concluíssem se a espécie poderia ou não ser considerada imune ao corte. Ao final da atividade foi realizada uma discussão, onde cada grupo relatou o que encontrou em sua pesquisa. Essa atividade proporcionou aos alunos o exercício da pesquisa de informações em fontes qualificadas, bem como o conhecimento de espécies da flora nativa e a capacidade de relacionar as características das espécies com os conceitos vistos na aula teórica.

O processo de preparação das aulas foi colaborativo, sempre com o acompanhamento das supervisoras, que avaliavam o material de aula (slides e atividades), previamente às aulas e retornavam com sugestões e/ou um parecer positivo. Essa colaboração foi muito importante para a adaptação dos conteúdos ao curso técnico, que possui um caráter muito mais prático e geralmente não necessita de um aprofundamento tão grande na teoria, como ocorre em cursos de graduação, por exemplo. As reuniões com a orientadora de estágio também foram essenciais, principalmente para proposição de metodologias ativas, na tentativa de deixar as aulas mais interessantes e interativas para os alunos.

O principal desafio enfrentado durante o estágio foi a elaboração das aulas, de modo a deixar o conteúdo acessível aos alunos e torná-lo mais prático. Com o passar das semanas, essa tarefa se tornou mais fácil, principalmente devido a aplicação das metodologias ativas supracitadas. A adaptação dos conteúdos, com o uso de exemplos reais e próximos à realidade dos alunos também facilitou bastante esse processo e aumentou a compreensão destes sobre os temas estudados. De acordo com Ribeiro et al. (2023) as metodologias ativas

são recursos auxiliares importantes na concepção de uma prática pedagógica facilitadora e flexível ao alcance do potencial de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Os referidos autores pontuam que a inclusão de metodologias ativas que valorizem a consciência e a proatividade dos estudantes no processo tendem ao sucesso e contemplam de forma mais efetiva às finalidades dessa modalidade de ensino, que busca a formação integral do ser humano. Outro desafio foi adequar os conteúdos ao tempo de aula, visto que algumas vezes os conteúdos eram sucintos, principalmente na disciplina de Áreas Protegidas e os Serviços Ambientais que possuía aulas mais longas. Neste caso, a utilização das metodologias ativas também tornou a tarefa mais fácil, permitindo um melhor aproveitamento do tempo de aula. A alteração do planejamento em uma determinada aula da disciplina de Impactos Ambientais também foi um desafio. A aula foi cancelada de última hora devido à uma epidemia de rotavírus na UFSM, sendo que as atividades nesse período foram remotas. Desse modo, a aula que já estava planejada para o presencial teve que ser alterada, sendo ministrada de forma assíncrona para os alunos, o que impossibilitou de certa forma as discussões sobre o estudo de caso proposto para esta aula. A solução encontrada neste caso, foi retomar a discussão na aula seguinte sobre este conteúdo, destacando os conceitos mais importantes, para na sequência dar continuidade ao novo conteúdo.

Palavras Finais

O estágio nestas duas disciplinas foi uma experiência muito enriquecedora para a minha formação profissional, como futuro docente. A partir das experiências vivenciadas no estágio foi possível perpassar por todas as etapas do ensino, do planejamento à prática. Além disso, o estágio possibilitou o contato com os alunos, permitindo entender um pouco de suas experiências de vida e o que almejavam em sua formação enquanto Técnicos em Meio Ambiente. Muitos dos alunos que estavam ali, buscavam por uma formação complementar, ou

pela experiência prática, demonstrando interesse pelos temas trabalhados nas disciplinas. Permitiu também a compreensão dos desafios da educação no ensino técnico. No caso específico do Curso Técnico em Meio Ambiente, um dos principais desafios para o docente é a adaptação dos conteúdos, para que sejam acessíveis e gerem interesse para todos os alunos, visto que os alunos compõem um grupo bastante diverso em relação à formação profissional, necessidades especiais e à faixa etária.

Todas as experiências vivenciadas no estágio supervisionado contribuíram para a minha formação como docente, permitindo uma reflexão sobre a necessidade de se pensar a educação em todas as suas etapas, para que considere a experiência de vida dos alunos e que seja inclusiva para os diferentes públicos. Foi uma experiência desafiadora, mas ao mesmo tempo gratificante, ao saber que de certa forma eu contribuí para a formação profissional e pessoal dos alunos, mesmo que por um curto período de tempo.

*“Quem ensina aprende ao ensinar.
E quem aprende ensina ao aprender”. (Paulo Freire)*

Referências

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Processos de ensinagem na Universidade:** pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 10. ed. Joinville: Editora Univille, 2015. 71 p.

ARAÚJO, Gabriel Henrique Messias; SILVA, Amanda Souza Calixto da; CARVALHO, Ludmylla Augusta Souza de; SILVA, Janaína Cristina; RODRIGUES, Cynthia Waleria de Melo Silva; OLIVEIRA, Gilvaneide Ferreira de. **O quiz como recurso didático no processo ensino-aprendizagem em genética.** In: 63ª Reunião Anual da SBPC, nº 2176-1221, Anais da 63ª Reunião Anual da SBPC. Goiânia, 2011.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco; BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho; FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **Didática e docência:** aprendendo a profissão. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2011. 192 p.

LEITE, Natanielle de Oliveira Gormes. A Relevância do Estágio Curricular Supervisionado na Formação Docente. **Diversitas Journal**, v. 8, n. 1, p. 196-203, 2023. <https://doi.org/10.48017/dj.v8i1.2340>

LIMA, Ana Claudia dos Santos; RODRIGUES, Geiciane Neres; SIQUEIRA, Romulo Anthony do Nascimento; ARAÚJO, Ester Figueiredo; FRANÇA, Antonio Augusto dos Santos. Gamificação: utilização de quiz online como estratégia ativa, engajamento e motivação dos alunos do 3º ano do ensino médio na disciplina de história no centro de educação de tempo integral. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 8, p. 1398-1407, 2023.

MACHADO, Ricardo Macedo; FIGUEIREDO; Adriana de Carvalho. Metodologias ativas e tecnologias digitais como potencializadoras do processo de ensino-aprendizagem no Ensino Médio Integrado. **Revista Semiárido de Visu**, v. 8, n. 3, p. 537-549, 2020.

OLIVEIRA, Vivianne Souza de; SILVA, Rosália de Fátima e. Ser bacharel e professor: dilemas na formação de docente para a educação profissional e ensino superior. **Holos**, v. 2, p. 193-205, 2012.

RIBEIRO, Wendes Fernandes; SILVA, Cláudio Nei Nascimento da; DEMARCHI, Paulo Fernando; GARCIA, Juliana Pereira; SILVA, Juliana Rocha de Faria; CRUZ, Laura Cecília dos Santos. As Metodologias Ativas no contexto da Educação Profissional e Tecnológica: aproximações e contribuições na perspectiva de uma formação humana e integral. **Revista Metodologias e Aprendizado**, v. 6, p. 433-449, 2023.

ROCHA, Karla Marques da; CUNHA, Jaqueline Sabrine Carvalho. **Metodologia de ensino-aprendizagem: ensino com pesquisa**. In: ROCHA, Karla Marques da; FOCKINK, Guilherme Diego (Orgs.). Metodologias de ensino: construindo saberes na educação profissional [livro eletrônico]. Santa Maria: Editora Arco, pp. 10-19, 2024.

SPRICIGO, Cinthia Bittencourt. Estudo de caso como abordagem de ensino. 2014. Disponível em: <https://www.pucpr.br/wp-content/uploads/2017/10/estudo-de-caso-como-abordagem-de-ensino.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2024.

VIEIRA, Marilandi Maria Mascarello; Vieira, Josimar de Aparecido. O estágio supervisionado nos cursos de formação de professores para a educação profissional. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**, v.2, p. 1-20, 2019.

CAPÍTULO 6

A Construção da Prática Docente no Estágio Supervisionado

João Antônio Rodrigues Santos

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Denise Estivalete Cunha (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-5

Palavras Iniciais

O Estágio Supervisionado de Ensino (ESE) é um componente curricular fundamental nos cursos de formação de professores, assumindo um papel indispensável no processo de construção da identidade docente, proporcionando ao futuro educador a oportunidade de vivenciar, de maneira orientada e reflexiva, o cotidiano escolar, permitindo a articulação entre a teoria e a prática pedagógica (Pimenta & Lima, 2019). Para bacharéis que desejam atuar como professores, o ESE é ainda mais significativo, pois promove o desenvolvimento de competências pedagógicas que não são o foco central em formações predominantemente técnicas ou científicas. A importância do estágio reside na formação de saberes docentes que vão além do domínio técnico-científico da área de conhecimento.

Para bacharéis, o ESE oferece um campo de atuação que extrapola a reprodução de conhecimentos, incentivando a formação de educadores capazes de adaptar conteúdos técnicos à realidade dos alunos e promover a democratização do saber científico. Assim, o estágio supervisionado se torna não apenas uma etapa obrigatória da formação docente, mas também um meio para fortali-

lecer o compromisso com uma educação de qualidade e socialmente inclusiva. Essa vivência prática possibilita ao futuro professor compreender a complexidade da profissão docente, integrando teoria e prática e promovendo o desenvolvimento de uma postura investigativa e ética.

Conforme destacado por Fonseca (2017), a prática docente se fundamenta em diferentes saberes que se inter-relacionam: os saberes disciplinares, que abarcam os conhecimentos específicos da área de atuação; os saberes pedagógicos, relacionados às metodologias de ensino e estratégias didáticas; os saberes curriculares, que dizem respeito à organização dos conteúdos no contexto educacional; e os saberes experienciais, derivados das vivências práticas e do cotidiano escolar. Durante o estágio, esses saberes são mobilizados e integrados, permitindo ao estagiário não apenas adquirir habilidades práticas, mas também refletir criticamente sobre sua atuação e as demandas do ensino. Nesse sentido, o estágio supervisionado promove um espaço de articulação entre esses saberes, contribuindo para que o futuro docente desenvolva habilidades como planejamento de ensino, mediação do processo de aprendizagem e avaliação de práticas pedagógicas, fundamentais para sua atuação na educação básica ou superior.

É um espaço privilegiado para a construção da identidade profissional ao possibilitar que os futuros docentes compreendam os desafios e as possibilidades da profissão. Esse processo formativo vai além da aplicação de técnicas e métodos, envolvendo a construção de uma postura ética, reflexiva e comprometida com a transformação educacional (Nóvoa, 2019).

Por meio das práticas educacionais, o bacharel que deseja atuar como professor pode consolidar sua identidade profissional e ampliar sua compreensão do papel social da educação. Nesse processo, constrói-se não apenas o docente, mas também o educador reflexivo, comprometido com a transformação social e a promoção do conhecimento.

Vivências do Estágio Supervisionado de Ensino III

O estágio supervisionado de ensino foi realizado no Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que desempenha um papel fundamental na oferta de educação técnica de qualidade, alinhada às demandas do mercado e às necessidades regionais. A disciplina de Projeto de Paisagismo III faz parte da estrutura curricular do curso Técnico em Paisagismo com carga horária de 45 horas, sendo ofertada no último semestre.

A turma do semestre 2024/2 era formada por 26 alunos (20 mulheres e 6 homens), a faixa etária varia entre 19 a 55 anos, podendo-se identificar especificidades. A turma era participativa, demonstra interesse no aprendizado e executava bem todas as atividades.

A elaboração do Plano de Ensino foi uma tarefa fácil, porém cheia de detalhes. O plano de ensino é importante, pois é através dele que os docentes estruturam as aulas que serão ministradas no decorrer do semestre, permitindo analisar o perfil da turma, resumir os principais conteúdos e objetivos da disciplina alinhados às competências técnicas e práticas aplicáveis. O planejamento é uma ferramenta essencial para a organização da prática docente, possibilitando a reflexão, a sistematização e o alinhamento das atividades pedagógicas aos objetivos educacionais (Pimenta, 2010). Através do Plano de ensino é organizado os temas em módulos ou etapas, seguindo uma progressão lógica e prática, além de auxiliar no planejamento de estratégias de ensino que combinem teoria e prática, como aulas expositivas, workshops, estudos de caso e visitas técnicas.

O Plano de Aula orienta o professor na escolha dos conteúdos, atividades, metodologias e estratégias de avaliação, garantindo uma abordagem prática, alinhada aos objetivos do curso e as exigências do mercado de trabalho conectando às demandas profissionais. Além disso, permite adaptar o ensino às necessidades dos alunos, promovendo o desenvolvimento de competências

técnicas, práticas e profissionais, essenciais para a formação e inserção no mercado. É no Plano de Aula que estabelecemos expectativas entre professores e alunos, garantido um ensino de qualidade para formação profissional e aprendizado eficaz.

As aulas ministradas foram expositivas com o apoio de ferramentas de mídias presentes na sala, os alunos ficam atentos e participam ativamente. No decorrer da explanação do conteúdo, alguns alunos se manifestam trazendo relatos de suas vivências pessoais que agregam informações pertinentes ao conteúdo que estava sendo ministrado. A todo momento a Prof.^a Denise enriquecia a minha aula com suas observações, sem prejudicar a linha de raciocínio do estagiário. As atividades em sua maioria eram realizadas em grupos, gerando discussões em torno do conteúdo abordado em sala. A interação com os discentes foi satisfatória e tornando as aulas mais leves. Houve uma avaliação em dupla, na qual a grande maioria da turma obteve notas satisfatórias, refletindo a aprendizagem.

Durante a preparação das aulas surge uma aflição no qual a quantidade de conteúdo que está sendo elaborado não será o suficiente para quantidade de tempo que temos disponível para ministrar o conteúdo, porém quando a interação professor-aluno acontece, o tempo é um detalhe, o nervosismo de não dar conta em reproduzir todo o conteúdo estudado não vem mais a mente, a participação dos alunos demanda tempo, logo esse tempo é convertido em aprendizado, pois eles estão na sintonia da aula, fazendo render o tempo e o conteúdo. As aulas permitem que os discentes sejam protagonistas de conhecimentos, não cabe apenas ao professor ser o transmissor de conteúdos, quando invertemos a situação os alunos enriquecem o dia letivo com as participações. O tempo e o conteúdo tornam-se pequenos, devido a vontade de aprender dos alunos.

O estágio foi de grande enriquecimento para a minha carreira profissional, pois elucidou dúvidas acerca de como se comportar a frente do desafio ao desenvolvimento prático e teórico. Tive receio com o tempo da disciplina, no

sentido de não dar conta do conteúdo, mas no decorrer das aulas percebi o quão importante é o planejamento de aula, nele está inserido aquilo que desejamos lecionar. Contratempos acontecem e nesse momento a improvisação faz parte do ser professor, dinâmicas em grupos, questões reflexivas, participação dos alunos entre outras ações faz com que o tempo seja pouco para ministrar a disciplina.

As avaliações foram elaboradas e aplicadas pela Prof.^a Denise, com exceção do Seminário que foi realizado por mim. O exame continha treze questões divididas entre múltipla escolha e verdadeiro e falso, o conteúdo avaliativo tratava sobre as praças modernas e contemporâneas, com questões ilustrativas, instigando ao aluno na identificação dos tipos de praças. Foi proposto um seminário para fechar a nota, os alunos ficaram encarregados em trazer informações sobre Arquitetos e Paisagistas Brasileiros, assim como, biografia e projetos realizados por estes trabalhadores, no total foram doze apresentações em formato PowerPoint. Por sugestão da Prof.^a Denise, fui o avaliador dos trabalhos, na avaliação levei em consideração o tempo de apresentação, conteúdo ministrado, estrutura e elaboração da apresentação.

A metodologia foi centrada no estudante, buscando sempre interagir de maneira assertiva e empática. Tentei criar um ambiente aberto ao diálogo, onde os alunos se sentissem à vontade para expressar suas dúvidas e contribuições. Minhas ações se focaram na promoção de uma aprendizagem ativa, com ênfase em atividades práticas e análise de exemplos reais de projetos paisagísticos. As reações dos alunos foram positivas, especialmente em atividades práticas, onde pude perceber maior envolvimento e interesse nas aulas.

A relação com os estudantes foi colaborativa e respeitosa. Como a turma era composta por alunos de nível técnico, eles traziam experiências e desafios próprios relacionados à sua formação anterior. Isso me levou a ajustar meu discurso e estratégia, considerando o perfil mais técnico e prático deles. Em

algumas situações, percebi que a explicação de conceitos mais teóricos, como o histórico do paisagismo e a teoria por trás do design de espaços públicos, necessitava de uma abordagem mais didática e simplificada para que a compreensão fosse plena.

O perfil dos estudantes era bem diversificado, com alguns apresentando um conhecimento prévio sobre o tema, devido ao interesse pessoal ou à experiência em áreas relacionadas. Outros estavam no início de sua formação e tinham mais dificuldades em compreender os conceitos teóricos e aplicá-los em situações práticas. Esse contexto me levou a buscar sempre um equilíbrio entre teoria e prática, para que todos os alunos pudessem acompanhar as aulas e desenvolver as competências necessárias para o projeto paisagístico.

Em termos de resultados, percebi que meu estágio contribuiu positivamente para o desenvolvimento da habilidade dos alunos em projetar paisagens públicas, sendo capaz de articular conceitos históricos, culturais e ambientais ao trabalho prático. Contribuí para a construção de uma visão mais crítica e contextualizada do paisagismo, alinhando teorias de diferentes períodos com as necessidades e desafios contemporâneos do planejamento urbano e ambiental. Como resultado, os alunos mostraram avanços significativos na capacidade de realizar projetos que consideram as diferentes variáveis de um espaço público.

Ao concluir o estágio, acredito que o processo foi enriquecedor tanto para os estudantes quanto para mim enquanto docente. Aprendi a adaptar minhas estratégias de ensino conforme o perfil da turma, o que me permitiu aplicar metodologias mais eficazes, por exemplo, aprendizagem por projetos e estudo de caso. Além disso, pude refletir sobre a importância de construir um ambiente que favoreça a participação ativa dos alunos, respeitando suas vivências e ampliando suas perspectivas sobre o tema.

Palavras Finais

Como professora orientadora, eu me esforçaria ainda mais para oferecer um suporte mais direcionado antes do início do estágio. Criaria um plano de orientação mais detalhado, com reuniões regulares para alinhar expectativas e oferecer feedback contínuo ao estagiário. Também incentivaria mais discussões sobre metodologias de ensino e estratégias para lidar com diferentes perfis de alunos, ajudando o estagiário a se sentir mais preparado para conduzir as aulas com confiança e eficácia.

No papel de supervisora, eu dedicaria mais tempo a observar o estagiário em ação, fornecendo um feedback imediato e construtivo após cada aula. Também incentivaria a experimentação de novas abordagens pedagógicas, como dinâmicas interativas e uso de tecnologia, ajudando o estagiário a diversificar suas práticas. Além disso, promoveria momentos de reflexão coletiva entre os estagiários e professores da disciplina, para troca de experiências e aprendizado colaborativo.

O Estágio Supervisionado Específico (ESE III) foi fundamental para o meu crescimento pessoal e profissional. Pessoalmente, ajudou-me a desenvolver autoconfiança, empatia e capacidade de comunicação, ao lidar com diferentes perfis de estudantes e contextos educacionais. Profissionalmente, foi uma oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos durante minha formação, permitindo-me experimentar metodologias ativas, planejar aulas e avaliar resultados de forma crítica.

A experiência também reforçou minha compreensão da importância da educação técnica para a formação de profissionais capacitados e conectados com as demandas do mercado de trabalho. Aprendi a equilibrar teoria e prática, algo essencial para ensinar disciplinas aplicadas como Projeto de Paisagismo. Fortaleceu meu desejo de continuar contribuindo para a educação, ajudando a formar profissionais mais preparados e conscientes de seu papel no desenvolvimento sustentável e social.

O Estágio Supervisionado de Ensino III mostrou-se uma experiência formativa essencial, oferecendo uma oportunidade ímpar de vivenciar e refletir sobre o ambiente educacional e suas complexidades. Durante essa etapa, foi possível observar como a prática docente demanda uma constante articulação entre teoria, prática e improvisação, considerando as particularidades de cada turma e as demandas da disciplina.

A vivência no Colégio Politécnico da UFSM, especialmente na disciplina de Projeto de Paisagismo III, permitiu não apenas aplicar conceitos pedagógicos, mas também aprimorar habilidades essenciais para o ensino, como planejamento, organização e adaptação das metodologias às necessidades dos estudantes. O envolvimento e a participação ativa da turma demonstraram que uma abordagem centrada no aluno, com ênfase em atividades práticas e interação, pode transformar o aprendizado em uma experiência significativa e engajante.

A interação com a supervisora e os estudantes foi fundamental para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. As contribuições dos alunos, suas vivências e a colaboração da supervisora mostraram como o ambiente de estágio pode se tornar um espaço de crescimento mútuo, onde o futuro docente tem a chance de consolidar sua identidade profissional enquanto contribui para a formação dos alunos.

Por fim, o estágio supervisionado reforçou a importância de uma formação docente que integre competências pedagógicas e práticas. Ele possibilitou uma compreensão mais ampla sobre os desafios e as potencialidades da educação técnica, destacando a relevância de preparar profissionais que, além de tecnicamente capacitados, estejam alinhados com valores de inclusão, sustentabilidade e transformação social. Essa experiência foi um marco no processo de desenvolvimento pessoal e profissional, consolidando ainda mais o compromisso com uma educação de qualidade e significativa.

*Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.
Paulo Freire*

Referências

FONSECA, C.M.F da. Formação e Saberes Docentes na Educação Profissional: Um relato de experiência. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**, 1 (12), 170–178. 2017. <https://doi.org/10.15628/rbept.2017.5873>

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Porque o estágio para quem já exerce o magistério: uma proposta de formação contínua**. In: PIMENTA, S. G.; SOCORRO, M. L. Estágio e docência. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, S.G.; LIMA, M.S.L. Estágios supervisionados e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência: duas faces da mesma moeda? **Revista Brasileira de Educação**, 24(0). 2019. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782019240001>

NÓVOA, A. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação e Realidade**, 44. 2019. <https://doi.org/10.1590/2175-623684910>

CAPÍTULO 7

De volta ao ninho

Juliana Cechin Quinhones

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Lidiane Viera Machado (Supervisor)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-6

Introdução

Pimenta e Lima (2006), trazem a temática do estágio como parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria, portanto essencial para a fixação/aquisição de conhecimentos que o estudante necessita para atuar na docência. Essa vivência proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas da sala de aula, das relações entre teoria e prática e do papel do educador no processo de aprendizagem. Para bacharéis que aspiram à docência, essa experiência é ainda mais valiosa, pois fomenta o desenvolvimento de competências pedagógicas, a reflexão crítica sobre os saberes docentes e a construção de uma identidade profissional orientada para o ensino.

Para mim, essa etapa representa um marco pessoal e profissional de grande significado, pois reflete a superação de barreiras enfrentadas durante minha trajetória acadêmica, incluindo a necessidade de trancar o curso duas vezes. Concluir o estágio vai além de cumprir um requisito curricular; é a realização de um sonho que, embora adiado, foi retomado com determinação e amadurecimento. Além disso, há um significado especial no desejo de concluir uma graduação na UFSM. Tendo cursado o ensino médio e o ensino técnico profis-

sionalizante nesta instituição e realizado a graduação em outra universidade pública, retornar à UFSM é como voltar ao ninho, conectando passado, presente e futuro em uma trajetória marcada por desafios e conquistas.

A jornada exigiu resiliência e dedicação, mas também me permitiu vivenciar a riqueza dos saberes docentes — saber conhecer, saber fazer, saber ser e saber conviver. Esses pilares não apenas guiaram minha prática, como também reforçaram minha paixão pelo ensino e a certeza de que a docência é uma escolha que transforma tanto o professor quanto seus alunos.

Experiências e saberes da docência

O estágio supervisionado de ensino profissionalizante foi realizado no Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, atuando no curso Técnico em Alimentos, na disciplina de Garantia da Qualidade. A experiência foi permeada por uma profunda nostalgia ao retornar à escola que foi palco da minha própria formação, quase 20 anos atrás. Foi emocionante vivenciar agora a experiência docente no mesmo ambiente onde construí laços que permanecem até hoje, com colegas de turma e professores que continuam atuando na instituição. A alegria de reencontrar esses profissionais, que foram verdadeiras referências na minha formação, trouxe um significado especial a essa etapa, reforçando o impacto positivo que o Colégio Politécnico teve em minha trajetória pessoal e profissional (Figura 1).

Figura 1 – Professora Sônia Maria Crescêncio.



Fonte: Autoria própria.

A figura 1 ilustra o parágrafo anterior, durante uma das primeiras aulas do estágio, tive a alegria de reencontrar a Professora Sônia, ou Soninha, como era carinhosamente chamada pelos alunos. Muito querida por todos, ela foi minha professora durante os três anos do ensino médio (2003-2005) e também no primeiro semestre do ensino técnico (2006). Assim como a Professora Sônia, o atual diretor da escola e vários outros professores e servidores que ainda fazem parte da equipe escolar guardam um lugar especial em minha memória, simbolizando a continuidade de um ambiente educacional acolhedor e marcante.

A carga horária total da disciplina foi de 75 horas, das quais ministrei 30 horas durante o segundo semestre de 2024. Essa experiência foi uma oportunidade significativa para aplicar conhecimentos adquiridos na formação docente, desenvolver habilidades pedagógicas e contribuir para a formação técnica dos alunos.

A turma onde se concluiu o estágio docente era formada por 43 alunos provenientes de dois semestres distintos do curso Técnico em Alimentos, ca-

racterizando-se por sua diversidade etária e de objetivos. A maioria dos estudantes era composta por adultos acima de 40 anos, com perfis variados, enquanto alguns já cursavam o segundo curso técnico, outros buscavam ocupar seu tempo com novas aprendizagens. Por outro lado, uma minoria mais jovem ainda se encontrava em fase de definição profissional, buscando orientações para ingressar no mercado de trabalho. Essa heterogeneidade representou um desafio significativo para o processo de ensino, exigindo a implementação de estratégias pedagógicas flexíveis e inclusivas que considerassem as diferentes necessidades e expectativas do grupo.

Planejamento e elaboração das aulas

A elaboração do Plano de Ensino para a disciplina Garantia da Qualidade em Alimentos foi uma etapa colaborativa e enriquecedora, marcada pela troca de experiências com a professora supervisora. Contar com sua orientação e com os materiais gentilmente cedidos por ela, como a ementa da disciplina e conteúdos complementares, foi essencial para desenvolver um planejamento consistente, alinhado às expectativas institucionais e às demandas específicas da turma. Essa colaboração proporcionou uma compreensão mais ampla dos objetivos educacionais da disciplina, bem como dos desafios envolvidos em sua aplicação prática.

O processo exigiu a adaptação dos objetivos pedagógicos ao perfil diversificado dos alunos, conciliando a heterogeneidade do grupo com o tempo disponível. O planejamento buscou equilíbrio entre teoria, prática e avaliações que incentivassem participação e aprendizagem significativa. A experiência reforçou a importância do Plano de Ensino como guia indispensável e destacou o valor do diálogo com profissionais experientes para aprimorar a prática docente.

A elaboração dos planejamentos para a disciplina Garantia da Qualidade em Alimentos exigiu organização, criatividade e atenção às necessidades dos

alunos. Cada planejamento era preparado com antecedência de três a quatro dias e enviado à professora supervisora, permitindo ajustes conforme seu retorno. Esse processo de diálogo constante foi enriquecedor, garantindo alinhamento pedagógico e adequação às características da turma e ao tempo disponível.

As aulas foram planejadas de forma a garantir a compreensão e aplicação dos conceitos e técnicas no dia a dia do profissional técnico em alimentos. A fundamentação teórica forneceu a base necessária para que fosse possível a realização das atividades práticas (laboratoriais). O encerramento das aulas era dedicado a dúvidas e correção de exercícios, etapa essa essencial para consolidar o conteúdo e fortalecer a interação entre professor e alunos, promovendo confiança e participação ativa.

O exercício de qualquer profissão envolve a prática, ou seja, aprender a realizar ações. No caso da docência, o aprendizado ocorre pela observação, imitação, reprodução e, ocasionalmente, pela reelaboração de modelos consagrados como eficazes. Segundo Pimenta e Lima (2006), o processo de aprendizagem dos alunos ocorre, em grande parte, pela observação e imitação das práticas dos professores. No entanto, esse aprendizado vai além da simples reprodução, pois os estudantes, ao analisarem criticamente o modelo apresentado, constroem e desenvolvem seu próprio estilo, incorporando elementos que refletem sua individualidade e compreensão.

As aulas em laboratório foram o ponto alto do ensino, tornando o aprendizado dinâmico e desenvolvendo habilidades técnicas para o mercado de trabalho. O engajamento dos alunos destacou a importância de integrar teoria e prática, aumentando o interesse e facilitando a fixação do conteúdo. Planejar as aulas exigiu flexibilidade para adaptar estratégias e conteúdos a uma turma diversa, composta por alunos com diferentes perfis e expectativas, inclusive sendo necessário dividir a turma em duas (Turma 1 e Turma 2), para que assim a qualidade do ensino não fosse prejudicada e também devido ao espaço físico. A experiência destacou a importância de práticas interativas que promovam o engajamento ativo dos alunos, tornando o ensino mais dinâmico.

As aulas utilizam ferramentas tecnológicas e metodologias ativas, como a pesquisa orientada, para estimular a autonomia e o interesse dos alunos, promovendo engajamento e aprendizado. Para atender à demanda de orientação extra, foram disponibilizados horários específicos, em dias alternados, fortalecendo o acompanhamento individual.

Figura 2 – Atendimento em grupo para elaboração de trabalhos



Fonte: Autoria própria.

A figura 2, evidencia a importância do professor ao disponibilizar horários extras fora da sala de aula, proporcionando momentos de orientação e esclarecimento de dúvidas. Esse tipo de iniciativa cria um ambiente acolhedor e colaborativo, onde os alunos têm a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos, discutir ideias e receber o suporte necessário para a elaboração de seus trabalhos. A interação próxima e informal com o professor e colegas fortalece não apenas a qualidade dos trabalhos desenvolvidos, mas também a confiança dos alunos no processo de aprendizagem.

As atividades desenvolvidas no Estágio II foram inspiradoras para o Estágio III. A professora orientadora esteve disponível para esclarecer dúvidas, principalmente via mensagens, enquanto a supervisora auxiliou na elaboração das aulas, proporcionando liberdade para conduzi-las de forma autônoma.

Visitas a campo

Os trabalhos de campo realizados na disciplina de Garantia da qualidade, proporcionaram uma experiência enriquecedora para os alunos, ao conectarem os conceitos aprendidos em sala de aula com situações reais do ambiente industrial. Uma das atividades mais marcantes foi a visita técnica orientada à empresa CCGL, localizada em Cruz Alta. Durante essa visita, os alunos tiveram a oportunidade de observar de perto os processos de produção, os controles de qualidade e as práticas de gestão adotadas pela indústria (Figura 3).

Figura 3 – Visita técnica orientada a indústria CCGL – Unidade Cruz Alta



Fonte: Imagem Institucional, Curso Técnico em Alimentos (2024).

A imagem acima (Figura 3) retrata a importância das visitas técnicas promovidas pela escola a indústrias renomadas, como a CCGL. Tais vivências permitem aos alunos ampliar sua visão sobre as possibilidades de atuação no mercado de trabalho após a conclusão do curso, além de inspirar e motivar os estudantes. Em resposta ao interesse manifestado por algumas alunas em conhecer a indústria em que atuo, organizei uma visita técnica à empresa com o

objetivo de aplicar um checklist de Boas Práticas de Fabricação (BPF). Durante essa atividade, as alunas tiveram a oportunidade de identificar pontos críticos de controle, avaliar os procedimentos operacionais e elaborar um relatório contendo suas observações e sugestões de melhorias.

Na imagem abaixo (Figura 4), vemos quatro alunas acompanhadas da professora estagiária e também responsável técnica da indústria, além da proprietária do estabelecimento. A visita técnica ocorreu na indústria “Espetinho”, onde as alunas foram recebidas com cordialidade. Durante a visita, foram apresentadas as instalações da indústria, seu fluxograma de produção, assim como documentos e planilhas utilizadas diariamente para garantir o controle e a qualidade dos processos.

Figura 4 – Visita técnica orientada à indústria Espetinho



Fonte: Autoria própria.

Enfrentar os desafios do estágio e lidar com aulas que nem sempre seguiam o planejamento foi uma experiência rica em aprendizados. Esse processo demandou flexibilidade para adaptar os planos, resiliência diante de contratempos e disposição para aprender com imprevistos. O tempo limitado para concluir a disciplina de Estágio III impôs um ritmo acelerado, exigindo revisões minuciosas de cada aula e ajustes frequentes nas programações, sempre

com o objetivo de garantir o alcance dos objetivos pedagógicos dentro do cronograma. Essa atenção aos detalhes, embora cansativa, foi crucial para manter a qualidade do ensino em um contexto desafiador.

A experiência e a empatia da professora supervisora foram fundamentais para superar esses desafios. Sua orientação trouxe clareza para momentos de incerteza e confiança para tomar decisões rápidas quando surgiam imprevistos. A troca de ideias com ela permitiu ajustar estratégias e encontrar soluções criativas para situações que inicialmente pareciam difíceis de contornar. Ao mesmo tempo, o fim de semestre trouxe consigo uma carga de cansaço físico e emocional, agravada pelos compromissos profissionais paralelos. No entanto, mesmo diante do esgotamento, desistir nunca foi uma opção.

A prática docente é uma ação é uma prática, e exige um vínculo ideológico com o conhecimento e com as pessoas com quem ele é compartilhado. O papel do professor é fundamental para a sociedade, pois ele guia uma geração de alunos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa (Pimenta e Lima, 2006). Lidar com uma turma grande e heterogênea, composta por alunos de diferentes vivências e faixas etárias, foi um dos principais desafios enfrentados durante o estágio docente.

A figura 5, ilustra a diversidade do grupo, o que se reflete também nas variantes relacionadas aos objetivos, perfis e ritmos de aprendizagem dos estudantes. Dessa forma a vivência docente exigiu uma postura proativa e adaptativa para atender às necessidades individuais sem comprometer a dinâmica coletiva. Além disso, as rivalidades entre diferentes grupos da turma apresentaram um obstáculo adicional, demandando estratégias específicas para promover um ambiente de cooperação e respeito mútuo.

Figura 5 – Turma 1 e 2 Garantia de qualidade (Semestre II/2024)

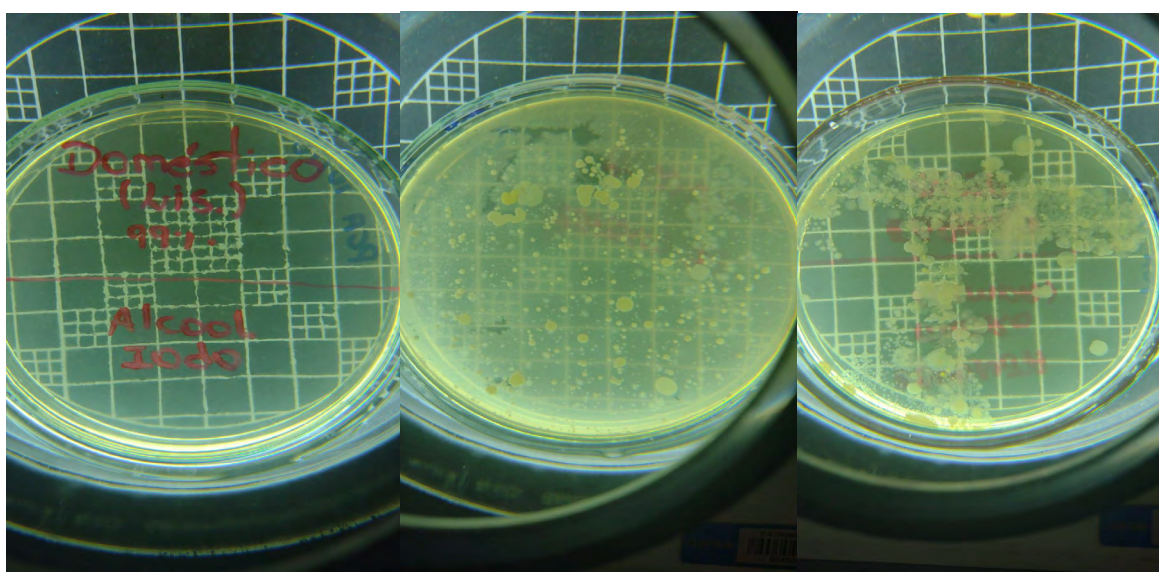


Fonte: Autoria própria.

Minha conduta docente nesse contexto foi pautada pela determinação e pela busca constante de soluções que favorecessem a convivência e a aprendizagem. Um dos recursos mais eficazes foi estabelecer acordos com a turma desde o início, envolvendo regras de convivência e expectativas em relação ao comportamento em sala de aula. Esses ajustes discutidos e aprovados em conjunto com os alunos, ajudaram a criar um senso de pertencimento e responsabilidade coletiva, reduzindo os conflitos entre os grupos. Essa abordagem foi fundamental para minimizar as rivalidades e promover maior integração. Embora essas ações tenham gerado resultados positivos, algumas soluções práticas poderiam ter sido implementadas para aprimorar ainda mais a condução da turma. Por exemplo, organizar momentos de convivência fora da sala de aula, como rodas de conversa ou atividades culturais, poderia ter reforçado os laços entre os alunos e estimulado o respeito às diferenças. Refletindo sobre essa experiência, percebo que lidar com uma turma diversificada é um exercício constante de escuta, paciência e criatividade. Apesar das dificuldades, foi gratificante observar o progresso dos alunos e a melhoria na convivência ao longo do semestre.

A avaliação dos estudantes na disciplina Garantia da Qualidade em Alimentos foi realizada de maneira contínua e diversificada, levando em consideração a participação ativa dos estudantes em sala de aula, nas visitas técnicas, bem como a elaboração e entrega de dois seminários. Cada uma dessas atividades foi pensada para avaliar diferentes aspectos do processo de aprendizagem e o engajamento dos alunos com os conteúdos abordados. A participação dos alunos nas aulas e nas visitas técnicas foi um critério importante de avaliação, pois permitiu medir o envolvimento dos estudantes com o conteúdo e sua capacidade de aplicar os conhecimentos adquiridos em contextos reais. Além disso, a elaboração e entrega de dois seminários foram fundamentais para a avaliação. O primeiro seminário abordou temas discutidos durante as aulas práticas (Figura 6, 7 e 8), enquanto o segundo teve um enfoque em uma pesquisa direcionada, permitindo que os alunos aprofundassem o conhecimento sobre um tópico específico. A avaliação desses seminários considerou vários critérios, como a data de entrega (com postagem via plataforma Moodle), clareza e organização do conteúdo, qualidade da pesquisa realizada, a relação entre teoria e prática, bem como a apresentação e a qualidade do arquivo entregue.

Figuras 6, 7 e 8 - Swab de superfícies após higienização.



Fonte: Autoria própria.

Apesar de ter enfrentado problemas de saúde que, em alguns momentos, limitaram minha dedicação plena, considero o Estágio III uma experiência marcante e transformadora. Esse estágio representa o ápice do preparo desenvolvido nos semestres anteriores, proporcionando a oportunidade de aplicar na prática os conhecimentos adquiridos e de vivenciar diretamente a interação com os alunos. Estar frente a frente com eles foi ao mesmo tempo exigente e gratificante, despertando em mim a vocação para a docência e ampliando minha compreensão sobre a profundidade e a responsabilidade do papel de professor. Essa experiência não apenas consolidou minha formação pedagógica, mas também favoreceu uma reflexão crítica sobre minha prática, destacando os aspectos a serem aprimorados e valorizando o aprendizado conquistado ao longo do processo.

Considerações finais

Como professora orientadora, consideraria a necessidade de um semestre dedicado exclusivamente ao Estágio III e suas atividades. Embora o preparo nos semestres anteriores, especialmente a partir do Estágio II, seja sólido, um período inteiramente voltado para essa etapa possibilita maior foco e dedicação. Isso permitiria aos futuros professores amadurecer suas práticas pedagógicas e vivenciar de forma mais intensa os desafios e aprendizados essenciais para sua formação.

No papel de professora supervisora, buscaria replicar o exemplo positivo que tive durante minha experiência. Minha supervisora foi uma parceira fundamental, oferecendo apoio, incentivo e confiança. Apesar de ser recém-chegada à escola, ela disponibilizou sua turma para meu estágio e me encorajou a assumir suas aulas, fortalecendo minha segurança e contribuindo significativamente para meu desenvolvimento como futura docente. O Estágio III trouxe contribuições valiosas tanto para minha vida pessoal quanto profissional. No âmbito profissional, foi o momento de consolidar uma jor-

nada iniciada há muito tempo, quando me aventurei em cursos livres sem qualificação formal e descobri o desejo de ensinar. Essa vivência não apenas aprimorou minhas práticas, mas também representou um marco decisivo na realização do sonho de aprender a ensinar com qualidade e propósito.

"Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender. Só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo." (Paulo Freire)

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004

MDT - Manual de Dissertações e Teses da UFSM: MDT - Estrutura e Apresentação Documental para Trabalhos Acadêmicos. Universidade Federal de Santa Maria, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/24203>. Acesso em: 08 de Dez. de 2024

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/ 2006.

CAPÍTULO 8

Estágio Supervisionado: início da Construção do Perfil e da Identidade do Professor

Luciani Medianeira Boezzio

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Angelita Freitas da Silva (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-8

Palavras Iniciais

O Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional Tecnológica (PEG) visa proporcionar formação acadêmica a alunos que já possuem diploma de nível superior. O curso tem por objetivo capacitá-los para a docência no ensino profissional e tecnológico, além de oportunizar a realização de trabalhos científicos baseados em diferentes teorias educacionais e pedagógicas, contribuindo para uma melhor compreensão da realidade social.

No presente trabalho, relatamos nossa experiência, no estágio supervisionado de Ensino III (ESE III). A disciplina está alocada no último semestre da grade curricular do PEG, com o objetivo de proporcionar ao estagiário situações de ensino que possibilitem a aplicação de conhecimentos, bem como a formação e o desenvolvimento de saberes necessários à prática docente na educação profissional. Além disso, também foi possível refletir sobre a importância da disciplina e do curso de formação de Bacharéis e Licenciados.

Vivências do Estágio Supervisionado de Ensino III

Minha formação é em Administração de Empresas. Realizamos o estágio no Colégio Politécnico da UFSM, no curso Técnico em Administração, especificamente na disciplina de Gestão de Pessoas. Essa disciplina está alocada no segundo semestre do curso e possui uma carga horária de 60 horas.

A turma era composta por 42 alunos. No entanto, desde os primeiros dias de aula, houve evasão, e a disciplina foi concluída com 34 estudantes. A maioria tinha idades entre 18 e 24 anos, com um número menor de alunos entre 30 e 38 anos, sendo que praticamente todos estavam inseridos no mercado de trabalho. Entre as particularidades, destacam-se o caso de uma mãe e sua filha estudando juntas na mesma sala e a presença de uma aluna surda que contava com o apoio de dois intérpretes de Libras. É importante destacar a diferença entre pessoa surda e pessoa com deficiência auditiva:

Aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras [...] Parágrafo único: Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.” (BRASIL, 2005, p. 01).

Em relação à área de atuação, dos estudantes a turma apresentava diversidades de atuação, atuando na segurança do trabalho, no setor imobiliário, escolar, contabilidade, vendas, trabalho como diaristas e até mesmo aqueles que se dedicavam exclusivamente às atividades do lar. Todos buscavam qualificação para melhorar seus salários ou realizar uma transição de carreira. De modo geral, a turma se mostrou participativa, alegre e dinâmica.

O primeiro desafio como professora foi a elaboração do plano de ensino, uma ferramenta indispensável para a prática docente. É uma ferramenta essencial para o planejamento e organização das atividades educacionais, pois orienta o desenvolvimento das aulas e a avaliação do aprendizado, garantindo que

os objetivos pedagógicos sejam atingidos de maneira eficaz (Pimenta, 2017). Elaboramos com base no programa da disciplina, estruturando a ementa e os objetivos. A metodologia e avaliação foram desenvolvidas em diálogo com a professora supervisora, respeitando seus critérios e orientações.

Em nossas aulas teóricas da disciplina de estágio, aprendemos sobre a importância dos planos de aula. Segundo Libâneo (1993) é um instrumento que sistematiza todos os conhecimentos, atividades e procedimentos que se pretende realizar numa determinada aula, tendo em vista o que se espera alcançar como objetivos junto aos alunos. Quando o professor planeja suas aulas com cuidado, aumenta significativamente as chances de criar um ambiente de aprendizagem produtivo, que favoreça o desenvolvimento dos alunos e os ajude a alcançar os objetivos educacionais propostos.

Esse processo foi um exercício importante, no qual aplicamos toda a teoria adquirida em sala de aula. Compreendemos a relevância dos planos de aula e também aprendemos que planejar não garante que tudo ocorrerá conforme o esperado.

Embora, devido à minha formação em Administração, eu tivesse familiaridade com a necessidade de lidar com mudanças, fiquei surpresa com a frequência de imprevistos em sala de aula. Para ilustrar, relatamos um exemplo: em um dia de aula, os alunos tinham uma prova de outra disciplina programada para o dia seguinte. A turma estava agitada, com muitos alunos desatentos e utilizando materiais de outra matéria sobre as mesas. Para lidar com a situação, optamos por liberá-los mais cedo, permitindo se prepararem melhor para a avaliação.

Com exceção de algumas situações, a disciplina de Gestão de Pessoas despertou o interesse da turma, pois está diretamente relacionada às suas vivências. Como a maioria já atuava no mercado de trabalho, temas como planejamento organizacional, cargos, processos de seleção, treinamento e motivação proporcionaram oportunidades para o compartilhamento de experiências.

As aulas tinham, em média, três horas e meia de duração, o que possibilitava dedicar parte do tempo a atividades práticas, nas quais os alunos podiam desenvolver algo aplicável ao seu contexto pessoal e profissional. Essa divisão era adotada pela professora supervisora na maioria das aulas. Entre as atividades destacadas, uma delas envolveu o planejamento estratégico, capacitando os alunos a planejar, traçar objetivos e metas, analisar o ambiente interno e externo de uma organização, além de mensurar suas forças e fraquezas. A atividade consistiu na elaboração de um planejamento pessoal, permitindo que os alunos aplicassem a teoria de maneira prática.

A partir dessa atividade de planejamento, surgiu a necessidade de organizar uma oficina para auxiliá-los na elaboração de seus currículos, utilizando ferramentas como o Canva e o LinkedIn. O Canva é uma plataforma online de design gráfico que permite criar uma ampla variedade de conteúdos visuais, como apresentações, cartazes, postagens para redes sociais, logotipos, entre outros, com uma interface intuitiva e ferramentas acessíveis. Já o *LinkedIn* é uma rede social profissional, criada em 2003, focada na conexão entre profissionais, empresas e organizações. É amplamente utilizado para networking, recrutamento e desenvolvimento profissional, permitindo que os usuários criem perfis detalhados com informações sobre sua experiência profissional, educação, habilidades e interesses.

Para essa atividade, contamos com a colaboração de um aluno do curso Técnico em Informática, que ensinou os colegas a utilizar essas ferramentas no laboratório de informática (Figura 1). Alguns alunos já tinham seus currículos atualizados, mas muitos desconheciam o LinkedIn e o Canva. O primeiro passo para o uso de tecnologias na educação, segundo Moran (2000, p. 137), é a criação de uma nova sala equipada, com atividades diferenciadas, que se integra à ida ao laboratório para o desenvolvimento de atividades de pesquisa e domínio técnico-pedagógico. Essas atividades são aplicadas e complementadas a distância nos ambientes virtuais de aprendizagem e se completam com espaços e tempos de experimentação, conhecimento da realidade e inserção em ambientes

profissionais e informais. Por isso, propomos que a atividade fosse realizada no laboratório de informática (Figura 2), com a participação do especialista, que também é aluno da escola. Embora essa atividade não estivesse no programa, conforme nos explicou a supervisora, ela é uma demanda que sempre surge.

Figura 1 - Atividade laboratório informática.



Fonte: Autoria própria.

Figura 2 - Atividade laboratório informática.



Fonte: Autoria própria.

Outra atividade consistiu na análise, descrição e especificação de cargos. Os alunos aprenderam a descrever cargos e funções, elaborando-os com base em suas próprias posições ou criando um cargo que almejam ocupar. Essa atividade capacita os alunos a participar de processos de reestruturação organizacional, contribuindo para organizações que carecem de uma estrutura clara e bem definida de cargos e funções.

Durante o PEG, a disciplina de Metodologias do Ensino nos capacitou para o uso das metodologias ativas. A metodologia ativa é uma concepção educativa que estimula processos construtivos de ação-reflexão-ação (Freire, 2006),

Compreendemos que apenas repassar o conteúdo torna-se um processo que limita a compreensão do conhecimento a alguns pontos. As metodologias ativas estimulam a criatividade, promovendo um ensino mais dinâmico. Ensinar utilizando jogos, júri simulado, grupo de verbalização e grupo de observação (GVGO) são algumas das estratégias que potencializam o aprendizado. Devido à realidade dos alunos que trabalham e estudam à noite, o tempo de estudo sempre foi uma dificuldade mencionada. Para suprir essa necessidade, organizamos uma aula de revisão para a prova em formato de jogo (Figura 3). A turma foi dividida em grupos, e cada grupo recebeu tópicos dos assuntos abordados para elaborar três perguntas. Para motivá-los, além de revisar o conteúdo, a prova foi elaborada a partir das questões criadas pelos próprios alunos. Após a elaboração, os grupos perguntavam uns aos outros, consultando o material com um tempo de dez minutos para elaborar as questões e um minuto para respondê-las. O grupo vencedor recebeu um prêmio. O jogo gerou motivação, e as questões foram bem elaboradas. Ao final, as perguntas foram entregues e publicadas no Moodle, para que os alunos pudessem estudá-las.

Figura 3 - Atividade de revisão para prova – Jogo



Fonte: Autoria própria.

Os alunos participaram de uma atividade externa que enriqueceu o aprendizado (Figura 4). As aulas práticas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de conceitos científicos, além de possibilitar que os estudantes aprendam a abordar o mundo de forma objetiva e desenvolvam soluções para problemas complexos (Lunetta, 1991). Como parte dessa iniciativa, foi organizada uma visita ao setor de gestão de pessoas da Cooperativa Sicredi. Antes da visita, receberam os itens que deveriam observar e anotar para discutir na aula seguinte. Durante a visita, conheceram as dependências da instituição (Figura 5) e assistiram a uma palestra ministrada pela psicóloga responsável pelo setor de gestão de pessoas, que abordou temas como planejamento estratégico, planejamento de pessoas, processo seletivo, perfil dos colaboradores e o que a instituição considera um diferencial no currículo e na entrevista. A visita agregou muito aos alunos, pois os temas discutidos pela psicóloga estavam diretamente relacionados ao que havia sido trabalhado em sala de aula. Assim, os alunos puderam compreender melhor a importância das atividades desenvolvidas em sala e sua aplicação em uma organização com um setor de gestão de pessoas bem estruturado.

Figura 4 - Visita Cooperativa Sicredi



Fonte: Autoria própria.

Figura 5 - Visita Cooperativa Sicredi



Fonte: Autoria própria.

A avaliação está integrada ao processo de aprendizagem e é uma parte complementar dos métodos educativos. Como prática escolar, não é uma atividade neutra ou meramente técnica, isto é, não se dá num vazio conceitual, mas é dimensionada por um modelo teórico de mundo, de ciência e de educação, traduzida em prática pedagógica. (Chueiri, 2008, p. 52). Aprendemos durante o curso do PEG que o educador deve ter um olhar atento para verificar progressos, dificuldades e orientar os futuros trabalhos.

Por isso, todas as atividades desenvolvidas em sala de aula eram parte do conjunto de avaliações. No planejamento constava uma avaliação individual, com objetivo de verificar o nível de domínio dos conteúdos ministrados e a capacidade de dissertação sobre eles. Através das avaliações foi possível confrontar os resultados alcançados ao longo do trabalho conjunto entre educador e educando. Observamos na aplicação da avaliação individual que os alunos estavam apreensivos e enfrentando dificuldades. A prova, por mais acessível que fosse, ainda gerava uma certa tensão.

No último semestre do PEG, além da disciplina Estágio III, podemos destacar duas disciplinas, também fundamentais em nossa formação: Educação Inclusiva e Libras. A Educação Inclusiva busca garantir que todos, independentemente das suas diferenças ou deficiências, tenham acesso igualitário a uma educação de qualidade. Discutimos em sala de aula os desafios e os caminhos para a inclusão. Entre os desafios, destacam-se a falta de capacitação dos professores devido à escassez de recursos e políticas públicas adequadas, enquanto os caminhos a seguir envolvem a conscientização e a sensibilização da comunidade sobre a importância da inclusão e o respeito às diferenças. Dentro desse contexto de Educação Inclusiva está a Libras. Na disciplina aprendemos o básico da língua de sinais, além de compreendermos um pouco do universo dos surdos, que fazem parte de uma comunidade rica e diversificada, com identidade própria, cultural e linguística.

No estágio, pudemos vivenciar um pouco dessa dura realidade discutida nas aulas de Inclusão e Libras. No dia da prova individual de avaliação a aluna surda solicitou para os intérpretes a tradução. Achávamos que ela poderia ler a prova normalmente, mas logo percebemos que não era tão simples assim. Sentimos apreensão e consideramos a possibilidade de elaborar uma prova adaptada, pois as questões eram longas e exigiam interpretação. A professora supervisora também refletiu sobre isso, mencionando a falta de orientação para esses casos e a dificuldade de os professores lidarem com alunos com deficiência sem o devido suporte, ou seja, além dos auxílios.

O artigo *“Surdez: o desafio da leitura e da escrita”* (Valentini e Bisol, 2024), aborda as particularidades do aprendizado da leitura e da escrita por pessoas surdas, destacando a necessidade de metodologias específicas que considerem a língua de sinais como base para o desenvolvimento dessas habilidades. Ao analisar a prova da aluna, ficou evidente que o processo de aprendizado da leitura e da escrita possivelmente não foi desenvolvido com o apoio de metodologias específicas, pois o que estava escrito não pôde ser compreendido. Portanto, para uma melhor avaliação do conhecimento, foi necessário solicitar que a aluna respondesse com o auxílio de intérpretes.

A questão da inclusão se revelou, devido à falta de orientação e capacitação, uma realidade desafiadora para o professor. Buscamos informações com a professora de Libras e discutimos a situação da prova adaptada. Ela nos explicou que, como língua materna, a Libras tem características diferentes da língua portuguesa, o que pode prejudicar o aprendizado de leitura e escrita para os surdos. Ressaltou que a adaptação das questões seria importante, mas que isso não significaria torná-la mais fácil, e sim ajustada à realidade do aluno. As discussões sobre os desafios da inclusão, tão debatidas em sala de aula, infelizmente, foram vivenciadas por nós durante o estágio.

Recebemos uma orientação cuidadosa e atenciosa da nossa professora orientadora de Estágio III, que esteve sempre presente. Ela demonstrou um cui-

dado constante não apenas com o cumprimento do planejamento e apontando caminhos, mas também com o nosso bem-estar e com a validação da experiência. Foi muito além de uma simples supervisão de estágio, oferecendo compreensão e apoio enquanto entrávamos em uma área desconhecida para nós.

As orientações da professora supervisora foram fundamentais. Entre elas, destacou-se a importância de ministrar aulas no ensino técnico profissionalizante com a capacidade de ajustar o conteúdo à realidade dos alunos. Sempre que possível, é essencial aproximar a teoria da prática vivida por eles. Aprendemos, ainda, o valor de compreender o universo dos alunos por meio do diálogo, da escuta e da orientação. Foi um aprendizado significativo. Além disso, construir um ambiente agradável em sala de aula revelou-se um grande ensinamento, que certamente servirá como referência na construção do nosso perfil como docentes.

Com as orientações recebidas, nossos temores iniciais se transformaram em expectativas positivas para o futuro. Aprendemos que o planejamento e as metodologias são essenciais, mas que a sensibilidade e a humanidade são as maiores contribuições que um educador pode oferecer. Compreendemos o quanto a sala de aula é um ambiente rico em oportunidades de aprendizado, tanto para os alunos quanto para nós, como futuras professoras. Observamos, em sala de aula, que a realidade do dia a dia exige preparo e qualificação para estar à frente de uma turma. Além disso, é imprescindível estar ciente dos desafios que um professor enfrentará, como por exemplo, as questões relacionadas à inclusão.

Palavras Finais

Possuo quase 30 anos de experiência profissional, tendo atuado em diversas áreas e funções ao longo da minha carreira. Iniciei minha trajetória como bancária, desenvolvendo habilidades essenciais em atendimento, gestão financeira e relacionamento com clientes. Posteriormente, empreendi e gerenciei

meu próprio negócio, adquirindo visão estratégica, capacidade de liderança e habilidades de tomada de decisão. Além disso, atuei como supervisora de logística, coordenando operações, otimizando processos e garantindo eficiência na cadeia de suprimentos. Atualmente, atuo como supervisora financeira, sendo responsável por planejar, controlar e executar processos financeiros, contribuindo para a saúde financeira da organização.

Toda essa trajetória profissional proporcionou-me uma visão ampla dos negócios e habilidades sólidas em liderança, organização e resolução de problemas. Em sala de aula, pude compartilhar essa experiência com os alunos e, em várias situações, explicar de forma prática os conceitos teóricos, demonstrando sua importância no dia a dia. Ao final desta jornada, somando nossa experiência profissional, os conhecimentos adquiridos no PEG e a preparação proporcionada pelo estágio, sentimos que estamos prontas para alçar os primeiros voos na docência. Estamos com o coração cheio de gratidão a todos os professores que nos transmitiram conhecimentos valiosos para nossa formação. Eles serão, para sempre, nossa inspiração.

“É preciso ensinar a compreensão humana, porque é um mal do qual todos sofrem em graus diferentes.” (Edgar Morin)

Referências

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, e dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e o uso e a difusão de Libras e sua inclusão como disciplina curricular. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 15 dez. 2024.

CHUEIRI, Mary Stela. **Concepções sobre a Avaliação Escolar. Estudos em Avaliação Educacional**, v. 19, p. 49-64, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 1993.

LUNETTA, V. N. Atividades práticas no ensino da Ciência. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 2, n. 1, p. 81-90, 1991.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6^a ed. Campinas: Papirus, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. **Plataforma de Ensino e Avaliação: Prática e Reflexão**. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

VALENTINI, Carla B.; BISOL, Cláudia A. **Surdez: o desafio da leitura e da escrita**. Disponível em: <https://proincluir.org/surdez/escrita>. Acesso em: 18 dez. 2024.

CAPÍTULO 9

Estágio Supervisionado de Ensino no EJA-EPT: uma Ponte entre a Prática Docente e a Construção dos Saberes Profissionais

Marcus Vinicius Nascimento Schleder

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Iochane Garcia Guimarães (Supervisora)

Roberto Oliveira Weber (Supervisor)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-A

Palavras Iniciais

O Estágio Supervisionado de Ensino representa um marco fundamental na trajetória acadêmica dos futuros professores. É nesse período que os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da graduação encontram um terreno fértil para serem aplicados e aprimorados na prática. A imersão em um ambiente escolar real permite aos estagiários vivenciarem os desafios e as recompensas da profissão docente, contribuindo significativamente para a construção de sua identidade profissional.

Sua importância reside na possibilidade de os licenciandos desenvolverem os chamados saberes docentes, conceito central na formação de professores (Tardif, 2012). Durante essa experiência, os estagiários têm a oportunidade de desenvolver o saber-fazer ao colocar em prática estratégias pedagógicas aprendidas no curso, adaptando-as às necessidades dos alunos e às características da escola (Brancher, 2022; Moraes, 2023).

O desenvolvimento do saber-ser, enquanto professor, é igualmente essencial, contemplando habilidades como comunicação, empatia, organização e a capacidade de lidar com diferentes personalidades (Nóvoa, 2019). A interação com colegas de trabalho, gestores escolares e alunos possibilita a construção do saber-conviver, fundamentado em relações baseadas no respeito e na colaboração (Tardif, 2012; Pimenta e Anastasiou, 2010).

Além disso, a prática reflexiva permite que o professor construa o saber-transformar, desenvolvendo uma postura crítica sobre suas práticas pedagógicas e buscando aprimoramento contínuo para se adaptar às novas demandas educacionais (Moraes, 2023). Como enfatizado por Tardif (2012), os saberes docentes emergem da articulação entre os conhecimentos teóricos adquiridos na formação inicial e a experiência prática cotidiana, reforçando a necessidade de uma formação contínua crítica e emancipadora.

Esse processo também é sustentado pela legislação educacional brasileira, que ressalta a importância da associação entre teoria e prática para a formação dos profissionais da educação (BRASIL, 1996). Essa perspectiva incentiva a reflexão sobre a necessidade de políticas públicas que promovam a formação contínua e o desenvolvimento de competências múltiplas para atender às demandas contemporâneas do ensino (Moraes, 2023).

A relação do estágio supervisionado com a construção dos saberes docentes, evidencia a relevância dessa etapa para a formação de profissionais qualificados e comprometidos com a aprendizagem dos alunos. Afinal, é na prática docente que os futuros professores terão a oportunidade de transformar em realidade os conhecimentos teóricos adquiridos, contribuindo para a construção de uma educação de qualidade.

Vivências do Estágio Supervisionado de Ensino III

O estágio aqui relatado foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental João da Maia Braga, localizada na cidade de Santa Maria/RS, na disciplina Gestão de Pessoas e Comportamento nas Organizações, sob orientação da professora Iochane Garcia Guimarães, com carga horário de 60h/aula e na disciplina de Fundamentos de Direito, orientada pelo professor Roberto Oliveira Weber, com 40h/aula. Ambas as disciplinas compõem o currículo do curso EJA-EPT-Assistente Administrativo, contando em média com 20 alunos.

O Programa da Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional (EJA Integrada) é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) que visa atender às necessidades educacionais de jovens, adultos e idosos que desejam concluir a educação básica (ensino fundamental e médio) enquanto têm a oportunidade de adquirir habilidades profissionais. O programa foi estabelecido pela Portaria do MEC nº 962/2021, sendo uma iniciativa educacional abrangente que visa tornar a educação mais acessível e relevante para os jovens e adultos, integrando-a com a educação profissional e adaptando-a às necessidades locais, culturais e econômicas. Isso beneficia não apenas os alunos, mas também as comunidades e colabora para o desenvolvimento econômico regional.

O Programa tem como principal objetivo ampliar o acesso à educação de jovens e adultos, oferecendo oportunidades para que concluam seus estudos nos níveis fundamental e médio. Além disso, o programa busca integrar a educação formal com a formação profissional, preparando os estudantes para o mercado de trabalho local.

Ao articular a educação com as demandas dos arranjos produtivos locais, o programa garante que as habilidades adquiridas pelos estudantes sejam relevantes para o mercado de trabalho da região. A proposta pedagógica do pro-

grama é inovadora, integrando diferentes áreas do conhecimento e utilizando metodologias ativas para tornar a aprendizagem mais significativa.

Em resumo, o Programa EJA Integrado visa promover a inclusão social, a elevação da escolaridade e a qualificação profissional de jovens e adultos, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes e para o fortalecimento da economia local. A EJA-EPT da Escola João da Maia Braga, como em outras instituições de Santa Maria, oferece oportunidade para jovens e adultos concluírem estudos de nível intermediário e adquirirem formação técnica que permite-lhes melhorar as suas perspectivas de emprego, oportunizando que as pessoas terminem seus estudos e eventualmente melhorem suas vidas.

As aulas foram ministradas em duas turmas da modalidade EJA Integrada, esta é proveniente de um currículo pedagógico que integra os componentes curriculares da formação geral com os da formação profissional em uma proposta pedagógica única. O objetivo é fornecer uma formação e qualificação abrangente em diferentes perfis profissionais, atendendo tanto às possibilidades dos sistemas de ensino quanto às singularidades dos estudantes.

Na disciplina de Gestão de Pessoas e Comportamento nas Organizações, dentre os assuntos abordados, destacam-se tópicos como fundamentos do comportamento organizacional; o indivíduo nas organizações; diversidade; atitudes e satisfação; emoções e sentimentos; personalidade e valores; percepção e tomada de decisão individual; motivação; grupos e equipes de trabalho; comunicação; liderança; poder e política; conflito e negociação; o sistema organizacional; cultura e clima organizacional; processos de gestão de pessoas.

Por sua vez, em Fundamentos de Direito (Figura 1), abordou-se principalmente os assuntos: constituição e legislação de empresas; tipos de sociedades; negociação; direitos do consumidor; direito do trabalho e previdenciário.

Figura 1 - Momento em sala de aula com a turma de “Fundamentos do direito”.



Fonte: Autoria própria.

O Plano de Ensino, documento que organiza e sistematiza os objetivos, conteúdos, estratégias de ensino, recursos e formas de avaliação da disciplina, orientando o processo de ensino-aprendizagem de maneira planejada e alinhada aos objetivos educacionais, funciona como uma ferramenta para professores e estudantes, assegurando clareza nos propósitos e no desenvolvimento das atividades acadêmicas, além de possibilitar ajustes conforme necessidades identificadas ao longo do percurso (Libâneo, 2017; Pimenta e Anastasiou, 2010).

Nas aulas ministradas, o Plano de Ensino foi elaborado pelos professores orientadores, sendo apresentado o calendário de aulas já pronto para o estagiário. Porém destaca-se que este teve liberdade para adaptar as aulas conforme o necessário, principalmente devido ao fato de que as aulas planejadas frequentemente passaram por adaptações de acordo com as especificidades. Ministradas a partir do mês de outubro de 2024 e com duração de 4 horas aula, às segundas-

-feiras (Gestão de Pessoas e Comportamento nas Organizações) e quartas-feiras (Fundamentos do Direito), ambas no período da noite.

Os assuntos abordados em aula tiveram como perspectiva a introdução dos temas a um indivíduo que via de regra já possui uma idade mais avançada do que o típico estudante de Ensino Fundamental (a idade mínima para matricular-se no ensino fundamental modalidade EJA é de 15 anos) além de experiência no mercado de trabalho, visto que quase todos os alunos matriculados já trabalham durante o dia.

Durante as aulas, foram identificadas peculiaridades que exigiram adaptações na programação e na metodologia de ensino. Isso foi especialmente evidente em relação à capacidade de compreensão dos estudantes, visto que mais de 50% apresentava dificuldades de escrita, tendência à dispersão e pouco conhecimento técnico sobre os temas abordados. No entanto, é importante destacar que, por outro lado, todos os alunos possuem vasta experiência de vida, o que se reflete em relatos muito enriquecedores e na capacidade de contextualizar os tópicos discutidos, desde que a condução seja adequada por parte do professor.

Devido às peculiaridades cognitivas ou dificuldades de aprendizagem apresentadas por alguns estudantes, é disponibilizado atendimento diferenciado. Esses alunos são encaminhados, em horários previamente estabelecidos, para uma sala específica, onde recebem o acompanhamento de um educador especializado.

Esses fatores levaram o estagiário a adaptar sua metodologia de ensino, buscando simplificar abordagens e incorporar exemplos práticos relacionados ao cotidiano dos alunos. Além disso, os estudantes foram incentivados a se expressar livremente sobre os temas tratados, compartilhando seus pontos de vista e concepções, com o objetivo de promover o desenvolvimento do pensamento crítico e uma compreensão mais aprofundada dos conteúdos.

Entre as atividades não inicialmente planejadas, mas que foram integradas à rotina de aula, destacam-se o estímulo à escrita e à reflexão sobre temas como convivência em sociedade, responsabilidade social, ética e o papel do indivíduo como cidadão. Esses tópicos, identificados pelos professores como áreas deficitárias, considerando-se a faixa etária dos alunos, foram incorporados com a intenção de ampliar sua formação integral.

O processo de estágio foi marcado por um aprendizado constante e por adaptações contínuas da parte deste estagiário. A maioria dos alunos manteve comportamento respeitoso durante as aulas, mas sem um padrão de comportamento focado nos estudos. Ou seja, muitas vezes estavam presentes na aula contra sua vontade, embora não demonstrassem desrespeito para com os colegas ou professores.

Devido à natureza de curto prazo do estágio, acredito que houve dificuldade em desenvolver vínculos mais profundos, algo que os professores titulares conseguiram estabelecer, conforme suas personalidades e interesses.

Por parte dos alunos, percebeu-se que, por estarem em um curso diferenciado, frequentemente se colocavam em uma posição marginalizada. Esse estigma precisa ser desmistificado pelo professor, que deve valorizar a posição deles na sociedade, suas opiniões e vivências. Esse foi um dos maiores desafios enfrentados, pois muitas vezes foi necessário afastamento do planejamento original para que fosse focado na discussão de temas relacionados aos tópicos da disciplina, porém com um viés mais integrador e menos expositivo.

A formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) demanda uma atenção especial, especialmente nos cursos de licenciatura e programas como o PEG. A heterogeneidade dos alunos da EJA, com suas experiências de vida únicas e interrupções no percurso escolar, exige uma abordagem pedagógica singular. É fundamental que os futuros professores sejam capacitados para compreender as especificidades desse público, desenvolvendo es-

estratégias de ensino que valorizem os saberes prévios dos alunos e promovam a construção de conhecimentos significativos e contextualizados. A formação inicial e continuada de professores deve, portanto, ser priorizada, a fim de garantir uma educação de qualidade e inclusiva para essa parcela da população.

Durante o estágio, utilizou-se de diferentes modelos de avaliação para acompanhar o progresso, incluindo avaliações formativas, atividades práticas e projetos em grupo. A avaliação formativa é um processo contínuo de acompanhamento e análise do aprendizado dos estudantes, com o objetivo de fornecer *feedback* imediato e orientador para promover seu desenvolvimento. Diferente da avaliação somativa, que geralmente ocorre ao final de um ciclo de ensino para atribuição de notas, a avaliação formativa é integrada às práticas pedagógicas diárias, servindo como ferramenta para ajustar métodos de ensino e estratégias de aprendizagem. Ela se baseia na identificação de dificuldades e no reconhecimento de progressos, envolvendo tanto o professor quanto o aluno em um diálogo reflexivo. Esse tipo de avaliação incentiva a autonomia do estudante, ajudando-o a compreender melhor seus próprios processos de aprendizagem e a desenvolver habilidades críticas e metacognitivas (Luckesi, 2014).

As avaliações formativas foram aplicadas ao longo do semestre, com o objetivo de acompanhar a evolução dos alunos em relação aos conteúdos abordados, por meio de quizzes, discussões em sala e atividades em grupo.

Além disso, os projetos em grupo permitiram que os alunos aplicassem o conhecimento de forma mais criativa e colaborativa, promovendo uma maior interação e troca de experiências entre eles. As atividades de avaliação foram cuidadosamente adaptadas ao perfil da turma, levando em consideração suas necessidades e interesses, o que contribuiu para um processo mais eficaz e personalizado.

Os alunos demonstraram um alto grau de interesse nas atividades propostas, especialmente nos trabalhos que envolviam pesquisa e análise de temas

atuais. Muitos deles se engajaram profundamente nas tarefas, apresentando resultados criativos e bem fundamentados. A interação durante as aulas foi muito positiva, com os alunos trocando ideias e colaborando de maneira espontânea. O *feedback* constante e a possibilidade de revisar e aprimorar o trabalho com base nas sugestões recebidas foram elementos chave para manter o engajamento e incentivar o aprendizado contínuo.

Palavras Finais

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade educacional complexa e desafiadora, mas que possui um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao considerar as diversas dimensões da EJA, é possível compreender a importância dessa modalidade e as ações necessárias para garantir o processo de ensino e aprendizagem. Ao refletir sobre minha experiência no estágio, considero que foi um período de imersão profunda no contexto educacional, proporcionando não apenas o desenvolvimento das habilidades pedagógicas, mas também uma significativa evolução pessoal e profissional. Durante o estágio, fui capaz de aplicar teorias aprendidas em sala de aula, além de adaptar minhas abordagens para atender às necessidades e características dos alunos (Figura 2). A prática constante de planejamento, avaliação e acompanhamento de alunos me permitiu entender a complexidade do processo de ensino-aprendizagem e as diversas formas de estimular o engajamento dos estudantes. Um dos maiores desafios foi lidar com as diferenças de ritmo e interesse, mas acredito que consegui promover um ambiente de aprendizado positivo e colaborativo.

Acredito que a relação professor-aluno no início do estágio é fundamental para o sucesso do processo. Por isso, como professor efetivo, adotaria uma postura colaborativa e menos formal, promovendo um diálogo aberto e respeitoso. Ao criar um ambiente acolhedor e seguro, incentiva a troca de ideias e a participação ativa dos alunos, buscando compreender suas necessidades

e motivações individuais. Essa aproximação permitiria estabelecer um vínculo de confiança mútua, essencial para o desenvolvimento de um aprendizado significativo. Também faria um esforço para sugerir metodologias alternativas, como o uso de tecnologia e atividades práticas, que poderiam tornar o ensino mais atrativo. A docência seria orientada para um desenvolvimento contínuo, promovendo autonomia ao aluno, mas sem deixar de fornecer o apoio necessário para os momentos de maior insegurança.

Figura 2 - Momento em sala de aula com a turma de Gestão de pessoas e Comportamento nas Organizações.



Fonte: Autoria própria.

O Estágio Supervisionado de Ensino III (ESE III) foi de grande importância tanto para minha vida pessoal quanto profissional. Em termos profissionais, proporcionou uma vivência prática essencial, aproximando-me da realidade da sala de aula e possibilitando a aplicação dos conhecimentos teóricos

adquiridos ao longo da graduação. A interação com os alunos e a experiência no desenvolvimento de atividades pedagógicas me fizeram perceber as complexidades da profissão docente e as inúmeras formas de estimular o aprendizado e a participação ativa dos estudantes. No âmbito pessoal, o estágio me ensinou a importância da paciência, da escuta ativa e da flexibilidade, habilidades fundamentais tanto para a prática pedagógica quanto para a convivência em diversos contextos. Além disso, a experiência contribuiu para minha autoconfiança e motivação para continuar a carreira docente, fornecendo uma base sólida para o futuro.

*“A felicidade não está na estrada que leva a algum lugar.
A felicidade é a própria estrada.” (Bob Dylan)*

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 3 jan. 2025.

BRANCHER, Vantoir Roberto; FORTES DE OLIVEIRA, Valeska Maria; MIORANDO, Tania Micheline; DREHMER-MARQUES, Keiciane Canabarro. Práticas Educativas e Formação Docente: Ressignificando Metodologias e Saberes. **Revista Contexto & Educação**, v.37, n.116), p.5–8. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez Editora, 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. Cortez editora, 2014.

MORAES, Vanessa de Souza Santos. **Formação continuada de professores: os saberes docentes na contemporaneidade**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciência e Saúde) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2023. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br>. Acesso em: 3 jan. 2025.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. **Educação & Realidade**, v.44, n.3, v.1-15, 2019.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. Docência no ensino superior, 4. ed, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Editora Vozes Limitada, 2012.

CAPÍTULO 10

Vivências do Estágio Supervisionado de Ensino em um Curso Técnico Pós-Médio

Milena Bagetti

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Ana Paula Daniel (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-B

Palavras Iniciais

O estágio supervisionado de ensino apresenta imensa relevância na formação do profissional que deseja ser professor e/ou aperfeiçoar sua prática docente. Tal processo se desenvolve no entrelaçamento de distintos saberes docentes. O presente estágio supervisionado III (ESE III) do Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG) realizou-se na disciplina de Farmacologia I do Curso Técnico em Farmácia do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, que se apresenta como uma oferta de curso técnico subsequente, cuja área de conhecimento é classificada como Eixo Tecnológico “Ambiente e Saúde”. Segundo o Projeto Pedagógico do Curso (2017), a oferta do Curso Técnico em Farmácia do Colégio Politécnico da UFSM busca colaborar para concretização da política de expansão do ensino técnico na região e Estado, pois como instituição educacional pública e gratuita, tem o compromisso de atender às necessidades e às expectativas da comunidade, através da oferta de alternativas áreas da Educação Profissional.

Elaboração do Plano de Ensino e dos Planos de Aula

O plano de ensino do ESE III foi elaborado inicialmente baseando-se nas datas em que determinados conteúdos seriam desenvolvidos em aula, especialmente os fármacos que atuam no Sistema Nervoso Periférico e Central. Planejou-se aulas expositivas dialogadas com slides em PDF e listas de exercícios disponibilizados para a turma. Conforme Moretto (2010), o planejar é visto como a análise inicial da situação a ser abordada para que possamos compreendê-la e, a partir desta compreensão, pode-se organizar um contexto que possibilite sua solução. No preparo do plano, houve a necessidade de refletir o que o profissional Técnico em Farmácia necessita saber em sua prática profissional, a fim de direcionar a proposta didática. A carga horária que deve ser ministrada na disciplina do estágio supervisionado III é de 30 horas e a total da disciplina é de 60 horas, sendo oferecida aos estudantes do segundo semestre do Curso. Conforme o projeto pedagógico do Técnico em Farmácia, ao término da disciplina de Farmacologia I o estudante deve conhecer os fundamentos básicos de farmacologia, identificar os grupos de fármacos que atuam sobre os sistemas nervoso autônomo, periférico e central, bem como os usos clínicos e efeitos colaterais. A turma do segundo semestre de 2024 era constituída somente por mulheres, algumas delas recentemente egressas do ensino médio, outras já apresentavam experiência em farmácias comerciais, de manipulação ou em outras áreas correlatas do ensino técnico em saúde, algo que auxiliou imensamente o desenvolvimento das atividades.

Práticas de ensino e Atividades Propostas

As práticas de ensino desenvolvidas tiveram como temas os fármacos que atuam no Sistema Nervoso Autônomo, Periférico e Central. A prática de ensino que versava sobre os bloqueadores ganglionares, relaxantes musculares e anestésicos locais realizou-se em uma sala no Bloco G do Colégio Politécni-

co, que apresentava as classes dispostas em um formato diferente das fileiras tradicionais e já possuía caixas de som, aspectos que foram motivadores para a condução das atividades (Figura 1). Apontou-se, através de slides em uma apresentação em datashow, uma breve revisão sobre do sistema nervoso humano, retomando aspectos anatômicos e fisiológicos, medicamentos utilizados para o tratamento do tabagismo, como o incorreto uso da goma de mascar simultaneamente ao adesivo. Posteriormente, abordou-se os relaxantes musculares, os quais vêm sendo amplamente utilizados através da prática da automedicação. Apontou-se que o relaxante muscular de ação central contribui para redução da ansiedade. Algo relevante especialmente para as mulheres, as quais, muitas vezes, se sobrecarregam com as inúmeras tarefas do cotidiano.

Figura 1 - Aula sobre Bloqueadores ganglionares, Relaxantes musculares e Anestésicos locais.



Fonte: Autoria própria.

A prática de ensino posterior iniciou-se com a correção dos exercícios disponibilizados na aula da semana anterior (Figura 2), algo que tornou a aula dinâmica e ajudou a fixar aspectos dos fármacos utilizados contra o tabagismo, atividade e anatomia do sistema nervoso simpático e do parassimpático, uso do bloqueador neuromuscular succinilcolina, além das implicações do amplo uso de relaxantes musculares por pacientes idosos. Posteriormente abordou-se

os ansiolíticos e hipnóticos, enfatizando o tratamento da ansiedade patológica, que cria prejuízos na vida social e pessoal, pois decorrentes desta geram-se enfermidades como a síndrome do Pânico, TAG - Transtorno de Ansiedade Generalizada, TOC - Transtorno Obsessivo Compulsivo, TEPT - Transtorno de Estresse Pós-traumático e Fobias no geral, como a aracnofobia. Abordou-se ainda os antidepressivos, esmiuçando o mecanismo de ação dos ADT (antidepressivos tricíclicos), seus efeitos colaterais, os Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS), além dos ISRSN (Inibidores da Recaptação de Serotonina e Noradrenalina) e dos IMAOs, os quais possuem interações relevantes com alimentos que contêm tiramina (vinhos, queijo, chocolate, cerveja, pães). Tratou-se ainda dos antidepressivos atípicos, fármacos que atuam nas doenças neurodegenerativas do Alzheimer, Parkinson e os antipsicóticos.

Figura 2 - Correção de exercícios e abordagem sobre fármacos de doenças do Sistema Nervoso Central.



Fonte: Autoria própria.

Realizou-se as propostas de Pesquisas de Campo, em que a turma selecionou na Internet diferentes embalagens de medicamentos adrenérgicos, anti-adrenérgicos, colinérgicos, anticolinérgicos e que atuam no Sistema Nervoso Central. Posteriormente, uma prática de ensino diferenciada ocorreu com a visita da turma ao Lar das Vovozinhas, que fica localizado no bairro Nossa Se-

nhora Medianeira, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Escolheu-se tal local para o trabalho de campo, por tratar-se de um espaço em que a turma buscaria observar os aspectos da doença de Parkinson, do Alzheimer e da Esquizofrenia, de acordo com vídeos disponibilizados anteriormente. Inicialmente, neste dia, a turma foi para o laboratório de Informática no Bloco G do Colégio Politécnico e realizou tarefas do Sistema Nervoso Central. Observou-se algumas regras e posteriormente dirigiu-se ao Lar da Vovozinhas, registrando alguns momentos antes da entrada (Figura 3).

Figura 3 - Visita ao Lar das Vovozinhas



Fonte: Autoria própria.

As doações de leite que o grupo realizou foram muito bem recebidas pela equipe diretiva do Lar. Falou-se sobre o histórico do espaço, caracterizou-se o público, que acolhe não somente mulheres com doenças do Sistema Nervoso Central, mas também que apresentem outras condições e/ou situações de vulnerabilidade. Apontou-se ainda a quantidade de mulheres assistidas (123) atualmente, a divisão das alas, além de questões sobre a importância do preparo para o envelhecimento e possibilidades de trabalho voluntário e/ou atividades

futuras das estudantes no Lar. Com a visita às alas, destacou-se a atenção e a receptividade com sorrisos e um anseio da turma em conhecer as dependências e o funcionamento do Lar. A turma conseguiu visualizar os atuais projetos do Lar, sendo agraciada com a participação e o carinho das assistidas.

Percebeu-se, uma alegria imensa na recepção do grupo, especialmente na ala da esquizofrenia, em que foi possível visualizar aspectos da doença. As dependências do Lar traziam ares de um local de boas vivências, trocas, espírito comunitário e ainda foi possível visitar a farmácia, obtendo-se uma importante explicação da organização desta. A turma demonstrou durante toda a visita um carinho e acolhimento que foram retribuídos de forma muito sincera, com sorrisos e olhares de “volte sempre e gratidão”.

Posteriormente, utilizou-se metodologias ativas para a abordagem sobre as doenças neurodegenerativas do Alzheimer, Parkinson e sobre a doença psiquiátrica Esquizofrenia. Tal metodologia foi a sala de aula invertida, em que os grupos assistiram vídeos e apresentaram a resolução de questões previamente encaminhadas sobre as enfermidades que foram discutidas no período da aula. As metodologias ativas de ensino e aprendizagem são relevantes no contexto da educação profissional porque, quando objetivadas, colocam os estudantes como protagonistas de seu processo de ensino e aprendizagem, exigindo mudança de postura acadêmica, dedicação, autonomia e responsabilidade para dar sentido e aplicabilidade social ao que se aprende em sala de aula (Moreira, 2016).

Iniciando-se pela doença de Parkinson, enfatizou-se os sintomas da doença e além do tratamento psicológico, os demais tratamentos para pessoas por esta enfermidade. Em seguida, a doença de Alzheimer foi abordada por outro grupo da turma, em que se destacou, entre outros aspectos, a importância da criação de boas memórias na infância e na adolescência, pois se a doença aparecer, a vida ainda possuirá um sentido. O terceiro grupo abordou a esquizofrenia apontando que o tratamento inclui medicamentos antipsicóticos que ajudam a controlar os sintomas, além da psicoterapia, como a terapia cognitivo com-

portamental, que auxilia na gestão dos sintomas, no desenvolvimento de habilidades sociais e na reabilitação psicossocial, a fim de promover a reintegração social e ocupacional. Nesta aula, colocou-se ainda o importante legado de Nise da Silveira no cuidado e tratamento de pessoas com doenças psiquiátricas.

Realizou-se uma avaliação no formato de prova para compor a nota 1, além da pesquisa de campo de medicamentos do sistema nervoso autônomo. E para compor a nota 2 da disciplina, computou-se a pesquisa de campo do Sistema Nervoso Central, os exercícios dos vídeos realizados individualmente, a presença na visita ao Lar das vovozinhas e a apresentação em grupo das doenças.

Palavras Finais

Ao refletir sobre o ESE III do PEG, percebi sua importância em minha formação como educadora, destacando-se as vivências e experiências enriquecedoras, retomando os importantes desafios enfrentados desde o Estágio supervisionado II, também realizado no Colégio Politécnico da UFSM, porém na disciplina Tecnologia de Bebidas do Curso Técnico em Alimentos. Tais desafios foram enfrentados buscando sanar dúvidas constantemente nas aulas presenciais e reuniões pelo Meeting, consultando livros, vídeos e artigos de Farmacologia, sites da Anvisa e do Ministério da Saúde e no preparo de um material para projeção em datashow que fosse atrativo e dinâmico. A utilização da ferramenta wiki do Moodle auxiliou imensamente devido às necessárias escritas dos planos e relatos de aula, sendo possível ainda ser inserida no Moodle da disciplina de Farmacologia I, através do auxílio da professora supervisora e do suporte da Coordenadoria de Tecnologia Educacional da UFSM.

Por fim, percebo que o ESE III contribuiu de forma significativa com minha atuação como educadora. Segundo Tardiff (2014) a prática docente desenvolve vários saberes, os pedagógicos, os disciplinares, os curriculares e os experienciais. Por fim, fica pulsando um anseio de prosseguir na formação continuada no ensino técnico.

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor assim, não morre jamais.” (Rubem Alves)

Referências

MOREIRA, Jonathan Rosa; RIBEIRO, Jefferson Bruno Pereira. **Prática pedagógica baseada em metodologia ativa: aprendizagem sob a perspectiva do letramento informacional para o ensino na educação profissional.** Outras Palavras, Brasília, v. 12, n. 2, p. 93-114, 2016.

MORETTO, V. P. **Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competências.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO. Projeto Pedagógico (PPC) – Técnico em Farmácia (2017). Disponível em: <<https://www.ufsm.br/cursos/tecnico/santa-maria/farmacia/projeto-pedagogico>>. Acesso em 07 dez. 2024.

TARDIFF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

CAPÍTULO 11

Desafios e Descobertas: a jornada de formação docente no Estágio de Cuidados de Idosos

Sthéfany Possamai Gomes

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Cristiane Trivisiol Arnemann (Supervisor)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-C

Palavras Iniciais

A prática docente supervisionada representa um passo importante na minha formação como futura professora. Para mim, este passo vai além do simples cumprimento de um requisito acadêmico. É a oportunidade de mergulhar na realidade da sala de aula, de aplicar as teorias que estudei e de vivenciar todos os dias os desafios e alegrias da vida docente. Esta experiência prática permite-me refletir sobre o conhecimento educacional, que não se limita ao domínio dos conteúdos, mas inclui também o conhecimento das metodologias de ensino, a gestão da sala de aula e o desenvolvimento de competências sociais-emocionais.

A importância do estágio fica ainda mais clara quando percebo que é uma etapa essencial na construção da minha identidade profissional. Durante esta experiência, sinto que desenvolvi não só as minhas competências docentes, mas também o meu compromisso com a educação e o impacto que posso ter na vida dos meus alunos. Cada desafio que encontro e cada interação com alunos e colegas me ajudam a compreender melhor o papel de um educador e a

importância de agir de forma ética e responsável. Tenho convicção de que esta experiência prática me preparará para proporcionar um ensino mais crítico, reflexivo e transformador, contribuindo para o desenvolvimento integral dos meus futuros alunos.

Reflexões e Experiências do Estágio Supervisionado de Ensino III no Curso de Cuidados de Idosos

Durante o estágio no curso Técnico em Cuidados de Idosos, realizado no Politécnico, o processo de planejamento foi uma etapa crucial para garantir que o conteúdo estivesse alinhado tanto com o perfil dos alunos quanto com as exigências da disciplina. A elaboração do Plano de Ensino exigiu uma análise detalhada das competências que precisavam ser desenvolvidas ao longo das 30 horas de estágio, levando em consideração o fato de que os alunos eram muito colaborativos e interessados. Essa colaboração tornou o planejamento mais dinâmico, uma vez que pude contar com a participação ativa deles em todas as fases do aprendizado. Vivenciei diretamente o que Maurice Tardif discute em sua obra *Saberes Docentes e Formação Profissional* (2002). Tardif enfatiza que a prática pedagógica é uma das principais fontes de saberes para os professores, e essa foi uma lição que ficou evidente ao longo do estágio.

Na preparação dos planejamentos de aula, a experiência foi enriquecedora e desafiadora ao mesmo tempo. Cada aula precisou ser cuidadosamente estruturada, levando em consideração o nível de conhecimento dos alunos e as habilidades práticas que precisavam ser desenvolvidas. Foi necessário garantir que as atividades fossem acessíveis, mas ao mesmo tempo desafiadoras, para que os alunos pudessem progredir continuamente. Essa etapa me ajudou a entender a importância de um planejamento flexível, capaz de se adaptar às diferentes realidades da sala de aula.

Assim como Tardif (2002) destaca, os saberes não são apenas teóricos, mas precisam ser constantemente adaptados às situações práticas e ao contexto em que se inserem. A necessidade de ajustar o planejamento das aulas para

atender as necessidades e expectativas da turma refletiu essa ideia, já que a interação com os alunos revelou desafios que não estavam previstos no planejamento inicial.

O uso de metodologias ativas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), foi fundamental durante o estágio. Essa metodologia promoveu maior participação dos alunos, estimulando-os a resolver questões práticas relacionadas ao cuidado com o idoso. Além disso, ferramentas tecnológicas, como vídeos explicativos e apresentações interativas, foram usadas com o objetivo de tornar o aprendizado mais dinâmico e acessível. Essas estratégias contribuíram para que os alunos pudessem visualizar o conteúdo de forma prática, facilitando a absorção de conceitos complexos.

No primeiro dia de aula, a professora Cristiane apresentou métodos de ensino inovadores que cativaram a atenção dos alunos e promoveram uma introdução significativa ao tema dos cuidados paliativos. O primeiro método, denominado “caixa de música”, consistiu em uma atividade de reflexão que explorava intervenções clínicas nesse campo. Os alunos foram convidados a ouvir uma seleção de músicas cuidadosamente escolhidas, cada uma acompanhada de questões que estimulavam a reflexão sobre a experiência do paciente em cuidados paliativos. Essa abordagem não apenas despertou emoções, mas também permitiu que os alunos pensassem de maneira crítica sobre a importância da humanização e da empatia na prática clínica.

O segundo método, a exibição do filme “Quantos Dias e Quantas Noites”, proporcionou uma oportunidade rica para discutir questões complexas relacionadas à vida e à morte, às relações interpessoais e à experiência do sofrimento. O filme instigou debates acalorados entre os alunos, que compartilharam suas percepções e sentimentos sobre os temas abordados, como a dignidade do paciente e a responsabilidade dos profissionais de saúde. Essa atividade também promoveu uma conexão mais profunda entre os alunos, que puderam expressar suas opiniões e sensibilidades, criando um ambiente colaborativo e de respeito mútuo.

Ao final desse primeiro encontro, pude sentir uma mistura de empolgação e gratidão. A forma como a professora Cristiane conduziu a aula me fez perceber que estamos não apenas aprendendo conceitos técnicos, mas também nos preparando para enfrentar situações que exigem sensibilidade e compaixão. Senti que esses métodos de ensino tornaram a disciplina mais do que uma simples matéria; eles a transformaram em uma jornada de autoconhecimento e reflexão sobre o impacto que teremos na vida dos outros. Estou animada para continuar esse aprendizado e ver como esses temas serão explorados nas próximas aulas.

Figura 1 – Filme Quantos dias. Quantas noites.



Fonte: Autoria própria.

Figura 2 – Caixinha de música.



Fonte: Autoria própria.

Como Tardif (2002) sugere, a experiência prática é onde o professor realmente consolida seus saberes, e no estágio, isso ficou claro em cada aula ministrada e em cada interação com os alunos. Por exemplo, ao enfrentar um desafio específico com um aluno que apresentava dificuldades em se engajar nas atividades práticas, precisei adaptar minha abordagem, oferecendo mais suporte e criando estratégias individuais para ajudá-lo a superar suas inseguranças. Foi um momento em que percebi como os saberes da experiência, descritos por Tardif, são fundamentais para o desenvolvimento da prática docente.

No decorrer das aulas, as atividades de orientação e supervisão tiveram

um papel essencial. As aulas realizadas foram um exemplo disso, pois exigiam um planejamento mais cuidados por terem uma duração longa de cada aula lecionada, especialmente devido ao maior tempo disponível para desenvolver atividades mais elaboradas. Durante esse processo, o feedback constante do supervisor foi uma ferramenta valiosa. Receber orientações específicas sobre como melhorar certos aspectos da aula me permitiu ajustar minhas práticas e melhorar a interação com os alunos. Portanto esse processo de reflexão conjunta com o supervisor ajudou a criar um ciclo contínuo de aprendizado e aperfeiçoamento, o que enriqueceu ainda mais minha formação.

Os desafios que surgiram durante o estágio foram variados. Um dos mais marcantes foi o fato de que, em algumas ocasiões, as aulas não saíram exatamente como planejado. Nessas situações, foi necessário ser flexível e ajustar as atividades conforme o andamento da aula e a resposta dos alunos. Esse tipo de adaptação foi um aprendizado valioso, pois me ensinou a importância de ser resiliente e de buscar alternativas quando algo não sai conforme o esperado.

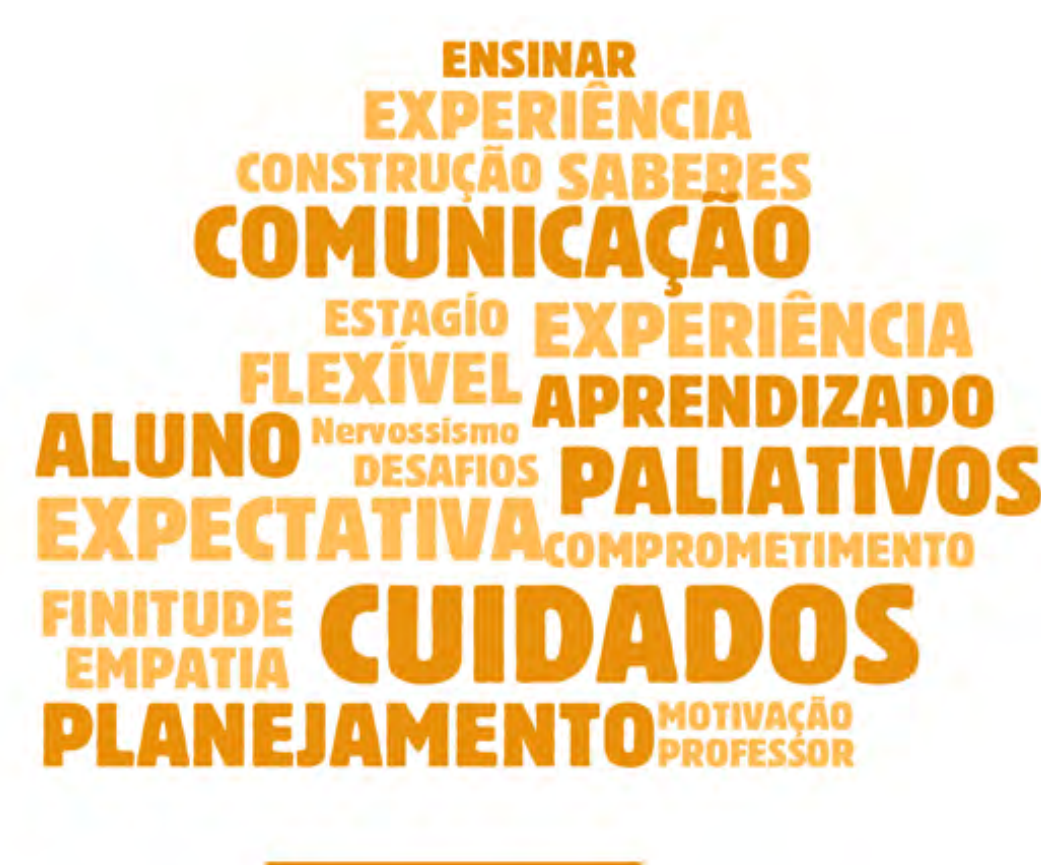
Ao enfrentar um problema prático, como a dificuldade de um aluno em acompanhar o ritmo das atividades práticas, precisei encontrar soluções que equilibrassem o desenvolvimento do grupo e as necessidades individuais. Uma solução prática implementada foi oferecer um suporte mais personalizado a esse aluno, utilizando exercícios diferenciados e revisando os conceitos de forma individualizada. Esse tipo de abordagem mostrou-se eficaz e proporcionou uma melhoria no desempenho do aluno.

A avaliação dos alunos foi feita de forma contínua, com base no progresso demonstrado ao longo do curso. Além das avaliações formais, o acompanhamento diário e os feedbacks regulares foram essenciais para garantir que os alunos estivessem no caminho certo. Essa abordagem permitiu uma visão mais completa do desenvolvimento de cada um, proporcionando um aprendizado mais eficaz e individualizado.

Palavras finais

O mapa conceitual de palavras (Figura 3) representa uma jornada de ideias, valores e experiências que traçam caminhos e desvios, formando trilhas e meandros únicos. Nesse cenário, cada termo, ao ser posicionado, não se limita a uma hierarquia de importância, mas sim como um ponto de partida ou conexão que leva a novas compreensões do capítulo do livro. As trilhas representam os caminhos conhecidos, enquanto os meandros, com suas curvas inesperadas, revelam o potencial de descobertas inovadoras e surpreendentes.

Figura 3 – Mapa conceitual.



Fonte: Autoria própria.

Em uma autoavaliação do meu desempenho como docente, acredito que minha atuação foi positiva, embora minha primeira experiência com uma turma de curso técnico tenha sido desafiadora e, em alguns momentos, apavorante. Ao entrar na sala de aula, senti um misto de nervosismo e aflição, pois sabia

que estava diante de uma turma composta por alunos que buscavam não apenas conhecimento, mas também práticas efetivas para sua futura profissão. Essa pressão inicial foi natural, considerando que estava me aventurando em um novo ambiente e desempenhando um papel que sempre sonhei, mas que também trazia grandes responsabilidades.

Nos primeiros momentos, o desafio de estabelecer uma conexão com os alunos foi evidente. A expectativa de que todos estivessem atentos e engajados nas atividades era grande, e isso, por vezes, aumentava minha ansiedade. No entanto, à medida que as aulas avançavam e eu comecei a me sentir mais confortável com o conteúdo e a dinâmica do curso, percebi que a comunicação com os alunos fluiu de maneira mais natural. Criei um ambiente de confiança, onde os estudantes se sentiram à vontade para expressar suas dúvidas e contribuir com ideias. Essa interação foi essencial para promover a participação ativa, algo que considero vital para um aprendizado significativo.

Como Paulo Freire (2011) destaca, “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, pois ambos se encontram na construção do conhecimento, onde o educador aprende com o educando e vice-versa. Essa troca permitiu que o ambiente de aprendizado se tornasse mais colaborativo e engajador, promovendo um espaço onde todos se sentiam valorizados e motivados a participar.

Ainda assim, reconheço que houve momentos em que o gerenciamento do tempo nas aulas não foi ideal. A ansiedade inicial me levou a me alongar em alguns tópicos ou, em outras ocasiões, a apressar atividades importantes, o que pode ter prejudicado a absorção completa do conteúdo por parte dos alunos. Esse aspecto é algo que pretendo aprimorar, pois sei que uma boa gestão do tempo é crucial para garantir que todos os objetivos da aula sejam atingidos de forma eficaz. Estou ciente de que, com a prática e a reflexão sobre as experiências vividas, poderei melhorar esse aspecto e, assim, proporcionar um aprendizado ainda mais enriquecedor.

Essa primeira experiência me ensinou não apenas sobre o conteúdo que deveria ministrar, mas também sobre como lidar com minhas próprias emoções e inseguranças. Cada aula foi uma oportunidade de aprendizado, e mesmo com as dificuldades enfrentadas, a satisfação de ver o progresso dos alunos e o fortalecimento da nossa relação me motivou a seguir em frente. Estou ansiosa para aplicar essas lições nas futuras experiências docentes, sempre buscando o aprimoramento contínuo e a construção de um ambiente educacional mais dinâmico e eficaz.

Por fim, o estágio no ESE III teve um impacto profundo em minha formação pessoal e profissional. Ele não apenas me preparou melhor para os desafios da docência, mas também me proporcionou um espaço rico para o desenvolvimento de uma postura mais crítica e reflexiva em relação ao ensino. A experiência me fez perceber que a educação vai além de transmitir informações; trata-se de criar um ambiente propício ao aprendizado, onde os alunos se sintam valorizados e motivados a explorar seus próprios potenciais. A figura 4 representa as aulas em cuidados paliativos para a pessoa idosa, a família e a equipe de saúde.

Como Paulo Freire (1996) aponta, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Esse estágio me ajudou a compreender a importância de incentivar o pensamento autônomo e crítico dos alunos, valorizando cada um como parte ativa e essencial no processo educativo.

Figura 4 - Aula sobre Comunicação em Cuidados Paliativos para a pessoa idosa, a família e a equipe de saúde.



Fonte: Autoria própria.

A vivência em sala de aula reforçou em mim a importância da flexibilidade, da paciência e da empatia, valores que considero fundamentais para qualquer educador. Cada aluno traz consigo uma história única, e entender essas particularidades é essencial para oferecer um ensino que realmente atenda às suas necessidades. A capacidade de adaptar as abordagens pedagógicas e de estar disposto a ouvir e compreender as dificuldades dos alunos são habilidades que pretendo aprimorar continuamente.

Durante minha vivência no curso de cuidador de idosos, especialmente nas aulas sobre cuidados paliativos, fui tocada por uma experiência profunda, que transformou tanto meu lado profissional quanto pessoal. Em cada aula, senti-me envolvida por uma nova visão sobre o que significa realmente cuidar de alguém que enfrenta a finitude, e percebi o quanto esse tema é essencial para

entender o verdadeiro propósito do cuidado.

À medida que realizo as aulas, vejo as reflexões de Ana Claudia Quintana Arantes ganharem vida, como se suas palavras se materializassem em cada estudante. Em *A Morte é um Dia que Vale a Pena Viver*, Arantes (2017) nos lembra que “a gente não morre, a gente se completa”. Ao estudar e ensinar cuidados paliativos, senti o peso dessas palavras. Não é apenas uma preparação para o fim, mas uma jornada de aprendizado e amor, onde o foco é no alívio do sofrimento e na dignidade da pessoa. Cada vez que compartilho isso com os alunos, percebo como meu papel vai além de transmitir conhecimento técnico; estou orientando-os para enxergarem o valor da presença e do cuidado em cada momento.

Ser uma orientadora nesse tema é uma oportunidade e uma responsabilidade imensa. Conversamos sobre as realidades da vida e da morte, refletimos sobre a importância do acolhimento e do alívio do sofrimento, e encontro-me mostrando aos alunos como essas práticas de cuidados paliativos se traduzem em um entendimento mais profundo sobre a vida. Nas palavras de Ana Claudia, “a vida é muito maior quando a gente tem coragem de olhar para ela, mesmo nos momentos mais difíceis”. E é isso que tento passar a eles: que cuidar é, antes de tudo, ter coragem de encarar a realidade da finitude e, com isso, encontrar uma forma de tornar o fim o mais digno e humano possível.

Ao observar como os alunos reagem, percebo que não estou apenas ensinando; estou aprendendo com eles também. Cada pergunta, cada reflexão, cada olhar atento revela o quanto a temática os toca, assim como me tocou. Os cuidados paliativos e o que eles representam são complexos, mas extraordinários, e sinto que, ao ser uma orientadora nesse tema, estou preparando não só cuidadores, mas pessoas que levarão a empatia e o respeito pela vida para além da sala de aula.

Ana Claudia Quintana Arantes também nos ensina que “a morte é a grande mestra da vida” e, paradoxalmente, falar sobre ela não nos afasta da vida,

mas nos aproxima. Durante as aulas, vejo isso claramente: a cada conceito sobre cuidados paliativos, a cada discussão sobre o papel da dignidade nos momentos finais, encontro uma oportunidade de ensinar sobre o valor da vida e sobre como cuidar do outro com presença e compaixão. Esse curso não foi apenas sobre ensinar; foi um encontro com algo que me transformou, que me preparou para ser uma pessoa e uma profissional mais consciente, mais humana e mais disposta a fazer a diferença, mesmo nos momentos mais desafiadores da vida.

O que eu vivi e continuo vivendo ao ensinar sobre cuidados paliativos é uma jornada de autodescoberta e crescimento, onde percebo que a finitude nos dá, na verdade, uma grande lição sobre viver.

Estar presente nesse estágio foi um sonho realizado. Ver o brilho nos olhos dos alunos ao aprender algo novo ou ao encontrar soluções para problemas desafiadores é algo incrível e gratificante. O simples ato de compartilhar conhecimento se transformou em uma experiência enriquecedora, que me fez refletir sobre o impacto que a educação pode ter na vida das pessoas. Essa jornada não só me possibilitou contribuir para o crescimento dos alunos, mas também me fez perceber o quanto estou disposta a aprender e a crescer junto com eles.

A cada aula ministrada, senti uma conexão crescente com os alunos e uma alegria imensa ao perceber seu progresso. Essa troca mútua de aprendizado é uma das maiores recompensas da docência. Acredito que a educação é uma via de mão dupla, onde tanto o professor quanto o aluno se beneficiam e se desenvolvem. Estou animada para continuar essa jornada e levar comigo todas as lições aprendidas no estágio, sempre buscando maneiras de aprimorar minha prática e de inspirar meus alunos a serem a melhor versão de si mesmos.

Essa experiência no Estágio supervisionado III não só solidificou meu desejo de ser educadora, mas também me mostrou a importância de nutrir uma paixão genuína pelo ensino. Levarei comigo essa chama acesa, comprometendo-me a ser uma professora que não apenas ensina, mas que também

motiva, inspira e transforma. A finalização do meu estágio no ESE III não poderia deixar de reconhecer a importância fundamental das profissionais que me guiaram nesse processo: a professora Karla, minha orientadora, e a professora Cristiane, minha supervisora. Ambas desempenharam papéis cruciais em minha formação, oferecendo apoio, orientação e uma visão valiosa sobre a prática docente.

A professora Karla, com sua vasta experiência e sabedoria, foi uma fonte constante de inspiração. Sua abordagem pedagógica e sua habilidade em fomentar discussões críticas sobre o ensino me ajudaram a entender melhor as nuances da profissão. Através de seus feedbacks construtivos, pude refletir sobre minhas práticas e identificar áreas de aprimoramento. Ela sempre incentivou a busca por inovações e a construção de um ambiente de aprendizado dinâmico, mostrando-me que o papel do educador é também ser um aprendiz ao lado de seus alunos.

Por sua vez, a professora Cristiane, como supervisora, proporcionou uma orientação prática valiosa durante o estágio. Sua atenção aos detalhes e seu compromisso com a excelência educacional me ajudaram a lidar com os desafios do cotidiano da docência de maneira eficaz. Cristiane foi sempre acessível, pronta para compartilhar sua experiência e oferecer conselhos práticos sobre a gestão da sala de aula, o planejamento das aulas e a importância de manter um diálogo aberto com os alunos. Sua supervisão foi fundamental para que eu pudesse enfrentar minhas inseguranças iniciais e, aos poucos, construir a confiança necessária para atuar de forma segura e eficaz. Além disso, sua empatia e cuidado constantes – tanto em sala de aula quanto durante os momentos de planejamento – fizeram toda a diferença. Sinto que o apoio que ela me deu não só ajudou no meu desenvolvimento profissional, mas também impactou minha vida de uma forma profunda e transformadora. Tenho certeza de que sua presença e orientação contribuíram para eu me tornar uma profissional mais segura e uma pessoa mais confiante e realizada.

Ambas as professoras deixaram uma marca indelével em minha formação, e sou profundamente grata por todo o apoio que recebi. Elas não apenas contribuíram para meu desenvolvimento como futura educadora, mas também me mostraram a importância do trabalho colaborativo entre professores, o que é vital para o crescimento de qualquer profissional na área da educação. Ao refletir sobre essa jornada, sinto-me mais preparada e motivada para seguir em frente, sempre lembrando dos ensinamentos que tanto Karla quanto Cristiane compartilharam comigo. Essa experiência me proporcionou uma base sólida para minha carreira e acendeu em mim a paixão por transformar vidas através da educação.

“Educar não é apenas transmitir conhecimento, mas ensinar a pensar, questionar e transformar.” (Paulo Freire)

Referências

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. São Paulo, 2017. 224 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 54 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAPÍTULO 12

Vivências do Estágio Supervisionado III do Programa Especial de Graduação de Professores para Educação Profissional da UFSM

Veridiana Pillon

Karla Marques da Rocha (Orientadora)

Angelita Tomazetti Scalmato (Supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-429-D

Palavras iniciais

O estágio supervisionado de ensino é um componente fundamental em qualquer área de formação, no entanto, na formação de professores é imprescindível pois se caracteriza como um momento em que observamos e somos observados, ensinamos e somos ensinados a ensinar tudo ao mesmo tempo, num ciclo virtuoso de reflexões e revisões de “rota”. Além de ser uma vivência marcante para o graduando, entendo que pode ser também uma prestação de serviço para a comunidade pois é uma oportunidade de o profissional bacharel levar seus conhecimentos de prática de mercado para a sala de aula, com didática e de forma estruturada, compartilhando e trocando experiências com os estudantes, debatendo possibilidades e criando caminhos alternativos para exercício da cidadania.

Através desta experiência de docência foi possível colocar em prática os saberes docentes, que por sua vez, são um misto de diversos saberes, são eles: disciplinares, curriculares e experienciais (Tardif, 2014). O autor leciona que

os disciplinares são específicos de cada área de formação; saberes curriculares: são aqueles conhecimentos que a escola seleciona e categoriza para apresentar aos alunos; saberes experienciais: são os conhecimentos que surgem da experiência do professor e são validados por ela sem que sejam necessariamente, transmitidos por instituições de ensino. Desta forma, abaixo segue um breve relato do meu olhar para esta prática.

Vivências do Estágio Supervisionado de Ensino III

O Estágio Supervisionado III do Programa Especial de Formação de Professores para Educação Profissional e Tecnológica (PEG) da Universidade Federal de Santa Maria foi uma experiência muito transformadora e também muito diferente das vivências do estágio I e estágio II. O estágio foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F) CAIC Luizinho de Grandi, com a etapa 3 da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que compreende 6ºs e 7ºs anos do ensino fundamental e concomitante a educação básica, acontece o curso de assistente administrativo, em parceria com o Instituto Federal Farroupilha, Campus Júlio de Castilhos (IFFar JC), cujas disciplinas são ministradas por professores da instituição e foi através deste convênio que a minha prática com a docência foi possível.

Quando menciono que minha experiência foi transformadora, cito inicialmente que foi possível visualizar o que já havia sido identificado Resolução CNE/CEB nº 1 de 28 de Maio de 2021, quando descreveu que:

Os jovens, adultos e idosos dessa modalidade têm, como forte característica, a diversidade e multiplicidade dos sujeitos que a compõem, em seus três segmentos (BRASIL, 2021, p. 4), ou seja, há, necessariamente, a inserção da flexibilidade, diversidade e pluralidade dos sujeitos da EJA no âmbito da Educação Básica pelos sistemas de ensino para que seja possível pensar e pôr em prática este objetivo e direito por meio de políticas públicas educacionais.

Ciente desta complexidade e multiplicidade, minha trajetória iniciou com uma conversa com a Diretora, para primeiramente conhecer a escola, entender

a realidade dos alunos e como acontece a parceria entre a instituição e o IF-Far. Nesta oportunidade, ela me passou alguns tópicos que gostaria que fossem abordados com a turma, conciliando o programa vigente e a necessidade de atender algumas demandas ainda não sanadas pelos estudantes. A partir disso, foi possível então fazer o que determina as normas de estágio III do PEG, que trata da docência orientada e descreve que:

O estudante estagiário deverá planejar e ministrar no mínimo 30h de aulas sob a supervisão dos professores orientadores. Nesta etapa, o estágio deve ser acompanhado pelo professor orientador da UFSM e pelo professor supervisor (regente da turma) – que também avaliará o processo de docência. Todas as atividades desenvolvidas pelo estudante estagiário devem ser previamente submetidas ao Professor supervisor, na forma e periodicidade definida entre ambos. É competência privativa do Professor supervisor e ou da equipe diretiva da Escola autorizar o desenvolvimento de atividades por parte do estagiário. (Projeto Pedagógico do Curso, 2023).

Adentrando mais nas questões da prática da docência, o plano de ensino foi elaborado antes de iniciar as aulas, abordando 4 unidades principais, foram eles: noções de empresa, rotinas administrativas (ciclo PODC), atendimento ao cliente e relações interpessoais. Todos estes assuntos se relacionam diretamente com o curso e com a função de assistente administrativo e por terem feito parte da minha formação profissional em Administração, foram de grande valia no momento em que comecei a trabalhar na área.

No tocante aos planos de aula foram elaborados sempre anterior a aula prática, o que foi ponto positivo, pois a partir do segundo plano pude regular o nível e a profundidade dos conteúdos, de acordo com o nível de rendimento da turma. Além disso, os planos seguiam um padrão de início, meio e fim, estruturado da seguinte forma: primeiro verificar e retomar o que foi aprendido da aula anterior, fazer questionamentos e na sequência, dar continuidade ao que estava programado. Este fluxo, entretanto, não seguiu de forma contínua, dadas as inúmeras dificuldades dos estudantes. Tanto o plano quanto na execução da aula, não contavam com ferramentas tecnológicas ou metodologias muito alternativas pois além de a aula ter duração de aproximadamente 2 horas e 30 minutos,

a sala não dispunha de *data show* (o que facilita e agiliza bastante a apresentação teórica do conteúdo) somado a uma falta de intimidade dos estudantes com meios tecnológicos, salvo apenas seu manuseio com as redes sociais. Frente a isto, as aulas foram no formato expositiva-dialogada com uso do quadro e folhas como auxílio. Nosso último encontro porém, foi na sala de informática, cuja aula tinha por objetivo a produção de um currículo profissional dos estudantes, de modo a organizarem suas experiências (para àqueles já possuem) e também formalizar seus objetivos junto ao mercado de trabalho (este direcionado aos alunos mais jovens que nunca trabalharam, mas em breve buscarão colocação no mercado). Esta noite em especial, me marcou bastante pois fiquei surpresa com a grande dificuldade geral deles em operar um computador, tanto no editor de texto, quanto no Google, algo tão corriqueiro para as pessoas.

Este foi um dos desafios encontrados, mas tantos outros me chamaram atenção, como por exemplo as lacunas deixadas por uma alfabetização que não aconteceu no momento certo e que hoje afetam não o desejo, mas a capacidade de aprender dos alunos aumentando ainda mais o desafio de concluir os estudos na vida adulta. Outros aspectos percebidos foram a dificuldade de sintetizar uma informação, entender o que estava sendo lido e o seu respectivo significado, a falta de conhecimento da realidade econômica que os cercam (sobretudo dos mais jovens). Este contexto justifica a necessidade constante de ajustar o nível e a intensidade das aulas, que mencionei mais acima.

A etapa 3 é composta por uma turma mista no quesito idade, sendo que os mais jovens tem 15 anos (idade mínima exigida) e o aluno mais experiente tinha 69; baixo nível socioeconômico, 2 ou três trabalham com CTPS assinada, histórico familiar complexo, baixo nível de instrução com grande dificuldade de ler e escrever, o que reforça a questão da multiplicidade do EJA (Educação de Jovens e adultos). Naturalmente os mais jovens eram mais agitados, menos interessados e menos conscientes do papel da EJA e da EPT, por vezes ficavam brincando entre si ou com atenção no celular, atrapalhando os interessados.

Nestes episódios, a professora supervisora fez chamadas mais incisivas e me orientou a ser mais firme sempre que necessário e assim o fiz. Numa aula em específico, após os momentos de tensão, tive uma conversa séria e direta e obtive êxito no controle da turma. Outro contraponto que merece destaque: os alunos da escola recebem uniformes, mochila, material escolar, sala de aula com ar-condicionado, ambiente limpo e organizado, professores comprometidos, além de terem a disposição um refeitório com jantar de excelente qualidade, *wi-fi* e ainda assim há aqueles que parecem não reconhecer a importância e o valor deste suporte e da oportunidade que o EJA somado a EPT proporcionam. Me questionei por vários momentos se é somente a difícil (mas nem sempre e nem em todos os casos) realidade social a que estão inseridos que resulta na evasão escolar ou se não há ali, um desinteresse em sair da zona de conforto e buscar algo a mais para suas vidas.

Em virtude desta inquietude, durante as aulas sempre busquei valorizar os saberes da turma, aproximando exemplos com a realidade pessoal e da comunidade que são inseridos pois acredito que deste modo, o conhecimento faça mais sentido sendo possível identificar a teoria dentro do seu contexto bem como visualizar possibilidades de empreender e aplicar os conhecimentos de administração. Outro ponto reforçado nos encontros era a importância do conhecimento como forma de defesa e de autonomia, de modo que se tornem menos dependentes, menos suscetíveis a subjugação e a dominação, indo ao encontro do pensamento de Paulo Freire (1996, p.47) quando apresentou a ideia de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Frente a esta vivência, minha percepção com o estágio reafirma a importância e a influência que o professor exerce na vida dos alunos assim como eles ficam marcados em nossa memória, pois toda noite quando eu saía da escola, voltava para casa pensando de que forma eu poderia fazê-los ter o máximo de aproveitamento em nossos encontros, como eu poderia tornar aquela aula mais interessante e acima de tudo útil para a vida deles de forma geral. A docência

na EPT é um ofício que se baseia em saberes que são incorporados à vivência individual e coletiva tanto do professor quanto do aluno. Esses saberes são constituídos a partir de compreensão do contexto de atuação; conhecimento do conteúdo específico que está sendo ministrado; conhecimento pedagógico do professor (a forma como nos portamos e nos apresentamos em sala, refletem diretamente no sucesso da aula); grau de conhecimento dos alunos e etc.

A hora passava tão rápido que registramos apenas a última aula, como mostra a foto abaixo, na oficina de elaboração de currículos (Figura 1) realizadas com a etapa 3 e etapa 4 (formandos do EJA).

Figura 1 - Oficina de Elaboração de Currículo.



Fonte: Autoria própria.

Palavras Finais

Quando citei que a experiência da docência foi transformadora, foi porque conheci o outro lado da educação e seu dever social, além disso, lembro da insegurança com que cheguei no primeiro dia e como me atrapalhei com os esquemas no quadro e com o passar das aulas, as exposições ficaram mais organizadas. Alguns alunos ficaram guardados em meu coração pelo brilho e olhar

atento nas minhas explicações, apesar das dificuldades, pela vontade de me dar tchau ao fim da noite, pelo interesse que tive em conhecer sobre suas vidas.

Ao terminar este relato, termina também o estágio III e também minha trajetória como professora em formação, mas chega ao fim apenas o curso pois, como pude perceber, estamos em processo permanente de aprendizado, numa constante revisitação da nossas condutas e de como podemos melhorar, não apenas como professores mas também como pessoa e cidadã. Por isso, numa auto avaliação relaciono alguns aspectos que faria diferente hoje, como por exemplo a exposição dos esquemas no quadro (que embora não tenha havido reclamação da turma, só de pensar já me sinto envergonhada) e também teria proposto mais momentos de pesquisas, mesmo que fossem nos próprios *smartphones* dos alunos. Minha supervisora, professora Angelita, foi muito receptiva e teve papel fundamental no meu desempenho pois me acolheu de uma forma que eu não esperava, criando um ambiente que permitiu me sentir confortável ao mesmo tempo em que validou minha autoridade. Em nossa avaliação, disse que sempre podemos melhorar, por isso não me daria nota 10 em todos os requisitos. Se eu assumisse este papel, teria uma conduta semelhante, pois não me senti sufocada nem abandonada. Por outro lado, se eu fosse professora orientadora do estágio, teria ido *in loco* assistir pelo menos uma aula, para a partir do seu olhar e experiência, para fazer contribuições adequadas àquela realidade.

O ESE III agregou uma compreensão sobre as dificuldades reais das pessoas e o esforço que fazem para superá-las, ao mesmo tempo, reitero minha reflexão transcrita no desenvolvimento deste relato, no que diz respeito àqueles que tem a sua disposição todo suporte necessário para mudar o rumo da sua vida e mesmo assim preferem subestimar o caminho e as possibilidades que educação podem reverberar em suas vidas.

*“A vida é assim: esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.” (Guimarães Rosa).
A coragem é a mais importante de todas as virtudes. O tamanho das nossas conquistas depende, quase sempre, da subjugação dos nossos medos. Ousadia é quando o coração diz para a coragem: “vá”, e a coragem vai mesmo (a/d).*

Referências

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 28 de maio de 2021.** Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância. 2021. Disponível em: < https://www.gov.br/mec/pt-br/media/acao_informacao/pdf-arq/DiretrizesEJA.pdf >. Acesso em 29. Nov.2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO. **Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional.** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2023. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/programa-especial-de-graduacao/projeto-pedagogico>> Acesso em: 17 dez. 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



SOBRE OS ORGANIZADORES

Karla Marques da Rocha

Licenciada em Educação Física pela UFSM e Geografia pela FIC. Mestre em Educação pela UNIFRA. Doutora em Informática na Educação pela UFRGS. Professora da UFSM, Centro de Educação/PEG/PPGTER. Natural de Santa Maria/RS.

Guilherme Diego Fockink

Bacharel em Engenharia Florestal/UFSC. Mestre em Engenharia Florestal/UDESC. Doutorando em Engenharia Florestal/UFSM. Atua nas áreas de ecologia de ecossistemas e restauração ambiental. Natural de Cunha Porã/SC.

Sthéfany Possamai Gomes

Bacharel em Fisioterapia/ULBRA. Especialista em Dermatofuncional/Dom Alberto. Graduada no Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para A Educação Profissional pela UFSM. Especialista em Estética e Exercício Físico na Saúde da Mulher/Faculdade Alphaville. Especialista em Fisioterapia em Gerontologia/Alphaville. Atua na área de dermatofuncional, saúde da mulher e Gerontologia. Natural de Santa Maria/RS.

DADOS DOS AUTORES

Ana Paula Daniel

Bacharel em Farmácia e Bioquímica - Tecnologia dos Alimentos e em Farmácia Industrial/UFSM e possui Formação de Professores para Educação Profissional (UFSM). Mestre e Doutora em Ciência e Tecnologia de Alimentos/UFSM. Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico/UFSM. Natural de Santa Rosa/RS.

Angelita Freitas da Silva

Bacharel em Administração pela UFSM. Mestre em Administração pela UFSM. Especialista em Marketing pela FAE Business School. Atualmente, é professora do Colégio Politécnico da UFSM. Possui experiência na área de Administração de Empresas, com ênfase em Marketing e Gestão de Pessoas.

Angelita Tomazetti Scalmato

Bacharel em Geografia/UFN. Especialização em Interpretação de Imagens Orbitais e Suborbitais/UFSM. Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação Aplicadas à Educação/UFSM. Professora do Estado do Rio Grande do Sul, em Santa Maria/RS. Mestre em Geografia/PPGGEO/UFSM. Professora da Prefeitura Municipal de Santa Maria, na E.M.E.F. CAIC Luizinho de Grandi.

Augusto Gouvêa Weber

Bacharel em Engenharia da Computação/UFSM. Mestre em Informática/UFSM. Atua como pesquisador voluntário na UFSM colaborando com a elaboração de circuitos integrados e desenvolvimento de sensores de radiação para satélites. Natural de Porto Alegre/RS.

Cristiane Trivisiol Arnemann

Doutora em Enfermagem/PPGENF/UFRGS. Especialista em Formação Integrada Multiprofissional em Educação Permanente em Saúde/UFRGS/RS. Mestre em Enfermagem/UFSM. Natural de São Pedro do Sul/RS.

Débora Bonesso Andriollo

Bacharel em Fisioterapia/UFSM. Especialização em Traumato-Ortopedia e Desportiva/FACINTER e em Saúde Coletiva/SOBRESP. Mestre e Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana/UFSM. Atua como fisioterapeuta clínica e Agente de Saúde Pública e Vigilância Ambiental/PMSM. Natural de Cruz Alta/RS.

Denise Estivaleta Cunha

Graduada em Arquitetura e Urbanismo/UNIFRA, com formação no Programa Especial de Formação de Professores para a Educação Profissional/UFSM. Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade/UNINTER. Mestre em Arquitetura e Urbanismo/UFPEL. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Colégio Politécnico/UFSM. Natural de Santa Maria/RS.

Eliane Caldas Da Silva

Bacharel em Terapia Ocupacional/UFN. Especialização em Residência Multiprofissional Integrada em Sistema Público de Saúde/UFSM. Pós-Graduação em Terapia Ocupacional/FAMESP. Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens/UFN. Atua como Terapeuta Ocupacional clínica e professora do Colégio Politécnico/UFSM. Natural de Alegrete/RS.

Erika Goellner

Bacharel em Tecnólogo em Processamento de Dados pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (1987). Especialização em Sistemas de Computação/UFSM. Mestrado em Engenharia de Produção/UFSM. Professora da carreira do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Colégio Técnico Industrial/UFSM. Natural de Santa Maria/RS.

Fernando Fernandes Canavezi

Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas/Unicruz. Especialização em Direito Civil/Unisc, Gestor em Agronegócios/IFFAR ,Campus Júlio de Castilhos. Mestrando em Agronegócios/UFSM, Campus Palmeira das Missões. Natural de Cruz Alta/RS.

Franciele Antônia Neis

Bacharel em Ciências Biológicas/URI. Mestre em Agrobiologia /UFSM. Doutora em Biologia Celular e Molecular/UFRGS. Pós-doutora na área de metabólitos de plantas/INCT-TB. Atua como Professora Substituta no Colégio Politécnico/UFSM. Natural de Caiçara/RS.

Gabriel de Araujo Lopes

Bacharel em Agronomia/UFSM. Mestre em Agronomia/UFSM. Doutorando em Agronomia/UFSM. Atua na área de processos e técnicas de controle da qualidade física e fisiológica de sementes de plantas cultivadas. Natural de Agudo/RS.

Guilherme Diego Fockink

Bacharel em Engenharia Florestal/UFSC. Mestre em Engenharia Florestal/UDESC. Doutorando em Engenharia Florestal/UFSM. Atua nas áreas de ecologia de ecossistemas e restauração ambiental. Natural de Cunha Porã/SC.

Iochane Garcia Guimarães

Bacharel em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Pampa (2012), especialista em Gestão da Produção pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015), Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Maria (2016), Doutora em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Santa Maria (2021). Atualmente é docente no Instituto Federal Farroupilha.

João Antônio Rodrigues Santos

Bacharel em Engenharia Florestal/UFAC. Mestre em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais/UFAC. Doutorando em Engenharia Florestal/UFSM. Natural de Rio Branco/AC.

Juliana Cechin Quinhones

Bacharel em Medicina Veterinária (UNIPAMPA), Especialista em Defesa Sanitária e Tecnologia e Inspeção de Produtos de Origem Animal com Ênfase em Legislação (UNIMAIS), Especialista em Docência do Ensino Superior (Faculdade Iguazu). Atua como Responsável técnica em indústria de produtos de origem animal. Natural de Santa Maria/RS.

Karla Marques da Rocha

Licenciada em Educação Física pela UFSM e Geografia pela FIC. Mestre em Educação pela UNIFRA. Doutora em Informática na Educação pela UFRGS. Professora da UFSM, Centro de Educação/PEG/PPGTER. Natural de Santa Maria/RS.

Lidiane Viera Machado

Tecnóloga em alimentos (UFSM), Mestre em Ciência e Tecnologia de Alimentos (UFSM), Doutora em Ciência e Tecnologia de Alimentos (UFSM) e possui Formação de Professores para Educação Profissional (UFSM). Atua como professora da educação básica tecnológica (UFSM).

Luciani Medianeira Boezzio

Bacharel em Administração pela UFSM. Atua na área financeira em Santa Maria/RS. Natural de Santa Maria/RS.

Luiz Antero de Oliveira Peixoto

Bacharel em Medicina Veterinária/UFSM. Mestre em Zootecnia/UFSM, Doutor em Ciências/UFPel, Coordenador no Curso Integrado em Agropecuária, Instituto Federal Farroupilha, Campus Júlio de Castilhos, Natural de Santa Maria/RS.

Marcus Vinicius Nascimento Schleder

Bacharel em Administração pela UFSM. Especialista em Auditoria e Controladoria pela UFSM. Mestre em Administração pela UFSM. Atua nas áreas de Administração Pública, Gestão de Pessoas e Tecnologia da Informação. Natural de Santa Maria/RS.

Milena Bagetti

Bacharel em Farmácia e Bioquímica - Tecnologia dos Alimentos/UFSM, licenciada em Biologia/UNISUAM. Especialista em Docência no Ensino Superior/UFN e em Educação/IFsul-rio-grandense. Mestre em Ciência e Tecnologia de Alimentos/UFSM. Doutora em Ciência de Alimentos/UNICAMP. Professora da rede estadual de ensino do RS. Natural de Três Passos/RS.

Patrícia Sabino da Silva

Bacharel em Engenharia Química/UFSM. Mestre em Engenharia Mecânica/UFR. Licenciada pelo Programa Especial de Formação de Professores para a Educação Profissional e Tecnológica/UFSM. Doutora em Engenharia Química/UEM. Atua como docente do Colégio Politécnico/UFSM.

Roberto Oliveira Weber

Bacharel, Licenciado e Mestre em Direito. Atualmente é professor no Instituto Federal Farroupilha - Campus Júlio de Castilhos - RS. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Previdenciário, Administrativo e Constitucional. Atua no Instituto Federal Farroupilha nos cursos de Bacharelado em Administração, Tecnólogo em Agronegócio, Bacharelado em Sistemas da Computação e Técnico em Comércio.

Sthéfany Possamai Gomes

Bacharel em Fisioterapia/ULBRA. Especialista em Dermatofuncional/Dom Alberto. Especialista em Estética e Exercício Físico na Saúde da Mulher/Faculdade Alphaville. Especialista em Fisioterapia em Gerontologia/Alphaville. Atua na área de dermatofuncional, saúde da mulher e Gerontologia. Natural de Santa Maria/RS.

Tatiana Taschetto Fiorin

Bacharel em Agronomia/UFSM. Mestre em Ciência do Solo/UFSM. Doutora em Ciência do Solo/UFSM. Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Colégio Politécnico/UFSM. Natural de Santa Maria/RS.

Veridiana Pillon

Bacharel em Administração/UFN. Especialista em Gestão de Empresas/FGV. Natural de Santa Maria/RS.

ÍNDICE REMISSIVO

A	
Administração	83 84 133
Agronegócio	35
Aluno	12 13 15 16 17 20 22 24 25 27 29 31 32 33 34 35 42 44 45 46 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 90 91 92 93 94 95 96 97 100 101 102 103 104 115 116 117 119 120 121 122 125 126 127 130 131 132 133 134 135
Aprendizagem	10 12 21 22 24 27 33 34 38 44 46 54 57 58 59 61 63 64 65 67 69 72 73 74 77 78 79 84 85 90 96 98 99 100 102 103 105 112 114 117
Áreas Protegidas	49 52 53 57
Assistente Administrativo	97 130 131
Aula prática	131
C	
Conhecimento	8 10 13 14 20 21 22 24 25 26 27 28 30 31 32 33 34 35 37 38 40 42 44 45 50 51 56 60 61 63 65 66 69 71 74 77 79 80 82 84 85 87 91 93 95 96 98 100 102 104 107 115 116 117 122 123 124 125 126 128 129 130 132 133 134
Construção de Conhecimento	18 102
Cuidados de Idosos	20 115 116
Cuidados Paliativos	117 123 124 125 126
CTISM	11

D	
Desafio	8 10 12 14 15 17 22 26 33 34 35 36 38 39 40 44 46 48 56 57 58 61 63 64 65 67 70 72 76 77 80 83 90 91 94 95 101 103 115 117 119 122 127 132
Desafios Pedagógicos	
Desenvolvimento Profissional	85 127
Docência	10 11 12 17 19 27 34 36 38 58 68 69 70 73 80 82 93 104 106 123 126 127 129 130 131 133 134
Docência orientada	11 131
E	
Educação	18 19 20 25 27 29 32 33 34 35 36 37 38 39 48 49 57 58 59 60 61 62 66 67 68 85 90 94 96 97 100 101 102 103 105 107 112 114 135
Educação Ambiental	
Educação Profissional e Tecnológica	39 48 57 59 130
Elaboração	12 40 56 62 64 72 73 74 79 85 87 108 116 134
Envelhecimento	20 21 22 23 24 25 26 28 111
Ensino	8 9 11 12 19 20 23 24 25 27 28 30 31 33 34 35 37 38 39 40 43 44 46 48 49 50 51 52 55 57 58 59 60 61 62 63 65 66 67 69 70 71 72 73 77 82 83 87 92 93 94 95 99 100 102 103 104 105 106 107 108 113 115 116 117 120 122 123 124 125 126 127 129 130 131
Ensino Técnico	30 31 35 38 69 71 92 107 108 113
Estágio Docente	71 77
Estágio Supervisionado	8 9 10 11 19 20 27 29 30 31 34 35 37 38 39 48 49 58 59 60 61 62 66 67 70 82 84 95 97 104 107 108 126 129 130
Estágio Supervisionado de Ensino III	8 11 19 20 29 37 39 64 67 82 83 97 104 116 130

Estudo de Fármacos	
Experiência	8 13 17 18 22 26 27 28 30 31 32 33 34 35 37 38 40 42 44 45 50 51 56 60 61 63 65 66 69 71 74 77 79 80 82 84 85 87 91 93 95 96 98 100 102 104 107 115 116 117 122 123 124 125 126 128 129 130 132 133 134
F	
Formação	8 10 19 20 27 29 34 35 36 37 38 39 40 48 49 50 57 58 59 60 61 62 63 66 67 68 69 70 71 80 81 82 83 84 90 91 92 95 96 97 98 101 102 107 113 114 115 120 127 128 129 130 131 132 135 136
Formação de Professores	29 37 49 59 60 82 95 101 107 129
Formação Docente	9 19 36 48 59 60 67 105 115
Formação Profissional	57 58 63 97 98 106 114 116 128 131
G	
Garantia da Qualidade	70 72 75 79
Gestão de Pessoas	83 84 88 97 98 100 104
H	
Humanidade	59
I	
Impactos Ambientais	50 51 52
Informática	11 12 13 14 15 85 86 111 132
M	
Meio Ambiente	21 48 49 57 58
Metodologias Ativas	9 13 18 19 22 41 50 56 57 59 74 87 98 112 117
O	
Olericultura	37 38 39 40 43 44 45 46 47

P	
Paisagismo	62 65 66 67
Pesquisa de Campo	113
Planejamento	12 13 14 32 33 34 42 44 50 57 61 62 64 65 72 73 83 84 85 88 90 92 103 116 117 120 127
Planos de Aula	14 30 32 50 84 108 131
Praças	64
Projeto Pedagógico	107 108 114 131 136
Práticas de Ensino	30 38 108
S	
Sustentabilidade	67
V	
Vivências	11 13 14 20 39 41 49 61 62 63 65 67 75 77 83 84 97 101 112 113 116 129 130

Aprender a Ensinar:

experiências docentes na Educação Profissional

Karla Marques da Rocha
Guilherme Diego Fockink
Sthéfany Possamai Gomes
(ORGS.)

